



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Maria Aparecida da Silva

**Entre faixas, bandeiras e sinalizadores: o torcer-criança em uma torcida de
futebol da cidade do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2024

Maria Aparecida da Silva

Entre faixas, bandeiras e sinalizadores: o torcer-criança em uma torcida de futebol da cidade do Rio de Janeiro

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lisandra Ogg Gomes

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S586 Silva, Maria Aparecida da
Entre faixas, bandeiras e sinalizadores: o torcer-criança em uma torcida de
futebol da cidade do Rio de Janeiro/ Maria Aparecida da Silva. – 2024.
108 f.

Orientadora: Lisandra Ogg Gomes.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Crianças – Rio de Janeiro – Teses. 3. Infância –
Teses. 4. Futebol – Teses. I. Gomes, Lisandra Ogg. II. Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

br

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Maria Aparecida da Silva

Entre faixas, bandeiras e sinalizadores: o torcer-criança em uma torcida de futebol da cidade do Rio de Janeiro

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 29 de agosto de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Lisandra Ogg Gomes (Orientadora)

Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Rita Ribes Pereira

Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Anelise Monteiro do Nascimento

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Livia Gonçalves Magalhães

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder força, coragem e saúde para chegar até aqui.

À todas as crianças deste mundo, em especial às crianças torcedoras que construíram essa pesquisa comigo e mostraram a potência de suas ações no estádio do Maracanã. Obrigada pelos encontros, pelas conversas, pela cumplicidade e por todo o afeto envolvido nas nossas relações. Aprendi muito com cada uma e amei torcer com vocês. Viva o torcer-criança!

À Lisandra, minha querida orientadora, que sempre esteve disponível para me auxiliar. Agradeço por todos os conhecimentos, leituras cuidadosas, longas e pacientes conversas e por todo o carinho e incentivo. A sua orientação, infinitamente amorosa e competente, foi determinante para a qualidade dessa dissertação. Obrigada por acreditar em mim!

Aos responsáveis das crianças torcedoras, pela parceria na realização desta pesquisa.

A todos os torcedores e torcedoras que direcionaram o meu percurso em campo, em especial aos componentes do Núcleo de Festa da Torcida Organizada *Young Flu*.

Ao senhor Luiz, meu pai, que mesmo sabendo os resultados dos jogos, faz questão de me esperar chegar, todas as noites, para perguntar. A partir daí, passamos um bom tempo juntos, conversando sobre a vida e como o futebol já não é mais o mesmo. Eu te amo, pai!

À minha mãe, Maria, como eu, que é a mulher mais batalhadora e guerreira que eu conheço. Durante toda a minha formação, da escola até aqui, tive você como inspiração de força. Eu te amo demais, minha mãe! Obrigada por tudo e por tanto! Cada palavra dessa dissertação tem o sabor e o cheiro do café que você preparou para mim.

À Thamara, por ser a melhor amiga que eu poderia ter.

Ao Rodrigo, pelas constantes palavras de incentivo, apoio e carinho, fundamentais para que eu chegasse até aqui, e por dividir comigo a alegria que é ser Fluminense.

Ao Higor, por ter cruzado o meu caminho durante a pesquisa e por ser, desde então, sinônimo de parceria, alegria e motivação. Você é maravilhoso!

À Rita, pelas potentes contribuições, trocas e parcerias construídas, sobretudo durante as aulas da disciplina de Infância e Juventude e na etapa de qualificação desta pesquisa.

Ao Dilton, pelas empolgantes trocas que marcaram a minha trajetória.

À Conceição, por ter-me apresentado à academia e feito da pesquisa a minha paixão.

Aos integrantes do Território dos Estudos da Infância (TEI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em especial a Anna, por compartilhar comigo as emoções dessa jornada, e ao Marco, por ser um amigo incrível, apesar de torcer para o Botafogo.

A todos do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFUT) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pelos conhecimentos, trocas e amizades construídas.

Às professoras e professores membros da banca examinadora, por terem aceitado o convite de colaborar com essa pesquisa e pela leitura da dissertação.

À UERJ e a todos os seus funcionários, por terem me acolhido desde a graduação.

À CAPES, pelo auxílio financeiro que permitiu o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Fluminense, não enquanto instituição, mas o Fluminense que eu, ainda, não sei explicar o que seja. Falo sobre aquele que está nas coincidências, nos gols nos acréscimos, nas miudezas do esporte. O Fluminense que eu, desde criança, sinto.

A utopia está lá no horizonte.
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.
Para que serve a utopia?
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano

RESUMO

SILVA, Maria Aparecida da. *Entre faixas, bandeiras e sinalizadores: o torcer-criança em uma torcida de futebol da cidade do Rio de Janeiro*. 2024. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Nesta dissertação, denomino como *torcer-criança* a ação de torcer por uma agremiação esportiva de futebol, manifestada por sujeitos que possuem de 0 a 12 anos de idade. Na posição de torcedora, a criança compartilha cânticos, gestos, histórias, tradições e um conjunto de símbolos comuns com outros torcedores. Juntos, eles constituem a torcida, que, no estádio, é representada pela multidão. Considerando este conceito e partindo da premissa de que as crianças são sujeitos que não somente apreendem, mas constroem e significam a cultura, o principal objetivo desta pesquisa foi compreender quais são as experiências, significações e relações que atravessam o torcer-criança durante os jogos de futebol da equipe profissional masculina do Fluminense *Football Club*, nas arquibancadas do Estádio Jornalista Mário Filho, popularmente conhecido como Maracanã, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. De caráter etnográfica, a metodologia foi conduzida a partir da observação-participante, utilizando as técnicas auxiliares de observação, fotografia e conversas com dez crianças torcedoras do Fluminense, de idades entre 4 a 12 anos, em jogos de futebol que ocorreram no período de janeiro de 2023 a abril de 2024. A imersão em campo, junto com as crianças, permitiu a identificação de regularidades nas narrativas, práticas e relações tecidas na arquibancada, contribuindo para a categorização do material empírico em três eixos de análise, sendo: 1) socializações, experiências e aprendizagens; 2) corpo; e 3) questões de gênero. Para dialogar com os dados empíricos, foram explorados os referenciais teóricos situados no campo dos Estudos da Infância, Cultura e Sociedade. A partir dessas análises, foi possível constatar que as crianças constroem formas e significações próprias de torcer, desempenhando funções importantes para a manutenção das culturas de arquibancada, como a (re)produção de símbolos e a participação na preparação de festas tradicionais da torcida. Além disso, foi possível perceber que a posição subalternizada da categoria de infância, na sociedade, bem como os contextos políticos, econômicos e sociais que estruturam o país, impactam a presença e as experiências das crianças no estádio de futebol. Contudo, também foi verificado que a arquibancada possui um modo de funcionamento específico, atravessado pela cultura popular, onde as crianças experimentam, ainda que temporariamente, relações e papéis sociais que não usufruem em outros tempos e espaços.

Palavras-chaves: Crianças. Torcer-criança. Infância. Futebol. Torcidas.

ABSTRACT

SILVA, Maria Aparecida da. *Between banners, flags and flares: the child supporter in a football crowd in the city of Rio de Janeiro*. 2024. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

In this dissertation, I refer to the action of cheering for a football team as cheering-children, as expressed by subjects aged between 0 and 12 years old. As a fan, the child shares chants, gestures, stories, traditions and a set of common symbols with other fans. Together, they make up the supporters, which in the stadium is represented by the crowd. Considering this concept and starting from the premise that children are subjects who not only apprehend, but also construct and signify culture, the main aim of this research was to understand the experiences, meanings and relationships that run through children's cheering during football matches of the Fluminense Football Club men's professional team, in the stands of the Jornalista Mário Filho Stadium, popularly known as Maracanã, located in the North Zone of the city of Rio de Janeiro. Ethnographic in nature, the methodology was based on participant observation, using the auxiliary techniques of observation, photography and conversations with ten child Fluminense fans, aged between 4 and 12, at football matches that took place between January 2023 and April 2024. Immersion in the field with the children allowed us to identify regularities in the narratives, practices and relationships woven in the stands, contributing to the categorisation of the empirical material into three axes of analysis: 1) socialization, experiences and learning; 2) the body; and 3) gender issues. In order to engage in dialogue with the empirical data, we explored theoretical references in the field of Childhood, Culture and Society Studies. From these analyses, it was possible to see that children construct their own forms and meanings of cheering, performing important functions for the maintenance of the grandstand culture, such as (re)producing symbols and taking part in the preparation of traditional fan festivities. In addition, it was possible to see that the subordinate position of the category of childhood in society, as well as the political, economic and social contexts that structure the country, have an impact on the presence and experiences of children at the football stadium. However, it was also noted that the stands have a specific way of functioning, crossed by popular culture, where children experience, albeit temporarily, social roles that they don't enjoy in other times and spaces.

Keywords: Children. Cheer-child. Childhood. Football. Twisted.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O Maracanã antigo.....	30
Figura 2 - Divisão de setores do Maracanã.....	38
Figura 3 - Mapa de satélite do Maracanã e de seu entorno.....	44
Figura 4 - Mapa com delimitação do bairro do Maracanã.....	44
Tabela 1 - As crianças participantes da pesquisa.....	51
Figura 5 - O dedo do meio do Cara Pintada.....	58
Figura 6 - Maria Alice e o pó de arroz.....	64
Figura 7 - Crianças na bateria da torcida.....	66
Figura 8 - Os braços erguidos de Cristiano Ronaldo.....	71
Figura 9 - Em meio a multidão, Laura incentiva o time.....	71
Figura 10 - Olhos tricolores de Gabriela.....	73
Figura 11 - Maria protegendo-se do pó de arroz.....	74
Figura 12 - CONMEBOL VERGONHA! LIBERDADE PRA TORCER!.....	75
Figura 13 - Olhos e celulares apontados para Cara Pintada.....	77
Figura 14 - Luz, câmera: torcer-criança em ação.....	77
Figura 15 - A camisa da <i>Young Flu</i>	78
Figura 16 - Mandala oficial da <i>Young Flu</i>	80
Figura 17 - Os símbolos da <i>Young Flu</i> na fachada da sede.....	81
Figura 18 - O punho colado.....	83
Figura 19 - As crianças no mar branco da <i>Young Flu</i>	84
Figura 20 - O jogo assistido sobre o espaldar das cadeiras.....	85
Figura 21 - O corpo que torce na ponta dos pés.....	85
Figura 22 - Gabriela e a torcida de meninos e meninas.....	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Preço médio do ingresso (inteira), por setores, nos jogos do Fluminense em que o clube foi mandante, no Estádio do Maracanã, no período de janeiro de 2023 a abril de 2024.....	39
Gráfico 2 - Preço médio do ingresso (inteira), no Setor Sul, nos jogos do Fluminense em que o clube foi mandante, no Estádio do Maracanã, de janeiro de 2023 a abril de 2024.....	40
Gráfico 3 - Sexo dos adultos que acompanham, no Maracanã, as crianças da pesquisa	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDC	Convenção sobre os Direitos das Crianças
CND	Conselho Nacional de Desportos
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EDT	Estatuto do Torcedor
FERJ	Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro
FIFA	Federação Internacional de Futebol
LGE	Lei Geral dos Esportes
ONU	Organização das Nações Unidas
PST	Programa de Sócio-Torcedor
TO	Torcida Organizada
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	12
1	INFÂNCIA, CRIANÇAS E CULTURA.....	17
2	A BOLA ROLA NO MARACANÃ: O FUTEBOL COMO FENÔMENO SOCIAL.....	25
2.1	“Aha, uhu, o Maraca é nosso!”: o futebol que nasce elitista e se torna popular.....	26
2.2	O Maraca ainda é nosso? Relações capitalistas, econômicas e midiáticas no futebol.....	31
3	METODOLOGIA DE UMA PESQUISADORA-TORCEDORA.....	43
4	O TORCER-CRIANÇA NA ARQUIBANCADA.....	54
4.1	Tornar-se torcer, ser torcedor: socializações, experiências e aprendizagens.....	54
4.2	Corpos que brincam, que fintam, que torcem nas pontas dos pés.....	69
4.3	“Todo mundo é menino e eu sou a única menina”: relações de gênero.....	86
	CONCLUSÃO.....	97
	REFERÊNCIAS.....	100
	ANEXOS.....	107

INTRODUÇÃO

A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.
Manoel de Barros

No final do século XIX, o futebol foi introduzido no território brasileiro por imigrantes britânicos. Na época, a prática do desporto era realizada e contemplada, sobretudo, por indivíduos que integravam a elite econômica e social. Contudo, já nas primeiras décadas do século XX, iniciou-se uma crescente popularização do futebol no tecido social brasileiro, impulsionada pelo surgimento dos times de operários, dos jogos realizados em espaços públicos e de medidas políticas que incentivaram a difusão do esporte (MASCARENHAS, 2014). Essa expansão permitiu que os sujeitos das mais variadas classes sociais se apropriassem, a partir de narrativas e contextos próprios, do futebol institucionalizado.

Desde então, o futebol tornou-se uma paixão compartilhada por milhões de brasileiros, sendo reconhecido como elemento da cultura brasileira, símbolo de identidade nacional e uma das principais formas de lazer urbanas. Assim, o esporte que, em sua origem, era dominado somente por uma parcela financeiramente abastada da sociedade, se transformou em um espetáculo coletivo globalizado e midiático que mobiliza multidões de torcedores de todas as camadas sociais a cultivarem experiências físicas e simbólicas com os clubes que torcem. Portanto, o avanço dos jogos de futebol pelo território brasileiro significou, paralelamente, o crescimento da prática torcedora no país, representando “o princípio das torcidas como concebidas atualmente, ligadas a seus clubes a partir de uma noção de identificação social” (PAPA, 2022, p. 69).

Torcer por uma agremiação esportiva é compartilhar, com outros sujeitos que constituem a torcida, cânticos, gestos, histórias, tradições e um conjunto de símbolos que identificam o clube e o próprio movimento coletivo. Nesse sentido, corroboro com Damatta que o torcer, construído e significado por muitos brasileiros, é um “verbo que ultrapassa a mera ação intelectual, cognitiva ou estética, expressa no admirar e no assistir, para promover um laço totalizante” (DAMATTA, 2006, p. 113). Esse laço totalizante é manifestado na potência dos movimentos dos corpos daqueles que torcem, no estádio, e é capaz de fortalecer a existência do grupo e o rendimento do time, como indica Rosenfeld (1993),

O "torcedor" designa, portanto, a condição daquele que, fazendo fíga por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória. Com isso reproduz-se muito plasticamente a participação do espectador que 'co-atua' motoramente, de forma intensa, como se pudesse contribuir, com sua conduta aflita,

para o sucesso de sua equipe, **o que ele, enquanto torcida - como massa de fanáticos que berram - realmente faz** (ROSENFELD, 1993, p. 94, grifos meus).

Nesse ponto de vista, o torcer se afirma no processo de apropriação de sentidos e condutas que são construídas coletivamente. Ou seja, é a torcida, em sua totalidade e configuração grupal, representada pela multidão na arquibancada, a detentora da potência capaz de redefinir os rumos de uma partida, desempenhando um papel ativo no espaço-tempo do estádio de futebol (DAMATTA, 1994). Desse modo, a torcida atua, mesmo que fora das quatro linhas que delimitam o gramado, como um décimo segundo jogador: os gritos, gestos, rituais e demais performances coletivas produzidas no estádio constituem uma força agigantada, vibrante, pulsante, que busca conduzir o time à vitória.

Era justamente desse convívio coletivo que eu sentia falta quando criança. Em 2006, aos 9 anos de idade, por influência de amigos da escola, decidi ser torcedora do Fluminense *Football Club*, um dos mais tradicionais times de futebol da cidade do Rio de Janeiro. Torcer passou a ser, desde então, a minha experiência favorita, mesmo encontrando barreiras para vivenciar de forma plena essa condição enquanto criança. Isso porque não havia quem pudesse me acompanhar no Maracanã, estádio onde o Fluminense joga quando é mandante das partidas.¹ Sou filha de nordestinos que, naquela época, eram recém-chegados ao Rio de Janeiro e manifestavam receio em desbravar os espaços da cidade grande. Além disso, a minha família nunca demonstrou interesse em se envolver com o futebol, embora meu pai, torcedor de time nenhum, assistisse aos jogos pela televisão aos fins de semana. Dado esse contexto, eu não frequentava as arquibancadas.

Em 2007 e 2008, durante as excelentes campanhas do Fluminense na Copa do Brasil e na Copa Libertadores, eu não pude assistir a nenhuma partida, nem mesmo as televisionadas, pois estas eram transmitidas nos canais abertos às 22 horas, o que, para a minha mãe, não era horário de criança estar acordada. “Pode deitar! Criança tem que dormir cedo! Amanhã tem escola!”, ela dizia. A tristeza, que escorria como banho de água fria sobre a esperança que eu sustentava de ver o jogo, não era suficiente para afogar o meu desejo de torcer. Então, eu me deitava na cama, fingia que estava dormindo e ia acompanhando a partida pela reação dos meus vizinhos. Eu não via o Fluminense, mas, de olhos fechados, eu o imaginava. E torcia. Torcido se mantinha o meu próprio corpo, que cruzava os dedos das mãos para atrair sorte. A minha boca ficava seca. O time ia mal? Os jogadores não conseguiam finalizar? O que acontecia em

¹ Mandante é o clube que tem a possibilidade de jogar a partida no estádio de seu interesse. O mandante também é o detentor dos direitos de negociação da transmissão do jogo na televisão, rádio ou plataformas de *streaming*, de acordo com a Lei 14.597/2023 (BRASIL, 2023).

campo? O silêncio, meu adversário, precisava ser interrompido. Finalmente, os gritos eufóricos do morador da casa ao lado e o barulho dos fogos de artifício suspendiam o vazio sonoro e anunciavam o momento mais esperado por mim, torcedora-criança: o gol. Imaginava a bola estufando a rede do Maracanã e garantindo a classificação do Fluminense, na semifinal da Copa Libertadores, contra a equipe do São Paulo. Teria sido um chute de fora da área, por cobertura, surpreendendo o goleiro? E o autor do gol, quem foi? Me imaginava, com um sorriso de orelha a orelha, em meio a multidão que certamente ocupava as arquibancadas do estádio. Como seria se eu estivesse lá? Choraria de emoção? Gritaria até que boca ficasse dormente? Como eles eram sortudos por estar lá. Eu comemorava, quietinha, deitada na cama. O meu corpo arrepiava da pontinha do pé até o último fio de cabelo. Era como se um raio passasse por dentro de mim, numa velocidade incalculável, energizando todas minhas células. Eu não via o Fluminense, mas eu o sentia.

O vazio que as restrições impunham a minha forma de torcer, quando pequena, era grande e infinito, povoado de sonhos, invenções, sentidos e estesias, do mesmo modo que os despropósitos do “Menino que carregava água na peneira”, poema publicado por Manoel de Barros (1999) no livro “Exercícios de ser criança”. Nos versos, Manoel descreve um menino que se interessa por experiências que, para a mãe, eram vazias, despossuídas de razão, como transportar água em uma peneira. Contestando as ações da criança, a mãe dizia que “carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos” (BARROS, 1999). Mas o vazio, quando ocupado de peito aberto, vira potência, poesia e possibilidade. Assim fazia Garrincha² para dar dribles desconcertantes: lançava o corpo em direção ao vazio para escapar da marcação dos jogadores adversários (SIMAS, 2021). Como Garrincha e o menino que carregava água na peneira, eu sabia lidar com o vazio, e nele fazia morada para a imaginação. Mas eu queria mais. Queria desbravar o cheio, a multidão. Eu queria entrar no Maracanã, subir as arquibancadas e estar junto com a torcida.

Em 2009, aos 12 anos, comecei a acompanhar as partidas pela TV. Tudo o que eu mais queria na vida era poder ir em algum jogo, mas meus pais continuavam insistindo que não era o momento, que eu ainda era muito pequena e que os estádios eram perigosos. Até que, em 2012, acompanhada do meu pai, fui ao estádio pela primeira vez. Mas já não era mais criança.

De modo a mergulhar em uma realidade que eu não vivenciei durante a infância, essa pesquisa foi construída com o objetivo geral de compreender quais são as experiências,

² Jogador de futebol brasileiro que atuou entre as décadas de 1950 a 1970, destacando-se principalmente na equipe do Botafogo (RJ) e na Seleção Brasileira de Futebol.

significações e relações que atravessam o torcer-criança durante os jogos de futebol da equipe profissional masculina do Fluminense, no estádio do Maracanã.

Defino como torcer-criança a ação de torcer por uma agremiação esportiva de futebol, manifestada por sujeitos que têm de 0 a 12 anos de idade. Essa prática não está desvinculada da essência mais ampla de ser torcedor, conduzida também por sujeitos inseridos em outras categorias geracionais, como jovens, adultos e mais velhos. No entanto, o torcer-criança possui singularidades que o tornam particular, que vão desde as regras de acesso ao estádio, até as experiências vividas nesse espaço-tempo, bem como os sentidos que as próprias crianças conferem a elas. Ademais, embora esta pesquisa se volte a investigar o torcer-criança manifestado no âmbito do estádio de futebol, entendo que o mesmo não ocorre somente neste espaço, mas também em outros do tecido social, como nas casas e nas ruas, possuindo, desse modo, outras especificidades.

Desse modo, os objetivos específicos desta dissertação são: 1) analisar as práticas torcedoras das crianças no estádio; 2) entender quais sentidos as crianças atribuem a essas práticas torcedoras; 3) identificar quais relações estabelecem com seus pares e sujeitos pertencentes a outras categorias geracionais.

Para facilitar o alcance aos objetivos da pesquisa, a delimitação do tema foi necessária. Assim, busquei compreender o problema da investigação em diálogo com dez crianças torcedoras do Fluminense, de idades entre 4 a 12 anos, durante os jogos da equipe profissional e masculina do clube, nas arquibancadas do Estádio Jornalista Mário Filho, popularmente conhecido como Maracanã, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, no bairro do Maracanã. A investigação foi desenvolvida ao longo de 40 jogos em que o clube disputou como mandante, no referido estádio, no período de janeiro de 2023 a abril de 2024, em partidas válidas pelo Campeonato Carioca, Campeonato Brasileiro e pela Copa Libertadores.

Em contraposição às lógicas desenvolvimentistas e adultocêntricas que narram as crianças como indivíduos ainda não capazes de atuarem na sociedade, enraizadas em uma construção social que culminou na simbólica separação entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças (ARIÈS, 1983), essa pesquisa parte da premissa de que as crianças são sujeitos de direitos, que estão na sociedade e que constroem e significam a cultura. Nesse sentido, corroboro com a concepção de que “as crianças não constituem nenhuma comunidade separada, mas são partes do povo e da classe a que pertencem” (BENJAMIN, 1987, p. 247). Inseridas na infância, categoria geracional e estruturante da sociedade, as crianças, estabelecendo relações com seus pares e com indivíduos integrantes de outras categorias geracionais, não se posicionam alheias à vida social. Pelo contrário, elas impactam e são impactadas pelas decisões

políticas, sociais e econômicas. De maneira mais aprofundada, apresento as reflexões sobre essa abordagem teórica no primeiro capítulo.

No segundo capítulo da dissertação, apresento uma discussão sobre o futebol como fenômeno social. Esse capítulo é subdividido em duas partes: na primeira, faço uma breve contextualização histórica sobre o surgimento do futebol no Brasil, que emerge de uma forma elitizada, mas, aos poucos, se populariza, tornando-se elemento da cultura brasileira. Já na segunda parte, discorro sobre as relações capitalistas, econômicas e midiáticas que atravessam o universo do futebol e provocam mudanças significativas no torcer no estádio. Em ambos os subcapítulos, articulo as análises aos contextos de construção e reformas do Maracanã, campo de pesquisa desta dissertação.

No terceiro capítulo, esclareço os percursos metodológicos que estruturam a presente investigação etnográfica. Para tanto, a metodologia adotada foi a de observação-participante, em articulação com as técnicas auxiliares de observação, conversas com as crianças participantes e registros fotográficos. Também neste capítulo, escrevo sobre os desafios que emergiram, em campo, ao assumir a dualidade de papéis: o ser pesquisadora e o ser torcedora.

“O torcer-criança na arquibancada” é o quarto e último capítulo da dissertação, inteiramente voltado para as discussões do campo de pesquisa. É nele onde apresento o material empírico da investigação, bem como as análises construídas a partir desse material, categorizadas em três eixos de análise, enumeradas e organizadas da seguinte forma: 4.1) socializações, experiências e aprendizagens; 4.2) corpo; 4.3) relações de gênero. Essas categorias foram pensadas a partir da identificação de regularidades nas narrativas, práticas e relações tecidas pelas crianças no Maracanã.

Nas considerações finais, reafirmo o lugar das crianças como sujeitos ativos na produção de cultura, uma vez que, no estádio, foi possível verificar que elas constroem formas e significações próprias de torcer, desempenhando funções importantes para a manutenção da cultura de arquibancada, como a reprodução de símbolos e a participação na preparação de festas tradicionais da torcida. Foi possível perceber que a posição subalternizada da categoria de infância, na sociedade, bem como os contextos políticos, econômicos e sociais que estruturam o país, impactam a presença e as experiências das crianças no estádio de futebol. Contudo, também foi visto que a arquibancada possui um modo de funcionamento específico, atravessado pela cultura popular, onde as crianças experimentam, ainda que temporariamente, papéis sociais que não usufruem em outros tempos e espaços.

1. INFÂNCIA, CRIANÇAS E CULTURA

Etimologicamente, a palavra infância, originária do latim *infantia*, refere-se àquele que não fala, o que simbolicamente representa “o lugar do detentor do discurso inarticulado, desarranjado ou ilegítimo” (SARMENTO, 2005, p. 368). Acontece que esse significado não se restringe somente à etimologia da palavra, uma vez que está vinculado à uma concepção de infância, ou seja, à maneira como os indivíduos pertencentes a outras categorias geracionais se relacionam, na sociedade ocidental, com os sujeitos inseridos na infância: as crianças.³

Nessa abordagem, fundamentada, sobretudo, na área da Psicologia do Desenvolvimento (MARCHI, 2009), as crianças são vistas como seres incompletos, imaturos e inexperientes para participar da política, da cultura e de contextos sociais. Assim, o que as crianças têm a dizer sobre esses cenários é desconsiderado, especialmente pelos adultos, que detém o poder sobre as relações e formas de organização da sociedade. Desse modo, a lógica adultocêntrica instituída ocasiona uma ruptura discursiva entre quem diz e é ouvido e aquele que tem a sua fala desencorajada e deslegitimada no espaço público, até mesmo nas decisões que interessam e impactam a todos (QVORTRUP, 2010).

Comumente naturalizada, essa forma de conceber as crianças surgiu com a própria construção social de infância, cunhada ainda na Modernidade, nos séculos XVI e XVII. A representação de personagens religiosos, em pinturas, com traços de crianças, como o menino Jesus e de Nossa Senhora Menina, foi um condicionante histórico que provocou o aparecimento dos sentimentos de sensibilidade e moralidade em relação às crianças – o que antes era inexistente, pois as crianças eram vistas como adultos em miniatura e participavam das mesmas atividades desempenhadas pelos adultos (ARIÈS, 1981).

A dada conjuntura marcou o surgimento da infância, bem como a simbólica separação entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças, porque “passou-se a admitir que a criança não estava madura para a vida, e que era preciso submetê-la a um regime especial, a uma espécie de quarentena *antes* de deixá-la unir-se aos adultos” (ARIÈS, 1981, p. 277, grifos do autor). As crianças, sob a ótica desta noção desenvolvimentista que perdura até os dias atuais, são compreendidas como indivíduos que necessitam de constante preparação, especialmente em espaços institucionais formais, para desenvolver competências e habilidades que farão delas, no futuro, e apenas no futuro, quando adultas, sujeitos aptos para realizar a hipotética entrada e

³ No Brasil, de acordo com o Art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), são reconhecidas como crianças as pessoas de até doze anos incompletos (BRASIL, 1990).

participação na sociedade. No entanto, corroboro com Sarmento (2006) que essa concepção de infância nega a ação e a capacidade das crianças de, enquanto crianças, agirem da vida comum

A construção social da infância, historicamente consolidada, realizou-se segundo o princípio da negatividade (conceito que diz respeito ao processo social de negação de determinadas características ou condições de um grupo, categoria ou aspecto da sociedade): as crianças foram pensadas e reguladas, a partir da modernidade, tomando por base um conjunto de interdições e de prescrições que sucessivamente negam ações, capacidades ou poderes às crianças, com base na suposta incompetência das crianças (SARMENTO, 2006, p. 4)

Castro (2001), por sua vez, explica que essa maneira de conceber e se relacionar com a infância é sustentada por uma lógica produtivista e utilitarista que rege a sociedade. A autora explica que, desta lógica, decorre a institucionalização da infância a determinados espaços sociais, em nome da proteção e desenvolvimento das crianças. Assim,

A lógica desenvolvimentista posicionou a criança enquanto um sujeito marcado pela potencialidade, pelo vir-a-ser, e não pela competência no aqui e no agora, concorrendo pela sua inserção na sociedade afastada no mundo das atividades socialmente reconhecidas. A definição social da infância como etapa preparatória para as etapas subsequentes quando, então, ingressaria no mundo produtivo, resultou na espacialização da infância a determinados claustros – a casa e a escola (CASTRO, 2001, p. 22).

A perspectiva que compreende a infância como algo inferior, menor, incompleto é tão enraizada socialmente que Liebel (2019) entende que ela esteve implicada com o processo colonizador europeu moderno, haja visto que os povos originários dos territórios explorados eram identificados como primitivos e selvagens. Assim, era preciso civilizá-los pois, independente da idade, viviam em condições de infância por não compartilharem as linguagens, discursos e conhecimentos dos colonizadores. Portanto, essa condição justificaria o domínio imperial nessas regiões, como atesta o autor.

(...) la construcción de la infancia como etapa previa inmadura y menor a la adultez fue la matriz para la degradación de seres humanos de cualquier edad en las colonias, concibiéndolos como seres inmaduros, necesitados de desarrollo, que permanecían en un estado de infancia (LIEBEL, 2019, p. 48).

Se essa infância que cabe no sentido da própria palavra não tem, aos olhos dos adultos, nada a dizer, serão os adultos que falarão sobre ela, tornando-a assim “algo que nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram: algo que podemos explicar e nomear, algo sobre o qual podemos intervir, algo que podemos acolher” (LARROSA, 2003, p. 184). Nesse contexto, a infância é capturada, colonizada e despida de sua alteridade.

Entender que a maneira como a sociedade se relaciona com a infância não é natural, mas é parte de uma construção social, possibilita a disputa do sentido de infância. Não há, portanto,

apenas uma ideia de infância, imutável e estática, mas inúmeras outras, a depender do tempo histórico, da cultura e da sociedade em que ela é tecida e significada (QVORTRUP, 2011). Por essa razão, a infância, enquanto construção social,

(...) questiona a ideia desta como categoria definida simplesmente pela biologia e passa a entender seu significado como variável do ponto de vista histórico, cultural e social e sempre sujeito a um processo de negociação tanto na esfera pública quanto na privada. Desta negociação, participam tanto os adultos (e as diversas estruturas e instituições sociais) quanto, em condições desiguais de ação e poder, as próprias crianças (MARCHI, 2009, p. 184)

Ao contrário da perspectiva moderna, onde a infância cabe na própria palavra, ou seja, faz jus a sua etimologia, já que é reconhecida como uma etapa de ausências e faltas, defendo uma concepção de infância alinhada às produções do campo dos Estudos da Infância.

Concordo com Qvortrup (2010) que a infância é uma categoria estrutural – em razão de pertencer à ordem social, já que se relaciona com as outras categorias geracionais, participa da divisão social do trabalho, impacta e é impactada pelas decisões tomadas nos contextos políticos, econômicos e culturais – e permanente da sociedade – pois, apesar dos sujeitos deixarem a infância à medida em que avançam para a geração posterior, a infância mantém-se com a presença das crianças que chegam e com as que ainda continuam no arranjo geracional. A infância, a partir deste ponto de vista,

(...) contradiz o conhecimento psicológico sobre as crianças, que se fixa sobre como elas crescem e como serão finalmente incluídas na sociedade. **Penso que se possa discutir, de modo convincente, que crianças são participantes ativas na sociedade** não somente porque realmente influenciam e são influenciadas por pais, professores e por qualquer pessoa com quem estabeleçam contato, mas também por duas outras razões: primeiro, porque elas ocupam espaço na divisão de trabalho, principalmente em termos de trabalho escolar, o qual não pode ser separado do trabalho na sociedade em geral; na realidade, essas atividades são totalmente convergentes no mercado de trabalho. Em segundo lugar, porque a presença da infância influencia fortemente os planos e os projetos não só dos pais, mas também do mundo social e econômico. A infância interage, então, estruturalmente, com os outros setores da sociedade (QVORTRUP, 2011, p. 205, grifos meus).

Portanto, não é possível pensar em infância sem considerar a sua relação com outros campos sociais, como a política, a economia e a cultura. Quanto a isso, vê-se que, por exemplo, as injustiças e condições desiguais de existência, sobretudo no Brasil, não são problemáticas enfrentadas apenas pelos mais velhos, mas afetam, também, as crianças e a efetivação dos seus direitos (SILVA, C. e GOMES, 2023). Nesse sentido, é necessário destacar que, como o Brasil foi profundamente marcado pelo processo de colonização, as crianças pertencentes aos grupos historicamente subalternizados, como as populações negra e periférica, são ainda mais afetadas pelas desigualdades existentes no país.

Assim, a infância não deve ser vista apenas como um período cronológico, afastado do mundo, onde os sujeitos que nela estão se preparam para a suposta inserção na vida pública. A infância é uma categoria geracional e estruturante que interage e pertence à sociedade, entrelaçando-se às suas normas, negociações, crises, conflitos, acordos e desacordos. Por essa razão, Qvortrup (2011) entende que a infância é um fenômeno social.

Os fenômenos sociais ou fatos sociais, como Durkheim (2007) denominou em sua obra, podem ser definidos como as “maneiras de agir, de pensar e de sentir que apresentam a notável propriedade de existir fora das consciências individuais” (DURKHEIM, 2007, p. 2). Apesar de não serem elementos constituídos de matéria (GOMES, 2012), ou seja, estarem alocados apenas no campo simbólico, eles exercem uma força estrutural a nível social. Isso porque eles são produções sociais e coletivas que se movimentam de forma exterior às vontades e realidades individuais dos sujeitos. Contudo, para existirem, os fenômenos sociais “dependem de cada indivíduo, das conjunturas e das circunstâncias” (GOMES, 2012, p. 62).

Por isso, Qvortrup (2011) pontua que é importante analisar a categoria, e não somente os seus sujeitos, tendo em vista que, enquanto conceito socialmente construído que reflete as normas e estruturas de determinada sociedade ou cultura, a infância permite identificar “o lugar em que as crianças têm sido colocadas e podem ser localizadas na arquitetura social pelos adultos (p. 204). Assim, o estudo da categoria não busca generalizar as experiências de todas as crianças do mundo, tampouco reduzi-las a um mesmo referencial ou padrão de vida, mas sim verificar a maneira como a infância se ajusta e é concebida no tecido social.

No caso da sociedade ocidental contemporânea, a infância ainda ocupa uma posição minoritária, tendo em vista que as crianças não têm direito ao voto e a sua representação política é realizada, sobretudo, pelos adultos. Nesse viés, são os adultos que, considerados maduros para participar da vida pública, e em nome da proteção das crianças, assumem o papel de falar por e sobre elas em contextos legais, políticos, econômicos e sociais. Assim, “estabelecem uma relação hegemônica, na medida em que, ao encarnarem sua voz, os mantêm ‘fora’ do campo de constituição discursiva da sociedade” (CASTRO, 2008, p. 6).

Ao encarnar a sua voz, a infância é muito mais *eu* ou *nós* do que um *outro*. É como se ela fosse tão transparente aos nossos olhos, que pudéssemos saber exatamente o que pensam as crianças sobre o mundo em que vivem. Deste modo, bastaria *eu*, enquanto sujeito adulto, interpretar e falar o que é a infância, o que são as crianças. Por isso, é preciso reconhecer a infância, categoria onde as crianças estão inseridas, como um acontecimento, uma experiência, uma condição de alteridade: a infância que é o *outro*. Essa é a infância que acredito: a que embora esteja, desde o seu surgimento, mergulhada em um oceano constituído por um modo de

funcionamento social estruturalmente adultocêntrico, insiste em voltar à superfície, trazendo à tona a sua potência criadora e inventiva. Por isso, apesar dos adultos dizerem o que ela é ou planejem o que ela deva ser, a infância, em sua condição de alteridade,

(...) é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento (LARROSA, 2003, p. 184).

Para além de reconhecer que a infância é construída de alteridade e singularidade, essa pesquisa busca afirmar que as crianças são sujeitos de direitos. A partir da Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1989, e ratificado por 196 países, incluindo o Brasil⁴, as crianças passaram a ter os seus direitos reconhecidos pelas vias legais. Apesar desse e de outros documentos, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), serem protetivos e instigarem a interpretação de que as crianças estão em uma posição de vulnerabilidade e de dependência do adulto, eles apontam para uma maior participação das crianças na construção da vida pública. Um dos direitos que remonta a isso, previsto na CDC, é o de se expressar livremente, como indica o Art. 12:

Os Estados Partes assegurarão à criança que estiver capacitada a formular seus próprios juízos o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados com a criança, levando-se devidamente em consideração essas opiniões, em função da idade e maturidade da criança (BRASIL, 1990a, s./p.)

Em 2006, o Comitê da ONU esclareceu alguns questionamentos que o Art. 12 gerava, principalmente no que tange às formas de expressão de crianças que não têm o domínio da linguagem verbal. Foi ressaltado pelo Comitê que, mesmo as crianças bem pequenas que ainda não falam, por exemplo, têm capacidade de construir opiniões. Neste sentido, é necessário que as brincadeiras, desenhos, linguagens corporais e outras formas de expressão sejam consideradas e legitimadas. Ademais, foi pontuado que não é preciso que as crianças entendam sobre todos os assuntos que as dizem respeito, de maneira específica ou demasiadamente aprofundada, bastando somente compreender o suficiente para expressar a sua opinião (ARANTES, 2012). Portanto, ao contrário do que representa a etimologia da categoria geracional a que pertencem, as crianças têm muito a dizer sobre as suas experiências no mundo e, como consta na CDC, devem ter o direito à expressão garantido.

Mas, será que elas são, de fato, ouvidas? Será que suas opiniões são consideradas? A produção de conhecimento, por meio das pesquisas acadêmicas, têm dado conta de inserir as

⁴ O Brasil ratificou a CDC em 20 de setembro de 1990.

crianças nos debates sobre os assuntos que lhe dizem respeito? Em sua pesquisa, Qvortrup tece perguntas parecidas com as indagações que vieram à tona durante a construção desta investigação, sobretudo na etapa metodológica de levantamento bibliográfico.

Haverá alguém, em qualquer circunstância, pensando nas consequências para as crianças, por exemplo, do Tratado de Maastrich ou do mecanismo de taxa de câmbio ou da crise dos mercados financeiros, etc.? Imediatamente após acordos desse tipo, o que se discute e escreve em primeiro lugar são as análises políticas e econômicas, que avaliam as consequências para a Europa; em segundo, as análises sobre os efeitos no próprio país; em terceiro, as organizações e seus analistas profissionais os exploram intensivamente com vistas a prever as repercussões para o comércio, a indústria, a agricultura, o movimento trabalhista, etc. Ninguém se pergunta, contudo, o que tudo isso significa para as crianças – para sua vida cotidiana, para seu bem-estar econômico, social e cultural. É certo que pode haver considerações posteriores, mas somente depois, quando as coisas já se acalmaram e, na maioria das vezes, indiretamente. **Assim, é possível perguntar: por que as crianças, por que a infância é ignorada nas análises econômicas e políticas? Deveriam as crianças ou a infância ter um lugar nessas discussões?** (QVORTRUP, 2011, p. 201, grifos meus)

No referido processo de levantamento bibliográfico, constatei que a função de torcer por uma agremiação esportiva de futebol, enquanto criança, seja no estádio ou fora dele – o que denomino de torcer-criança – é, ainda, uma temática pouco investigada pela academia. A análise que ilustra essa conjuntura foi feita no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). No catálogo, não foram identificadas pesquisas vinculadas aos descritores “crianças e torcida” e “infância e torcida”, diferente de quando associa-se, na busca, a torcida a categoria geracional de “juventude”, uma vez que, nesse cenário, a quantidade de pesquisas registradas é expressiva.

Como Qvortrup, pergunto: por que? Afinal, penso que o futebol, reconhecido como um esporte que integra a cultura brasileira (HELAL, 1996), além de ser interpretado e significado pelos indivíduos, também faz parte da história de cada um, visto que são inúmeros os sentidos, relações e manifestações torcedoras e brincantes que os sujeitos constroem em torno dele, desde a mais tenra idade. Assim, quando pensamos nas primeiras relações estabelecidas com o futebol, geralmente revisitamos memórias construídas ainda na infância, como as lembranças da atmosfera festiva das Copas do Mundo, as ruas enfeitadas, o festejo com familiares e amigos nos dias dos jogos, os craques idolatrados, as influências e a escolha de torcer por um time e a primeira ida ao estádio. O futebol e o torcer fazem parte da vida de milhares de crianças brasileiras. Eu fui uma dessas crianças torcedoras. Você, leitor ou leitora, também deve ter sido. Por que, então, há pouca produção científica sobre o torcer-criança? Por que as crianças não são reconhecidas como sujeitos nas pesquisas sobre torcidas?

É preciso considerar que as crianças são atores sociais e agentes de cultura. A partir das relações que estabelecem, sejam elas intrageracionais – com seus pares – ou intergeracionais – com jovens, adultos e mais velhos – as crianças produzem, reproduzem e pertencem a um conjunto de saberes, linguagens e códigos que constituem a cultura.

A cultura é compreendida como um sistema simbólico, um conjunto de significados e interpretações que o ser humano produz acerca do mundo em que vive. As contribuições de Geertz (1989) permitem o entendimento de que os sujeitos não apenas desempenham a função de elaborar a cultura, como também são constituídos por ela. Assim, o indivíduo “é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 1989, p. 15).

É preciso, então, pensar nas crianças enquanto sujeitos que conduzem essa função: a de agentes co-constructores de cultura. A partir dessa lógica, Sarmiento (2003) traz o conceito de “culturas da infância”, esclarecendo como sendo “a capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação” (SARMENTO, 2003, p. 3).

Penso, então, que Geertz (1989) e Sarmiento (2003) indicam que a cultura não está dada, ou seja, os indivíduos não recebem a cultura como um aglomerado de sentidos já consolidados e inalteráveis que as gerações anteriores desenvolveram previamente. Nesse aspecto, pode-se dizer que a cultura é tecida e significada, também, pelas crianças.

Corsaro (2002) corrobora com essas considerações ao apresentar uma concepção de caráter interpretativa no que tange à socialização da infância. Nesta abordagem, compreende-se que as crianças não simplesmente apreendem a cultura adulta, mas integram-se à ela e a interpretam ao seu modo, uma vez que “contribuem para a sua reprodução através da negociação com os adultos e da produção criativa de séries de culturas de pares com outras crianças” (CORSARO, 2002, p. 113). Ou seja, essa ação de inserção na cultura ocorre sob uma perspectiva dual, manifestada tanto pela reprodução de sentidos comuns aos adultos, quanto pela produção de novos sentidos entre pares.

Portanto, as ações das crianças não são meras reproduções do que fazem os adultos. Desse modo, observar e conversar com as crianças sobre as experiências, significações e relações que constituem as suas práticas torcedoras, é uma possibilidade de conhecer a singularidade desse torcer na arquibancada: o torcer-criança. É, também, uma oportunidade de afirmar a alteridade da categoria a que as crianças pertencem, bem como reconhecer que são sujeitos de direitos e agentes co-constructores de cultura. Também é importante considerar que as problemáticas que perpassam o futebol, enquanto fenômeno social, e o estádio, como território de práticas e disputas sociopolíticas, também afetam o torcer das crianças. Por isso,

no capítulo a seguir, apresento uma discussão sobre o futebol e o Maracanã, sobretudo no que tange às relações capitalistas, econômicas e midiáticas que os atravessam.

2. A BOLA ROLA NO MARACANÃ: O FUTEBOL COMO FENÔMENO SOCIAL

Assim como a categoria de infância, o futebol é reconhecido como um fenômeno social. Quando pensamos em futebol, podemos até pensar em elementos tangíveis pertencentes ao desporto, como a bola, as balizas e o próprio estádio onde o jogo acontece. No entanto, enquanto fenômeno, o futebol opera em uma ordem maior: ele é parte de um arranjo simbólico, onde impacta e é impactado por aspectos sociais, políticos e econômicos que transcorrem na vida comum. Nesse sentido, as bolas, balizas, estádios e demais elementos constitutivos da prática, incluindo os modos de torcer, serão de uma determinada forma e não de outra devido às circunstâncias do futebol em diferentes contextos e tempos históricos.

Tendo isso em vista, o presente capítulo apresenta uma discussão sobre o futebol, enquanto fenômeno social, articulada aos contextos de construção e reformas do Maracanã. Escolho escrever desta forma porque entendo que o estádio, além de campo empírico desta pesquisa, é um lugar onde, desde a sua inauguração até os dias atuais, são projetadas “relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial” (SOUZA, 2008, p. 65). Desse modo, concordo com Gilmar Mascarenhas, professor brasileiro que desenvolveu importantes pesquisas sobre a relação entre a área da Geografia e o futebol, que os estádios são espaços políticos que devem ser analisados a partir da perspectiva de território. Aqui, o conceito de território não deve ser concebido de acordo com o seu significado usual, representando uma determinada extensão física. Neste caso, “o estádio “usado”, isto é, o conjunto de normas e de práticas socioespaciais que ali se desenvolvem é que forma um território” (MASCARENHAS, 2013, p. 146).

O texto que segue é subdividido em duas partes: na primeira, faço uma breve contextualização histórica sobre o surgimento do futebol no Brasil, que emerge de uma forma elitizada, mas, aos poucos, se populariza, tornando-se elemento formativo da identidade e cultura brasileira⁵. Já no segundo subcapítulo, discorro sobre as relações capitalistas, econômicas e midiáticas que atravessam e provocam mudanças significativas no universo do futebol, principalmente no que tange a prática do torcer. É neste momento que analiso, também, as condições de acesso atuais ao estádio do Maracanã nos jogos do Fluminense, como a concessão de ingressos gratuitos e os planos de sócio-torcedor, que são aspectos econômicos e políticos que afetam a vida das crianças e de suas famílias.

⁵ Refiro-me a apropriação do futebol institucionalizado, pois há de se considerar a existência de diferentes futebóis que ocorrem para além da institucionalização, como o futebol dos circos e dos subúrbios (BONFIM, 2023)

2.1 “Aha, uhu, o Maraca é nosso!”: o futebol que nasce elitista e se torna popular

Você já entrou, alguma vez, num estádio vazio?
 Experimente. Pare no meio do campo, e escute.
 Não há nada menos vazio que um estádio vazio.
 Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém.
 Eduardo Galeano

Na segunda metade do século XIX, o futebol, surgido na Inglaterra, foi introduzido em diversos países por meio das influências provocadas pelas expansões imperialistas dos ingleses. Na época, a coroa britânica se consagrava como potência mundial que controlava, em aspectos econômicos e culturais, grande parte do planeta (HOBSBAWN, 1988).

No território brasileiro, foram pelas cidades litorâneas que “penetraram não apenas os numerosos produtos da poderosa indústria inglesa, mas também os valores e comportamentos considerados civilizadores, entre os quais a prática esportiva, principalmente a partir de 1850” (MASCARENHAS, 2014, p. 49).

No entanto, os imperialistas ingleses não foram os únicos responsáveis pela propagação da prática futebolística no Brasil, haja visto que outros sujeitos também desempenharam papéis importantes para a consolidação deste processo. É o caso dos missionários que integravam as instituições religiosas de ensino, bem como dos filhos dos aristocratas britânicos que retornavam para o Brasil após concluir os estudos no exterior.⁶ Estes eram, como lembra Mascarenhas (2014, p. 54), “bem informados quanto aos modismos europeus e desejosos de atuar como vanguarda civilizatória”.

Na época, por se tratar de um esporte importado, o futebol era reconhecido como elemento de distinção social. Nesse contexto, a sua prática e contemplação era reservada somente às elites econômicas e sociais. Luiz Antônio Simas (2021), que pesquisa as principais manifestações culturais realizadas no país, esclarece que o samba⁷ e o futebol foram originados e inicialmente praticados por classes sociais distintas:

O samba surgiu entre as camadas mais pobres de descendentes de africanos e chegou às camadas médias e elites, especialmente com o advento do rádio e do disco, na primeira metade do século XX. O futebol no Brasil é um jogo inicialmente praticado pelas elites que vai se popularizando com o tempo (SIMAS, 2021, p. 18)

⁶ No que concerne a atuação dos jovens da elite nesse decurso, Charles Miller, filho de pais ingleses, figura com protagonismo na historiografia, sendo amplamente mencionado como responsável por inserir o futebol no país, especialmente no estado de São Paulo. Em 1895, Miller organizou o que foi considerada a primeira partida de futebol do Brasil, pois ocorreu em concordância com as regras britânicas que regulamentavam o desporto.

⁷ Gênero musical que surgiu entre as comunidades afro-brasileiras do Rio de Janeiro.

É nesta conjuntura que os primeiros times de futebol começam a ser fundados, dentre eles, o Fluminense *Football Club*, que enreda esta pesquisa. O responsável pela sua criação, no Rio de Janeiro, foi Oscar Alfredo Sebastião Cox, filho de um aristocrata britânico. Após retornar de viagem da Europa, em 1897, Oscar Cox trouxe bolas e livros contendo as regras oficiais do desporto. Cinco anos depois, ele inaugura a equipe do Fluminense, elencada a valores elitistas e higienistas, onde jogavam apenas rapazes integrantes da parcela financeiramente abastada da cidade. A Oscar Cox é atribuída a introdução do futebol no Rio de Janeiro, cidade onde, até então, predominava a prática esportiva do Remo e do Críquete.⁸

Tentando agitar boa parte da mocidade estudantil carioca, Cox passa a promover jogos que difundem o futebol na capital federal. Ao trazer da Europa um conjunto de práticas e tensões ligadas ao futebol, Oscar Cox, seguindo um trajeto parecido ao de Charles Miller em São Paulo, torna-se responsável pela fundação de um clube pioneiro na construção de certa memória do futebol brasileiro, praticado por rapazes pertencentes a uma elite de estudantes preocupados em difundir um esporte saudável e civilizado. Baseados em padrões europeus, acabam por dar ao esporte, pelo menos em seus primeiros tempos, uma imagem de um jogo para poucos, reflexo de uma república oligárquica e excludente (FERNANDEZ, 2010, p. 44).

Nesse contexto, os estádios de futebol, construídos ainda nas primeiras décadas do século XX, como o do próprio Fluminense, localizado no bairro das Laranjeiras e erguido em 1919 para sediar o Campeonato Sul-Americano, eram espaços frequentados apenas por sujeitos integrantes das classes mais privilegiadas da sociedade, como lembra Mascarenhas:

Nossos primeiros estádios eram destinados exclusivamente às elites. Sua geografia é inequívoca: localizados nos bairros mais nobres, e como equipamentos de pequeno porte (geralmente uma única estrutura edificada que sequer cobria toda a extensão de um dos quatro lados do campo), apresentavam uma arquitetura mais assemelhada a um confortável teatro, porém, a céu aberto. Como os atletas eram igualmente egressos das camadas sociais privilegiadas, eram seus familiares e amigos que compareciam para assistir às exibições do novo *sport* inglês que fazia sucesso na Europa. O estádio era, então, um ornamento da onda civilizadora de cunho eurocêntrico, e de acesso muito restrito. Verdadeiro espaço de fruição das elites (MASCARENHAS, 2014, p. 107).

Todavia, não demorou para que o desporto desencadeasse o seu processo de difusão pelas diferentes classes sociais brasileiras. Papa (2022) indica que as características materiais do futebol tornam-o praticável em qualquer espaço, e que essa condição permitiu, ainda no início do século XX, a sua reprodução em espaços que escapavam dos domínios aristocratas.

(...) reside na simplicidade dos instrumentos atinentes à prática futebolística o trunfo de sua ampla propagação. Ao contrário de praticamente quaisquer outras modalidades

⁸ O Flamengo e o Vasco, que são exemplos de tradicionais agremiações esportivas do Rio de Janeiro, já existiam à época, porém, desempenhavam apenas a prática do Remo, um esporte aquático. Somente em 1912 e 1916, respectivamente, os clubes ingressaram em atividade no futebol carioca.

desportivas, que demandavam equipamentos e estruturas caras e específicas, o futebol pode ser praticado sob as mais precárias condições, admitindo, para que seja executado satisfatoriamente, significativas improvisações. A bola pode advir de diferentes materiais, o campo necessita apenas ser plano e as balizas dos gols podem ser demarcadas com praticamente quaisquer objetos (PAPA, 2022, p. 65)

À exceção desta razão intrínseca ao próprio desporto, levantada por Papa, houveram também fatores provenientes de motivações da classe empresarial que facilitaram a disseminação do futebol pelo país. É o que aborda Mascarenhas (2014), ao discorrer sobre a prática do esporte desempenhada nos intervalos dos expedientes das fábricas.

Cumprir frisar que a classe empresarial estava preocupada com o intenso movimento sindical do período e, por isso, interessada em novos meios de controle das camadas populares. Não foi difícil visualizar no futebol os elementos ou ingredientes de uma eficiente “pedagogia da fábrica”: trabalho em equipe, obediência às regras, especialização nas tarefas, submissão ao cronômetro etc. Além disso, a formação de equipes corporativas, especialmente os chamados “times de fábrica”, significa fazer o operário vestir a camisa da empresa e disputar campeonatos com outros operários de outras fábricas, direcionando, desse modo, o conflito essencial de classes para confrontos no seio da própria classe trabalhadora, ou entre bairros populares – um desvio de foco bastante interessante para a reprodução social da cidade dentro dos interesses capitalistas (MASCARENHAS, 2014, p. 91)

Com o surgimento dos times de fábricas, compostos essencialmente pela classe trabalhadora, o futebol institucionalizado foi sendo cada vez mais expandido e apreendido pelas diferentes camadas sociais brasileiras. O desporto que antes era praticado e assistido somente pela aristocracia, vai sendo progressivamente cooptado pelo restante da população. Assim, tem-se,

(...) inicialmente, um esporte de elite, praticado em colégios tradicionais, em partidas cheias de solenidades, disputadas por cavalheiros. Em sentido oposto, vindos do campo, formando e engrossando os bairros e cidades industriais, os operários foram responsáveis por retirarem a prática do esporte dessa exclusividade elitista, para popularizá-lo, difundir-lo e incorporá-lo como parte de uma cultura proletária, ocupando o tempo livre do operariado, como prática ou como tema das discussões de mesas de bar (STÉDILE, 2013, p. 16)

Com o avançar dos anos, a partir da profissionalização da prática futebolística, em meados da década de 1930, o desporto foi sendo cada vez mais popularizado entre os cidadãos, que passaram a construir um vínculo afetivo e identitário em torno da Seleção Brasileira, fundada em 1914, e de seus clubes, o que alçou o futebol como uma das principais formas de lazer urbanas. Essa aproximação entre a sociedade e o desporto foi produzida pelas iniciativas do governo da época, que considerava o futebol como uma ferramenta política.

Isso porque, a partir dos anos 30, o país foi movido por uma perspectiva desenvolvimentista e de crescente industrialização, onde o interesse era se alinhar ao momento vivido pelas grandes nações. Dado esse contexto histórico, o futebol foi encarado, pelos

governantes, como um elemento que viabilizava a construção de uma identidade nacional. Nesse viés, eles desempenharam um papel fundamental no processo de difusão do desporto, sobretudo Getúlio Vargas que, durante o Estado Novo, “incutiu, na população brasileira, a ideia do futebol, e mais especificamente da seleção nacional, como um símbolo de uma pátria forte, uma representação hercúlea da unidade nacional” (PAPA, 2022, p. 73).

Assim, investimentos financeiros eram destinados às obras de grande porte, como uma estratégia política para trazer visibilidade internacional ao país (MASCARENHAS, 2014). Com a oportunidade de sediar a Copa do Mundo de 1950, surge a necessidade de construir um estádio público de dimensões grandiosas, que correspondesse à ambição de crescimento e de modernização do Brasil e que fosse um espaço democrático, disposto a oferecer pleno acesso às diferentes classes sociais. É erguido, então, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, um estádio de futebol com capacidade para acomodar 150 mil torcedores – o maior do mundo, na época: o Estádio Municipal do Rio de Janeiro, popularmente conhecido como Maracanã.⁹

O território no qual o estádio foi construído está vinculado com o projeto político desenvolvido na época, que pretendia que o estádio fosse acessível para toda a população. Por isso, ele foi erguido próximo à estação de linha férrea, a fim de facilitar o deslocamento dos torcedores que fazem uso dos trens urbanos. É também uma área de fácil acesso para aqueles que vêm de outras regiões da cidade, como o Centro, a Zona Sul e o subúrbio. No capítulo 3, a abordagem sobre a localização do Maracanã será retomada – desta vez com detalhes que descrevem a organização geográfica e espacial do estádio nos dias atuais.

Interessa aqui perceber que a análise do contexto histórico que circunscreve o estádio – no caso desta pesquisa, o Maracanã – torna possível compreender como o futebol, enquanto fenômeno, vai sendo concebido e transformado de acordo com diferentes projetos políticos, sociais e econômicos. Durante o período em que o desporto esteve restrito ao domínio da elite, as classes menos favorecidas eram impedidas de acessar os estádios. Com a necessidade política de seguir outro modelo social, associado a lógica desenvolvimentista e a construção de uma identidade pátria, o estádio passou a ser frequentado, também, pelas classes populares.

Mas, embora inclusivo, o Maracanã não proporcionava a mesma experiência torcedora para todos. A “Geral”, setor que disponibilizava ingressos com os preços acessíveis e, conseqüentemente, era ocupado por torcedores com menor poder aquisitivo, era um espaço de pouco conforto estrutural: era feito de concreto, não possuía cadeiras e nem cobertura. Como estava localizado às margens do fosso que contornava o campo, a Geral era, praticamente, do

⁹ Uma década antes, em 1940, é fundado, em São Paulo, o Estádio Municipal do Pacaembu, com 70 mil lugares.

mesmo nível de altura do gramado, o que impedia que os torcedores desfrutassem de uma visão adequada da partida (figura 1). Enquanto isso, havia, na parte superior do estádio, setores que ofereciam maior comodidade a um preço mais caro. Eles eram frequentados, sobretudo, por torcedores da classe média e integrantes da elite. Era o caso do setor intermediário, posicionado logo acima da Geral, onde estavam disponíveis assentos. Acima deste setor intermediário, no ponto mais alto do Maracanã, estavam situadas as arquibancadas, que, assim como a Geral, não continham cadeiras, contudo, eram quase completamente cobertas por uma marquise. Lopes (2019) lembra que “as arquibancadas possuíam ainda duas seções especiais: a tribuna de honra, destinada à autoridades e convidados; e as cadeiras cativas, cujos títulos foram vendidos para financiar parte da obra” (LOPES, 2019, p. 3).

Figura 1 - O Maracanã antigo



Fonte: Ricardo Beliel, 1970

De todo modo, a ausência de cadeiras na Geral e na arquibancada proporcionava aos torcedores uma certa mobilidade e autonomia para ocupar esses espaços com suas inúmeras práticas torcedoras (MASCARENHAS, 2019). Na Geral, muitos “geraldinos”¹⁰ – como eram reconhecidos homens, mulheres e crianças que marcavam presença no setor – faziam uso de fantasias, adereços e outros elementos irreverentes que enfeitavam o Maracanã, dando origem a um jeito próprio de torcer. Um jeito festivo, alegre, brincante. Nas arquibancadas, a festa também era certa: as torcidas sacudiam suas bandeiras e entoavam seus cânticos. A multidão, composta por diferentes classes sociais, representava a potência de um país apaixonado pelo futebol. O Maracanã, espaço onde esse amor se materializava em abraços, gritos, sorrisos e

¹⁰ O documentário brasileiro “Geraldinos” (2015), dirigido por Pedro Asbeg e Renato Martins, conta a história da Geral do Maracanã e traz à memória as alegrias e desafios vivenciados pelos geraldinos nesse espaço.

choros, era nosso, do povo – como reforça a música que tradicionalmente é cantada no estádio pela torcida do time que se consagra vencedor: “aha, uhu, o Maraca é nosso!”

2.2 O Maraca ainda é nosso? Relações capitalistas, econômicas e midiáticas no futebol

Saudoso dos velhos tempos da fé, o torcedor tampouco aceita os cálculos de rentabilidade que frequentemente determinam as decisões dos dirigentes, numa época que obriga os times a se transformarem numa fábrica produtora de espetáculos. Quando a fábrica vai mal, os números vermelhos mandam sacrificar o ativo da empresa. Um dos gigantescos supermercados Carrefour, de Buenos Aires, levanta-se sobre as ruínas do estádio do San Lorenzo. Quando o estádio foi demolido, em meados de 1983, os torcedores saíram chorando, levando um punhado de terra no bolso. O time é a única cédula de identidade na qual o torcedor acredita. E em muitos casos, a camisa, o hino e a bandeira encarnam tradições profundas, que se expressam nos campos de futebol, mas vêm do fundo da história de uma comunidade (GALEANO, 2004, p. 126)

A partir da década de 1990¹¹, o Maracanã – que teve, em 1966, o seu nome alterado para Estádio Jornalista Mário Filho, em homenagem ao jornalista esportivo que incentivou a sua construção – atravessou uma série de reformas que resultaram na completa transformação e descaracterização da sua estrutura interna, havendo a redução da capacidade de público do estádio e o afastamento das classes de baixa renda. Essas reformas foram planejadas para adequar o estádio às exigências da FIFA (Federação Internacional de Futebol) e modernizá-lo para receber os jogos Pan-Americanos de 2007 e a Copa do Mundo de 2014. Assim, em 2000,

Cadeiras numeradas foram colocadas nas arquibancadas, dividindo o antigo espaço do ‘cimentão’ em setores: as cadeiras verdes, mais populares; as amarelas, intermediárias; as brancas, mais caras e centrais. A divisão acabava com uma característica marcante da velha arquibancada: a de ser um espaço de fluxo, com grau significativo de mobilidade dos torcedores (SIMAS, 2021, p. 184).

Em 2005, as cadeiras também foram inseridas no espaço da Geral, reduzindo ainda mais a capacidade do estádio: onde cabiam 30 mil pessoas, foram fixados 18 mil assentos individuais. Assim como nas arquibancadas, essa nova configuração espacial impedia a movimentação coletiva dos torcedores. Desse modo, as práticas torcedoras já não teriam tanta liberdade corporal como outrora tiveram. Era o fim da Geral, setor mais popular que o Maracanã já teve. Era o fim do Maracanã enquanto estádio do povo, de todos, das massas.

¹¹ Cabe ressaltar que essa época foi marcada pela implantação de uma série de políticas neoliberais no Brasil, iniciada durante o governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992). Essas medidas emergiram como uma tentativa de superar a crise do capital e transformar a economia brasileira, tornando-a mais competitiva a nível global. Assim, as reformas na infraestrutura do estádio do Maracanã, iniciadas neste período, foram motivadas por esse contexto político de modernização (MACIEL, 2011; RODRIGUES, 2002).

Apesar disso, este novo espaço, onde antes era a Geral, ainda disponibilizava ingressos a preços acessíveis, o que permitia que muitos geraldinos permanecessem frequentando o lugar. Contudo, em 2010, novas obras foram iniciadas no Maracanã, a fim de modernizá-lo ainda mais para receber os jogos da Copa do Mundo de 2014. Assim, o Maracanã foi submetido ao processo de arenização (SIMÕES, 2017), onde o objetivo consistia em torná-lo uma arena multiuso, disposta a receber outros eventos de grande porte, como *shows*, e disposta de espaços como restaurantes e mais camarotes. Desse modo, após um longo período fechado para as grandes reformas, o estádio foi reaberto em 2013, com infraestrutura que atende aos requisitos do chamado “padrão FIFA”. Nessa nova conjuntura, as pessoas com baixo poder econômico foram dificultadas de frequentar o Maracanã, visto que este passou a oferecer ingressos com preços muito encarecidos, como será evidenciado mais adiante.

Essa contextualização é necessária, visto que a pesquisa de campo desta dissertação foi produzida neste novo Maracanã, mais moderno e elitizado. As principais mudanças, em relação à estrutura anterior do estádio, foram descritas por Papa (2002) em seu trabalho:

As arquibancadas foram demolidas e, sobre sua tradicional disposição, ergueram-se setores com novo formato e maior declividade. O público agora ficava compartilhado em diferentes seções do estádio, com circulação restrita. O número de camarotes e de áreas VIP aumentou. Os assentos de antes foram substituídos por cadeiras significativamente maiores e mais espaçosas, limitando sobremaneira a liberdade corporal da torcida. Novos restaurantes e lanchonetes credenciados ocupavam o local. Funcionários requisitavam a torcedores que se sentassem, não sendo permitido permanecer em pé. Ademais, notou-se a introdução de telões de alta definição, bem como de sistemas de som e de iluminação (PAPA, 2002, p. 147).

Em conversa com a Lorena¹², uma das crianças participantes da pesquisa, a discussão sobre a inserção das cadeiras no estádio veio à tona quando perguntei se a menina mudaria algo no Maracanã. Lorena relatou que gostaria que o Maracanã fosse como é o Estádio Presidente Manoel Schwartz, popularmente conhecido como Estádio das Laranjeiras, que pertence ao Fluminense¹³, pois o mesmo não possui cadeiras. Ao longo da conversa, registrada no trecho a seguir, Lorena explica o porquê gostaria que não houvesse cadeiras:

- Você mudaria alguma coisa aqui no Maracanã? – pergunto.
- Eu acho que, eu só mudaria, talvez, as cadeiras, pra poder ter arquibancada e tal – responde a criança.
- E por que você tiraria?
- Tiraria porque acho que daria mais espaço pra torcida e caberia mais gente.

¹² Os nomes usados nesta pesquisa são fictícios e foram escolhidos pelas próprias crianças.

¹³ Apesar do clube não jogar nesse estádio desde 2003, uma vez que o espaço não se adequa aos parâmetros estruturais exigidos pela legislação que regulamenta o futebol no Brasil, o estádio ainda recebe algumas partidas de futebol de menor porte, como torneios entre categorias de base.

- Que legal! Você sabia que antigamente era assim? O Maracanã não tinha cadeira.
 - Então, por isso que eu tiraria, tipo, eu ia muito em Laranjeiras, né, pra poder ver os jogos do meu primo que jogava no Fluminense, na base, antigamente, mas, eu acho que seria muito legal se continuasse assim como era antigamente.
- (Conversa, 20/10/2023, jogo entre Fluminense e Corinthians)

Mais espaço para a torcida é o que a criança reivindica. De fato, as cadeiras são como obstáculos, pois limitam os movimentos dos torcedores e reduzem a capacidade do estádio. A conversa com Lorena me trouxe à memória um trabalho desenvolvido por Gustavo Coelho, intitulado “Estádio sem mito: cadeiras e esquizofrenia”, onde o autor analisa a introdução das cadeiras, nos estádios, como algo que inviabiliza as práticas torcedoras coletivas: o estar junto, o corpo a corpo, o vínculo entre o sujeito e a multidão. Desse modo, as estruturas dos novos estádios ou arenas têm privilegiado um modo de torcer de caráter mais individualizado, quieto, disciplinado: um torcer que pode ser controlado. Assim, o ideal seria que todos se sentassem para ver o jogo, como uma platéia de teatro. Coelho diz que este estádio não possui mito, pois é incompatível com os rituais e sentidos coletivos intrínsecos à torcida, sobretudo às torcidas organizadas (COELHO, 2017). O torcedor brasileiro que se adequa a esse *modus operandi* é, também, sem mito, e prioriza uma visão completa do campo. É mais um espectador-consumidor do que um torcedor. Em contrapartida, o torcedor com mito, como Lorena, se interessa não somente pelo seu time, mas pela torcida que integra. É fundamental que a torcida esteja ali, que tenha espaço para ser como ela é. Nesse viés, não só a visão é tomada como importante, mas o uso do corpo, em sua totalidade de sentidos e ações: o tato, o ficar em pé, o contato com o outro. Esse é o torcer que tensiona com a ordem. Por isso, muitos torcedores, como Lorena, assistem aos jogos em pé, sobre as cadeiras, rejeitando a função usual do objeto e a postura de um corpo torcedor controlado. No capítulo 4, a discussão sobre o corpo e o torcer-criança será abordada de maneira mais aprofundada. Por hora, concordo com Coelho (2017) que o estádio sem mito opõe-se à função histórica que os estádios de massas, como o Maracanã, possuíam em sua inauguração. Assim,

Talvez seja a primeira vez na história humana que estádios estejam sendo construídos com um objetivo assumidamente antagônico àquela que é sua vocação fundamental a experiência do coletivo em dissonância, portanto, justamente com os humores humanos que deram as forças imaginárias de base para que tal arquitetura fosse coletivamente desejada e possível (COELHO, 2017, p. 29).

O enfoque dessa questão permite entender, também, que a torcida de futebol de um time não é homogênea. Nesse sentido, concordo com Simões (2017) que

Existem diferentes perfis dentro do corpo daquilo que chamamos de “torcida do clube”, e entender isso se faz muito importante para introduzir a discussão sobre a formação dos movimentos de torcedores. Esses diferentes níveis ou padrões de

comportamento entre um indivíduo e um clube podem coexistir de infinitas formas dentro de uma mesma instituição, e se mostram em constante mutação (SIMÕES, 2017, p. 142)

Em sua investigação, Simões (2017) indica que, com o processo de arenização dos estádios, surgiram duas novas culturas torcedoras: enquanto uma, personificada pelo torcedor que se posiciona como um mero consumidor do espetáculo, é atraída pelo modelo elitizado planejado e desenvolvido para estruturar esses territórios, a outra constitui um movimento que critica, tensiona e resiste à mercantilização do esporte, por meio da cobrança de um estádio mais democrático, de um lugar que forneça mais espaço para a torcida, como deseja Lorena.

Cabe aqui compreender que essas transformações não ocorreram à margem da sociedade. O futebol, enquanto fenômeno, é influenciado por agentes, interesses e dinâmicas externas. Essas influências foram responsáveis por alterar os espaços-tempos onde o futebol é essencialmente produzido: os estádios. Assim, as mudanças que atravessam esse fenômeno devem ser interpretadas à luz das estruturas que sustentam o mundo contemporâneo, como o capitalismo, a economia e a mídia. São justamente essas tendências que Mascarenhas (2013) descreve como as responsáveis pelas transformações no universo do futebol nos últimos anos

Uma nova economia do futebol emerge a partir da década de 1980, e nela, a receita principal dos clubes deixou de ser a afluência maciça de indivíduos de baixa renda aos estádios. Opulentos contratos de transmissão televisiva e patrocínios de grandes marcas passaram a definir a receita dos clubes. Ao mesmo tempo, e em pleno acordo com os poderosos interesses comerciais, emerge toda a narrativa oficial de suposta preocupação com a violência. Estádios lotados tornaram-se, portanto, muito menos interessantes, não apenas pelo advento das novas fontes de receita, mas, sobretudo, por colocar em risco a própria qualidade do produto que se quer vender: os conflitos entre torcedores e a ameaça que podem representar à própria integridade física dos jogadores, tornados valiosos astros milionários na nova economia do futebol (MASCARENHAS, 2013, p. 153)

Neste processo de mediatização do futebol, a presença do torcedor, no estádio, deixa de ser fundamental, já que a receita advinda da bilheteria não é mais tão necessária como antes. Paralelo a isso, os nomes das grandes marcas de patrocinadores, estampadas nas camisas dos jogadores e exibidas na televisão, geram um lucro infinitamente maior para os clubes. Portanto, a redução da capacidade dos estádios está atrelada, também, a esse cenário, visto que o espectador-consumidor do esporte ganham ascensão, como explica Simões:

Essa figura do “torcedor mediatizado” passa a ganhar cada vez mais relevância. Não apenas enquanto um consumidor de uma partida, mas enquanto prioridade da TV na abertura de novos mercados, sob um convencimento geral de que não havia mais distinções entre o torcedor de estádio e o torcedor-mediatizado. Enquanto um estádio comportaria 80 a 100 mil pessoas em um jogo de grande atratividade, a televisão começava a projetar audiências na casa das dezenas de milhões (SIMÕES, 2017, p. 78)

A legislação que regulamenta a prática futebolística, bem com os direitos e deveres dos torcedores, no Brasil, também acompanha esse contexto mercadológico. Quanto a isso, vê-se que a própria definição da palavra “torcedor” foi modificada nos documentos oficiais para se adequar a esse cenário. Para discutir sobre essa questão, analiso as definições de “torcedor” contidas no Estatuto do Torcedor (EDT) e na Lei Geral dos Esportes (LGE).

O Estatuto do Torcedor (Lei 10.671/2003), instituído em 2003 e revogado dez anos depois, em 2023, para dar lugar a Lei Geral dos Esportes, considerava torcedor como “toda pessoa que aprecie, apoie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do País e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva” (BRASIL, 2003). Por sua vez, a LGE (Lei 14.597/2023), criada com o propósito de regulamentar a prática desportiva no Brasil, bem como unificar, em um só documento, toda a legislação do país que trata sobre os esportes, define o torcedor como:

(...) toda pessoa que aprecia, apoia ou se associa a qualquer organização esportiva que promove a prática esportiva do País e acompanha a prática de determinada modalidade esportiva, **incluído o espectador-consumidor do espetáculo esportivo** (BRASIL, 2023, s./p., grifos meus)

Volto, novamente, o meu olhar para o Maracanã, entendendo que os aspectos capitalistas, econômicos e midiáticos que perpassam o futebol impactam sobremaneira a relação torcedora que as crianças estabelecem com o espaço, sobretudo no que tange o seu acesso no estádio. Primeiramente, é preciso afirmar que os elevados preços dos ingressos são fatores determinantes para a presença ou a ausência das crianças e de suas famílias no estádio.

No Estado do Rio de Janeiro, há a Lei nº 4.476/2004, que assegura o acesso gratuito de menores de 12 anos às atividades desportivas realizadas em estádios e ginásios localizados no Estado do Rio de Janeiro, desde que estejam acompanhados de um responsável.¹⁴ No Maracanã, esse direito é concedido exclusivamente nos setores Sul e Norte¹⁵ (ver figura 2). Nos demais setores, apenas as crianças de até 2 anos de idade não pagam ingresso.

Essa legislação estadual representa um marco importante para o cumprimento dos direitos das crianças, principalmente aqueles que estão prescritos no Art. 4 do ECA, que

¹⁴ A partir da final do Campeonato Carioca de 2018, em acordo firmado entre o Ministério Público, clubes e órgãos de segurança do Estado do Rio de Janeiro, ficou decidido que os ingressos na modalidade gratuita têm de ser retirados com antecedência de até 24 horas ao início da partida. Para crianças entre 7 e 12 anos incompletos, a retirada só pode ser feita pelos responsáveis legais, mediante apresentação de documento de identificação do adulto, CPF da criança e ingresso do responsável que acompanhará a criança. Já as crianças que possuem até 6 anos de idade não precisam retirar a gratuidade nos pontos de venda com antecedência, podendo entrar diretamente no Maracanã, no dia e horário do jogo, desde que acompanhadas dos responsáveis legais, que deverão ter o ingresso para o mesmo setor, sendo Sul ou Norte.

¹⁵ O setor Norte é destinado à torcida visitante.

indicam que as crianças têm direito “à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 1990b, s./p.) e que a responsabilidade pela efetivação desses direitos deve ser compartilhada entre a família, a sociedade e o Estado.

Cabe ressaltar que, a nível nacional, há uma grande variação em relação às regras de acesso das crianças nos estádios. Sendo assim, as determinações são diferentes, dependendo do Estado ou das normas do clube que administra o estádio.¹⁶

Contudo, há de se considerar que, apesar das crianças possuírem o direito à gratuidade, esse benefício não é estendido ao responsável que acompanha a criança.¹⁷ Como os preços dos ingressos encareceram nos últimos anos, sobretudo após as reformas dos estádios para a Copa do Mundo de 2014 (QUEIROZ e SILVA, S., 2021), a pergunta que faço é: o direito à gratuidade garante, de fato, que todas as crianças torcedoras consigam frequentar o estádio? Algumas conversas e observações que ocorreram ao longo da pesquisa delineiam uma resposta negativa para essa indagação. No diálogo com Cristiano Ronaldo, por exemplo, essa problemática fica evidente.

– Você veio contra o Flamengo? Não te vi – perguntei a Cristiano Ronaldo.
 – Não. Minha mãe tava sem dinheiro – respondeu o menino.
 (Conversa com Cristiano Ronaldo, 04/06/2023, jogo entre Fluminense e Bragantino)

Como afirmado no primeiro capítulo, a infância é reconhecida como dependente da geração dos adultos. Por isso, o torcer-criança, no estádio, só é possível com a presença da criança e de sua família, que nem sempre têm condições financeiras de adquirir os ingressos comercializados. Outra situação, vivenciada após um jogo do Fluminense, na saída do Maracanã, reforça como o torcer-criança é afetado pelo arranjo econômico que perpassa a sociedade:

Após o término de mais um jogo e de mais uma vitória do Fluminense – desta vez contra o Olimpia, por 2 a 0, em partida válida pelas quartas de final da Libertadores –

¹⁶ Em São Paulo, a título exemplo, existe a legislação nº 11.256/1992, que fornece ingressos gratuitos para menores de 12 anos, mas somente no Estádio do Pacaembu, que pertencia à Prefeitura. Contudo, o estádio foi destinado à iniciativa privada e está interdito para obras desde 2021. No Allianz Parque, arena privada que é administrada pelo clube do Palmeiras, todas as crianças, independente da faixa etária, pagam ingressos. Esse cenário impede as crianças, sobretudo as das classes populares, de assistir aos jogos do Palmeiras no Allianz Parque. Em 2018, uma matéria publicada pelo Globo Esporte (GE) divulgou que um menino de 8 anos, torcedor do Palmeiras, aproveitou que o clube jogaria no Pacaembu e, ciente de que poderia entrar gratuitamente no estádio, fugiu de casa para ver, pela primeira vez, o Palmeiras jogar (GE, 2024). Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/conheca-o-torcedor-mirim-que-fugiu-de-casa-para-ver-o-palmeiras-no-pacaembu.ghtml> Acesso em: 24 jul. 2024.

¹⁷ Se o acompanhante responsável da criança for uma pessoa com mais de 60 anos ou uma pessoa com deficiência (PCD), ele não pagará pelo seu ingresso, visto que os indivíduos nessas condições também têm direito a entrar no estádio de forma gratuita, de acordo com a legislação estadual vigente.

, saí do Maracanã e me recostei em um portão de ferro que separa o estádio e a rua. Então, peguei o telefone para pedir um carro de aplicativo. Alguns minutos depois, ouvi uma pessoa falando comigo: era um menino de aproximadamente uns 10 anos de idade. Ele segurava uma pequena bolsa térmica nas mãos e vendia trufas. A criança me ofereceu o chocolate. Comprei duas unidades e agradei. Logo, voltei a mexer no telefone. Depois de alguns minutos, observei que o menino estava do meu lado, também apoiado no portão, mas olhando para dentro do estádio: ele apoiava a sua bolsa térmica em um estreito muro de concreto, a sua frente, e debruçava os seus braços e sua cabeça sobre ela. Ele mantinha os seus olhos voltados e atentos para o Maracanã. Os torcedores continuavam a sair de dentro do estádio e, como de costume após as vitórias, saíam animados, entoando cânticos do Fluminense. O menino, apoiado sobre a bolsa de trufas, cantava junto, baixinho. Começamos a conversar e ele disse que já foi, com sua mãe, aos jogos do Fluminense. “Tia, eu só não fui hoje porque minha mãe falou assim: olha, você tem que escolher, você quer ir nesse jogo ou quer ir na final? Porque eu não tenho dinheiro pra ir nos dois não. E eu falei pra ela: mãe, eu quero ir na final. Por isso que eu não fui hoje, tia, porque eu vou na final.” A mãe da criança estava a poucos metros de nós e também vendia doces em um grande isopor térmico.¹⁸

(Diário de campo, 25/08/2023, jogo entre Fluminense e Olimpia).

Dadas as desiguais condições econômicas no Brasil, o que se vê é que nem todas as crianças conseguem usufruir do seu direito de acessar gratuitamente os estádios de futebol no Estado do Rio de Janeiro. Ou seja, em torno desse contexto, instaura-se o seguinte dilema: as crianças podem ir ao estádio, pois têm direito ao ingresso gratuito, mas, enquanto crianças, não podem entrar sem um responsável, que nem sempre têm condições financeiras para comprar o ingresso. Nesse sentido, tanto a Lei nº 4.476/2004, como os direitos à cultura e ao lazer, previsto no ECA, não são assegurados às crianças. Por isso, atesto a necessidade da redefinição da Lei nº 4.476/2004, a fim de que ela possa garantir ingressos a preços populares – ou, até mesmo, bilhetes gratuitos – para os acompanhantes das crianças – especialmente para aqueles que possuem baixa renda.¹⁹

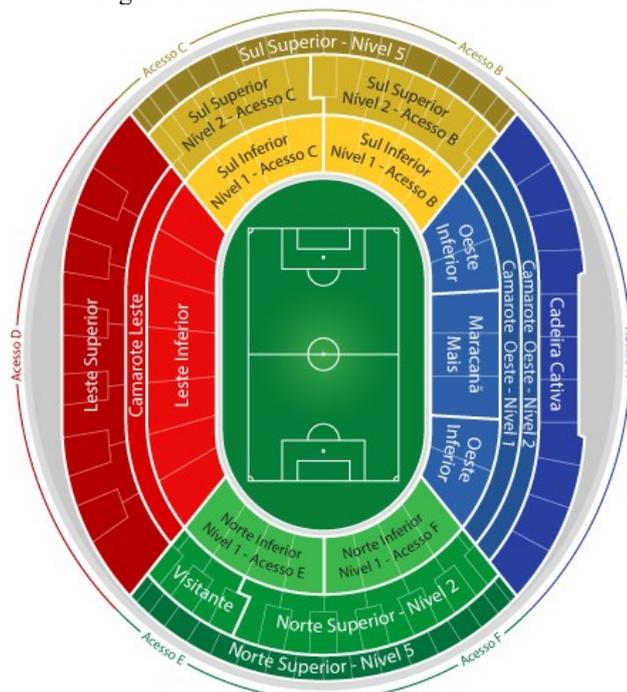
¹⁸ Apesar deste torcer-criança ser praticado fora do estádio, o que escapa dos objetivos e limites desta dissertação, julgo importante registrá-lo aqui para afirmar a sua existência e considerar a sua potência. A pesquisa acontece, às vezes, como um chamado inesperado, por meio de situações que escapam dos planejamentos produzidos pelo pesquisador ou pesquisadora. Após esse momento, eu, a criança e sua responsável conversamos brevemente sobre a pesquisa e trocamos o número de telefone para que, depois, pudéssemos formalizar o contato. Infelizmente, não conseguimos dar continuidade à conversa pelo telefone, mas desejo, em investigações futuras, me debruçar sobre o torcer-criança que se dá para além dos muros do estádio.

¹⁹ Para pensar em possibilidades que viabilizem esse cenário, podemos refletir sobre as condições de acesso das pessoas com deficiência e de seus acompanhantes nas atividades culturais e de lazer realizadas no Rio de Janeiro. De acordo com a Lei nº 2051/1992, é assegurada a gratuidade de entrada nos Estádios, Ginásios Esportivos e Parques Aquáticos do Estado do Rio de Janeiro, em todas as competições que se realizarem, às pessoas com deficiências. Além disso, a Lei nº 5837/2015 garante às pessoas com deficiências físicas, visuais, auditivas e mentais que sejam impossibilitadas de locomoção, autodeterminação e que dependam de acompanhantes a presença dos mesmos em quaisquer estabelecimentos destinados a atividades culturais e de lazer. Ademais, a referida Lei indica que não é permitida a cobrança do acompanhante das pessoas com deficiência, nem a cobrança de valor de entrada diferenciada ao mesmo em atividades culturais e de lazer no Município do Rio de Janeiro. Ou seja, em uma partida de futebol no Estádio do Maracanã, o torcedor que é PCD e seu acompanhante têm direito ao ingresso gratuito. Ancorada nesta lógica, penso que a gratuidade das crianças deve ser estendida, também, ao seu acompanhante, a fim de que o seu direito à cultura seja, de fato, garantido.

Ainda no que tange a esse assunto, como o aumento dos preços dos ingressos emerge como a principal causa para a elitização dos estádios de futebol (QUEIROZ e SILVA, S., 2021), apresento, a seguir, dados sobre os preços dos bilhetes nos jogos do Fluminense, no Maracanã, durante o período em que a pesquisa foi desenvolvida.

Primeiramente, é preciso considerar que o Maracanã é, ainda, dividido por setores (figura 2), sendo que cada um deles disponibiliza ingressos com preços variados, conforme indicado no gráfico 1. A presente pesquisa foi realizada no setor Sul, que é o espaço mais disputado na arquibancada do Fluminense. Apesar de não possuir a melhor visão para o gramado, visto que está localizado atrás do gol, é lá onde ficam concentradas as torcidas organizadas, suas bandeiras e baterias. É lá, também, onde a maioria das festividades coletivas da torcida são desenvolvidas, como os mosaicos. Como descrito anteriormente, os bilhetes de gratuidade são somente aceitos nos setores Sul e Norte.

Figura 2 - Divisão de setores do Maracanã



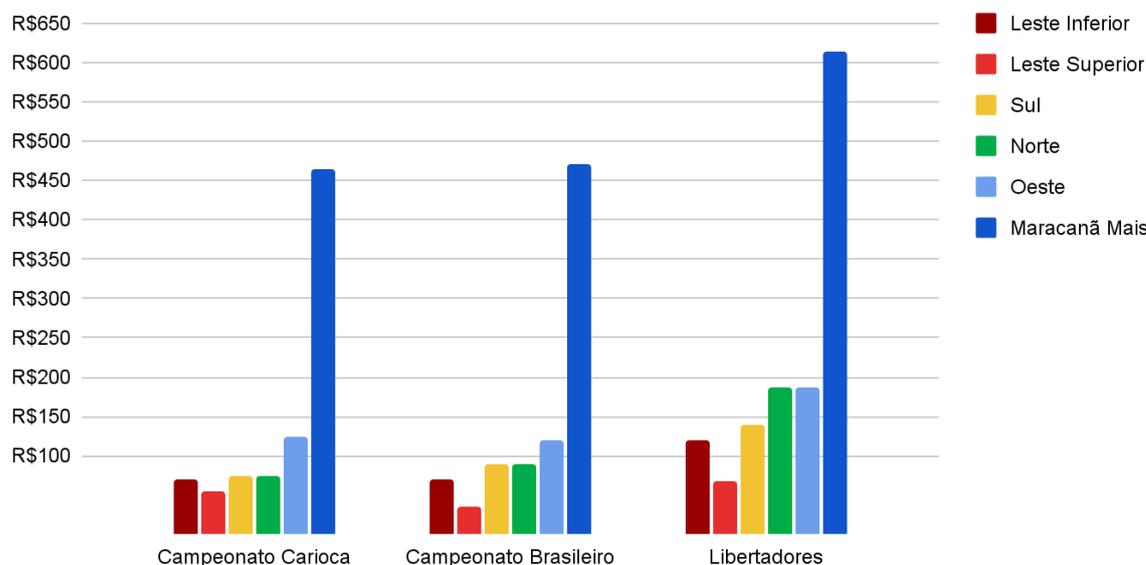
Fonte: Futebol Card, 2024.

No gráfico 1, há a descrição dos preços médios dos ingressos, da modalidade inteira²⁰, de acordo com a divisão de setores no estádio, para os torcedores do Fluminense e torcedores visitantes (setor Norte), nos jogos em que o clube foi mandante, no Maracanã, pelo Campeonato Carioca, Campeonato Brasileiro e Conmebol Libertadores, no período de desenvolvimento da

²⁰ O ingresso da modalidade inteira refere-se ao bilhete comum do evento esportivo, onde qualquer pessoa pode adquiri-lo, sem nenhuma condição especial ou comprovação específica.

pesquisa de campo, que foi de janeiro de 2023 a abril de 2024, o que contabilizou o total de 40 jogos. A fonte utilizada para consulta dos dados registrados no gráfico foi o site oficial do Fluminense.²¹

Gráfico 1 - Preço médio do ingresso (inteira), por setores, nos jogos do Fluminense em que o clube foi mandante, no Estádio do Maracanã, no período de janeiro de 2023 a abril de 2024.



Fonte: Autoria própria, 2024.

A partir dos dados registrados no gráfico 1, é possível constatar os preços dos ingressos diferem de acordo com o setor do estádio e também da competição que o jogo corresponde. No setor “Maracanã Mais”, que oferece os bilhetes mais caros em relação aos outros setores do estádio, há a disponibilização de serviços diversos, como, por exemplo, buffet de comidas e bebidas liberadas. Em relação ao campeonato, os ingressos para as partidas da Conmebol Libertadores são os que possuem o preço mais elevado. Por sua vez, os ingressos para os jogos do Campeonato Carioca são os que apresentam o menor preço.

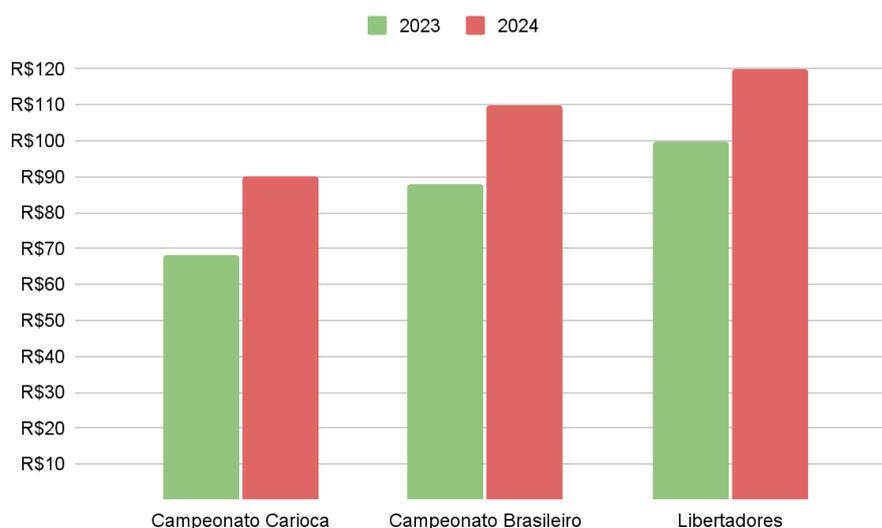
- Você vem sempre no Maracanã?
 - Nem sempre. Eu venho mais quando meu tio deixa.
 - Ah! E aí é você que pede pra vir?
 - É... aí ele fala que tem jogo que dá, porque é mais barato, e tem uns jogo que é mais dinheiro pra pagar, aí a gente vê em casa.
- (Conversa com Anex, em 17/02/2024, jogo entre Fluminense x Madureira).

Já no gráfico 2, considere o preço médio do ingresso, da modalidade inteira, apenas no setor Sul, espaço onde a pesquisa foi realizada, de acordo com a competição disputada. Diferente do gráfico 1, que trouxe a média do preço do ingresso durante todo o período de

²¹ Disponível em: <https://www.fluminense.com.br/site/>

pesquisa de campo (janeiro de 2023 a abril de 2024), no gráfico 2 eu apresento uma comparação entre os preços vigentes no ano de 2023 e os preços vigentes no ano de 2024, considerando também a correspondência de fases das competições analisadas. A ideia desse gráfico surgiu quando, ao retomar a pesquisa, em janeiro de 2024, após os encerramentos dos campeonatos disputados até o fim do ano anterior, notei uma diferença muito grande no preço que eu estava acostumada a pagar pelos ingressos, em 2023.²² Em valores percentuais, o aumento representou 32,3% no Campeonato Carioca, 25% no Campeonato Brasileiro e 20% na Conmebol Libertadores, comparando os anos de 2023 e 2024 e respeitando a correspondência de fases de cada competição. Assim, os dados corroboram para constatar que os preços dos ingressos comercializados nos estádios de futebol vem aumentando de forma dinâmica e apresentando grandes variações em curto prazo (QUEIROZ e SILVA, S., 2021).

Gráfico 2 - Preço médio do ingresso (inteira), no Setor Sul, nos jogos do Fluminense em que o clube foi mandante, no Estádio do Maracanã, de janeiro de 2023 a abril de 2024.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Outro elemento que surge nesse cenário econômico e que impacta a forma de torcer nos estádios são os Programas de Sócio-Torcedor (PST). Os Programas de Sócio-Torcedor, instituídos pelos clubes brasileiros há quase duas décadas, são contratos de fidelização criados pelas agremiações, onde os torcedores podem se vincular, pagando uma quantia financeira com frequência mensal, semestral ou anual, em troca de vantagens, como, por exemplo, o desconto nos preços dos ingressos e a prioridade na compra dos bilhetes. Esse último benefício se tornou

²² Para a construção deste gráfico, também analisei os preços dos bilhetes comercializados nos jogos em que o Fluminense foi mandante, no Estádio do Maracanã, pelo Campeonato Carioca, Campeonato Brasileiro e Copa Libertadores da América, no período de janeiro de 2023 a abril de 2024.

determinante para a presença ou ausência do torcedor, na arquibancada, à medida que a capacidade dos estádios foi consideravelmente reduzida e os ingressos colocados à venda estão cada vez mais disputados. Em jogos importantes, como finais de campeonatos, os bilhetes para os jogos do Fluminense costumam esgotar em poucas horas e são, em sua maioria, adquiridos por sócio-torcedores, por meio do sistema de prioridade de compra, que disponibiliza com antecedência à venda para os torcedores filiados. Esse contexto também ilustra a mudança do torcedor para espectador-consumidor. Acerca dos PST, Medeiros e Hollanda (2022) explicam que

A categoria contempla os frequentadores de estádios que se vinculam aos clubes de sua predileção através de programas de fidelização. Em contrapartida, tais programas lhes permitem facilidades no sistema de aquisição de ingresso e preferências no acesso às partidas de seus times, tanto nos jogos em seu próprio estádio quanto naqueles em que a equipe atua na condição de visitante. O sócio-torcedor difere de outras formas de adesão a uma agremiação esportiva. Posiciona-se entre o associado regular de um clube, que tem o direito de usufruir as dependências e participar da vida social, e o torcedor comum, aquele que é seguidor de um time, mas apenas ocasionalmente vai ao estádio (MEDEIROS e HOLLANDA, 2022, p. 3).

O Fluminense coloca à disposição do torcedor oito opções de planos no seu PST, com mensalidades que variam entre R\$15,00 a R\$900,00. Mesmo garantida a gratuidade, nos termos da lei, às crianças (RIO DE JANEIRO, 4.476/2004), o clube oferece um plano denominado “Sub-12”, que é exclusivo para as crianças.²³ Apenas este plano, entre os oito comercializados pelo clube, não disponibiliza um percentual de desconto na compra de ingressos. Além disso, esta é a modalidade de sócio que possui o preço de mensalidade mais baixo: R\$15,00. Três crianças que conversei durante a presente pesquisa se identificam como sócias-torcedoras, como será evidenciado no próximo capítulo, na caracterização dos sujeitos pesquisados. No regulamento do Programa, o Fluminense descreve as condições para a assinatura deste plano e indica vantagens para aqueles que optem pela vigência anual:

6.1.1. O Plano SUB-12 tem as seguintes características: (i) plano exclusivo para menores de 12 (doze) anos; (ii) terá prioridade em ações exclusivas voltadas ao público infantil realizadas pelo FLUMINENSE; (iii) será considerado responsável legal pelo menor aquele com poderes para realizar o efetivo cadastro do plano; (iv) aplica-se a utilização de cartão customizado para esse plano; (v) não possui direito a voto; (vi) não possui desconto ou prioridade na compra de ingressos; e (viii) não é sócio do FLUMINENSE e não está atrelado aos direitos e deveres previstos no Estatuto do FLUMINENSE.

6.1.2. Caso o TORCEDOR opte pelo Plano Sub-12 com vigência anual (doze meses) até o dia 31 de janeiro de 2024, receberá um kit com os seguintes produtos: carteira

²³ Uma das ações exclusivas destinadas às crianças que são sócias é a possibilidade de entrar em campo com os jogadores, antes do início das partidas, por meio de um sistema de sorteio que acontece no site do PST do Fluminense.

de sócio, carta agradecimento, livreto, sacochila, cartela com adesivos e caixa tamanho P. O kit será enviado no prazo de 90 (noventa dias) úteis da data de adesão. (FLUMINENSE FOOTBALL CLUB, 2024, p. 1)

Vê-se que as crianças filiadas a esse plano não possuem direitos e deveres básicos que as colocariam, de fato, na posição de sócias-torcedoras, como o direito ao voto nas eleições internas do clube e desconto ou prioridade na compra de ingressos. Os poucos benefícios oferecidos às crianças, em comparação às categorias do PST ofertadas aos adultos, endossa uma lógica de infância minoritária, mas consumidora, compartilhada pelo clube. Apesar disso, o sócio Sub-12 aloca as crianças, desde a mais tenra idade, à função de já contribuir financeiramente com a instituição. Em conversa, Pedro, uma das crianças participantes da pesquisa, falou sobre o PST como algo bom para “ajudar o Flu”, em suas palavras.

– Você é sócio do Fluminense? – pergunto.
(Pedro balança a cabeça, em um sinal afirmativo).
– Como é ser sócio? – pergunto.
– É bom. É de ajudar o Fluuuu! – diz Pedro, com empolgação, levantando os braços.
– E ajuda como?
– Ajuda que aí o Flu fica forte... e dá pro Thiago Silva vim.
(Conversa com Pedro, 20/04/2024, jogo entre Fluminense e Vasco)

A criança se identifica como sócio-torcedor, no início da conversa, e reconhece essa vinculação como importante para colaborar economicamente com o clube, haja visto que o menino aponta que, a partir desse auxílio, jogadores importantes, como o zagueiro Thiago Silva, poderiam atuar no Fluminense.²⁴ Para além disso, esse regulamento indica uma outra concepção que o clube, enquanto instituição, mantém sobre a infância, concebendo o seu sujeito como uma espécie de devir-torcedor, que é reconhecido economicamente no contexto do PST, mas não a nível cível. O ECA, apesar de assegurar, no Art. 16, inciso VI, o direito à participação da vida política, não dispõe de determinações que regulamentam ou esclarecem as relações estabelecidas entre as crianças e agremiações desportivas. Por isso, penso que esse debate precisa ser ampliado pela legislação e pesquisas, a fim de garantir a proteção e participação das crianças.

Portanto, neste capítulo, buscou-se inferir que não há como pensar em futebol sem considerar o conjunto de fatores capitalistas, econômicos e midiáticos que se articulam ao fenômeno e que impactam o torcer-criança. Sendo assim, a estrutura física e organização do estádio, as condições para ter acesso à gratuidade, os preços dos ingressos após as reformas para os recentes megaeventos esportivos realizados no Brasil e o Programa de Sócio-Torcedor são alguns dos agentes que socializam as crianças ao sistema econômico vigente. Nesse sentido,

²⁴ O que de fato aconteceu, pois semanas depois, o Fluminense contratou o Thiago Silva para o elenco.

as crianças apontam que as experiências e relações que estabelecem com o estádio, sobretudo no que tange a sua presença ou não nesse âmbito, são atravessadas por essas razões.

3. METODOLOGIA DE UMA PESQUISADORA-TORCEDORA

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade.
 A gente só descobre isso depois de grande.
 A gente descobre que o tamanho das coisas
 há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas (...)
 Sou hoje um caçador de achadinhos da infância.
 Vou meio dementado e enxada às costas
 cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos.
 Manoel de Barros

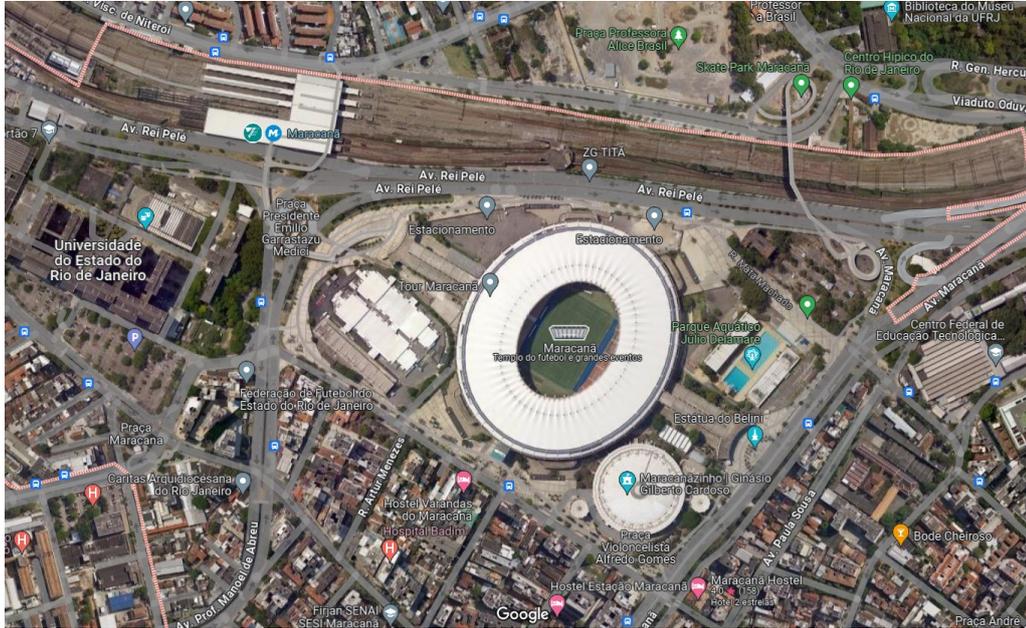
Este capítulo é dedicado às descrições e justificativas acerca dos métodos e técnicas que compuseram a investigação. A metodologia utilizada na presente pesquisa etnográfica foi a de observação participante, juntamente com as técnicas auxiliares de observação, conversas e fotografia. A proposta foi, em diálogo com dez crianças torcedoras do Fluminense, de idades entre 4 a 12 anos, compreender quais são as experiências, relações e significações que atravessam o torcer-criança durante os jogos do clube, nas arquibancadas do Maracanã. Localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, no bairro do Maracanã, o estádio é símbolo do futebol mundial e um dos principais palcos de atuação das torcidas que acompanham os times cariocas.

Vizinho da comunidade da Mangueira e dos bairros da Tijuca, Vila Isabel e São Cristóvão, o Maracanã está situado próximo a algumas instituições importantes, como a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a sede da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ) e uma unidade do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET). Além disso, ao seu redor, estão outros três espaços esportivos que, juntamente com o estádio, compõem o Complexo Esportivo do Maracanã. São eles: o Ginásio Gilberto Cardoso, conhecido como Maracanãzinho, onde acontecem partidas de esportes como vôlei e basquete, o Parque Aquático Júlio Delamare, centro de prática de esportes aquáticos, e o Estádio de Atletismo Célio de Barros, que recebia, desde a década de 1970, competições de atletismo, mas que encontra-se desativado desde 2013, ano em que foram iniciadas as grandes obras de revitalização do Complexo para a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Antes do início dos jogos, os torcedores costumam se concentrar nas ruas do entorno do estádio. Nessas ruas, há vários estabelecimentos, como bares e restaurantes, bem como o comércio ambulante, com venda de bebidas, comidas, roupas e acessórios dos times que disputam as partidas.

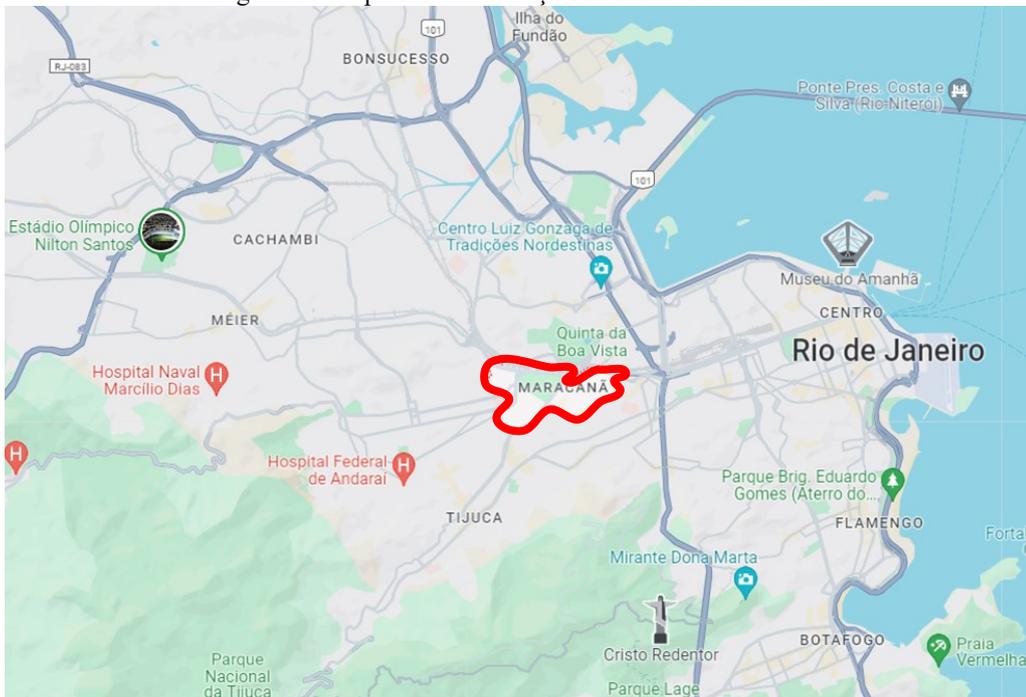
A figura 3 mostra os espaços, ruas e acessos existentes no entorno do estádio. Já a figura 4 traz a delimitação do bairro do Maracanã, que está contornado pela linha vermelha.

Figura 3 - Mapa de satélite do Maracanã e de seu entorno



Fonte: Google Maps, 2024.

Figura 4 - Mapa com delimitação do bairro do Maracanã



Fonte: Google Maps, 2024.

O Maracanã é, ainda, um estádio de fácil acesso devido a sua proximidade às estações de metrô, trem e ônibus, transportes públicos que trazem passageiros das Zonas Norte, Sul e Oeste, bem como da região do Centro, Baixada Fluminense e Leste Fluminense. A estação de

metrô e trem mais próxima é a Maracanã, localizada a apenas 280 metros do estádio. Durante as conversas, algumas crianças citaram os meios de transporte que utilizam para chegar até o Maracanã. Dentre eles, o trem e o “carro” foram mencionados com maior frequência.

Antes de justificar as escolhas metodológicas, é importante dizer que, para além de campo de pesquisa, o Maracanã é, à luz das palavras do poeta, o meu quintal. Quando criança, distante da arquibancada, mas já torcedora, eu imaginava-o. Às vezes eu via-o: era pequeno, reduzido às polegadas do aparelho de televisão. Quando cresci, ele cresceu junto comigo. Vê-lo, ao vivo e a cores, me fez testemunhar a sua imensidão. Desde então, vou a todos os jogos. Mesmo morando a quilômetros de distância, o estádio passou a ser o meu quintal. Lá, pela intimidade que construí com o território, atravessada pelos sentimentos e memórias que coleciono como torcedora, me sinto em casa. Como pesquisadora, decidi, como Manoel de Barros escreve, remexer a terra do meu quintal, buscando conhecer as experiências das crianças que povoam o Maracanã. Foi na escolha de pesquisar sobre esse tema, no espaço-tempo do estádio, disposta a encarar os desafios e as possibilidades que a proximidade com o campo me trazem, que nasceu a metodologia desta investigação.

Partindo do princípio de que o tema atravessa a estruturação dos métodos e técnicas, dialogo com Pereira (2021), que, inspirada nos estudos da filosofia da linguagem de Bakhtin, considera o tema como elemento direcionador do percurso metodológico a ser construído em uma pesquisa. Isso porque, se pesquisadores e crianças firmam relações discursivas, esses diálogos são inaugurados e movidos por um tema. Explica a autora que “se pesquisador e criança são o eu-tu da relação de interlocução, o tema é o ele de quem se fala. O tema é o ele que cria a relação eu-tu. O tema tem parte ativa – e não passiva – no diálogo.” (PEREIRA, 2021, p. 2). Assim, a autora acredita que a pesquisa não deve ser aprisionada em metodologias previamente prescritas e engessadas, alheias às especificidades do tema, que acabam por limitar as relações. O que Pereira (2021) defende é que ao tema deva ser atribuído à posição de centralidade, para que, assim, seja possível que ele indique caminhos metodológicos de possibilidades, sensibilidades e vínculos dentro de um determinado contexto de pesquisa. Essa condição exige que o pesquisador estabeleça uma conexão profunda e constante com o próprio tema, não no sentido de apreendê-lo, mas de prender-se, emaranhar-se com ele.

Que tipo de relação o pesquisador constrói com seu tema? Em que bases constrói a sua percepção? Que semelhanças extrassensíveis são possíveis ao pesquisador no instante de sua pesquisa? Qual o tempo para apreendê-las, se não duram mais que um relampejo? **Mais que chegar ao tema, etapa de pesquisa já bastante explorada nos relatórios, urge experienciar ser com o tema, o estar com o tema, enunciar de dentro dele.** Ocupar sua pesquisa como quem se metamorfoseia em criança escondida, que domina seus esconderijos como um lar, mas que na busca dos

presentes de Páscoa age como um engenheiro, parece ser a lição oculta que Benjamin nos lega em seus fragmentos. Brincar de esconder-se para deixar o tema se mostrar (PEREIRA, 2021, p. 9, grifos meus)

No contexto desta investigação, o entrelaçamento com o tema não era uma escolha, mas sim uma relação já firmada, a qual provocou em mim muitos questionamentos. Como pesquisar em um estádio onde, assim como as crianças, também exerço o papel de torcedora? Devo ser mais torcedora ou mais pesquisadora? Canto, grito e comemoro os gols? As minhas ações podem influenciar o torcer das crianças que participam da pesquisa? Mesmo diante desse cenário de incerteza, decido assumir a minha dupla posição – de pesquisadora-torcedora – como possibilidade de estabelecer vínculos, de estar junto com as crianças.

Assim, a escolha pela metodologia de observação-participante se justificou pela coerência com o contexto de pesquisa, uma vez que viabilizou a construção de interações mais próximas com os atores sociais envolvidos no campo. Seguindo por esse caminho, busquei desviar da engessada posição de contempladora assumida pelos cientistas nas pesquisas tradicionais, onde se preza pela neutralidade e suspensão das subjetividades do pesquisador em campo. Na observação-participante, como explica Richardson (1999),

(...) o observador não é apenas um espectador do fato que está sendo estudado, ele se coloca na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado. Se o pesquisador está empenhado em estudar as aspirações, interesses ou rotina de trabalho de um grupo de operários, na forma de observação participante, ele terá de se inserir nesse grupo de operários como se fosse um deles. Este tipo de observação é recomendado especialmente para estudos de grupos e comunidades (RICHARDSON, 1999, p. 261)

Considero que, ao caminhar arquibancada à dentro em busca da sistematização de registros, a não anulação da minha posição de torcedora minimizou possíveis reações de estranhamento e introversão por parte das crianças participantes da investigação. Assim, a figura propriamente acadêmica que somente observa, pergunta e escreve o que é dito, sem mergulhar com profundidade na realidade do campo de pesquisa, fora dispensada para dar lugar à pesquisadora que, como as crianças, também torce. Essa aproximação entre pesquisadora e participantes é encarada por Richardson (1999) como um dos aspectos mais positivos que constituem a metodologia de observação-participante, como ressalta o autor

A grande vantagem da observação participante diz respeito à sua própria natureza, isto é, ao fato de o pesquisador tornar-se membro do grupo sob observação. Isso significa que as atividades do grupo serão desempenhadas naturalmente porque seus membros não apresentarão inibições diante do observador, nem tentarão influenciá-lo com procedimentos que fujam ao seu comportamento normal, já que deve apresentar um nível elevado de integração grupal pelo fato de os membros esquecerem ou ignorarem que há um “estranho” entre eles (RICHARDSON, 1999, p. 262)

Arelada às ações de observar e participar, a conversa foi uma importante alternativa metodológica. Sendo o estádio de futebol um espaço barulhento, transitado por milhares de pessoas e atravessado por dinâmicas imprevisíveis que rompem com o diálogo, a adoção de métodos e técnicas que exigissem maior concentração dos participantes, como entrevistas estruturadas, seriam inviáveis, podendo até atrapalhar a atuação torcedora das crianças.

Ainda assim, conversar no Maracanã foi um desafio. Frequentemente, as interlocuções eram interrompidas por bombas explodindo, empurrões, brigas entre torcedores, intervenções de agentes de segurança em confusões das mais variadas ordens, adultos pedindo para tirar fotos com as crianças participantes da pesquisa que possuíam grande visibilidade nas mídias tradicionais e sociais, pessoas ao redor desmaiando e sendo encaminhadas para o atendimento médico, faíscas de sinalizadores e copos de cerveja que, quando lançados para o alto, caíam sobre nós, entre outros acontecimentos. Nesse caminho de falas e pausas que gerava, em mim, preocupação pela suspensão da conversa, encontrei conforto nas reflexões de Maddalena e Skliar (2022), que esclarecem que o ato de conversar não é da ordem da continuidade, da articulação, do domínio de quem conversa. Ao contrário, conversar é algo que nos escapa, que pressupõe desvios, rompimentos, desencontros e tentativas de retomada com a palavra.

Una conversación comienza cuando puede, en cualquier momento y jamás acaba en tanto la memoria suele, frágilmente, recomponerla o reconstruirla en fragmentos que nunca serán del todo transparentes. Una conversación no es lo mismo que un experimento de diálogo, según el cual las partes toman turnos, aguardan, preguntan y responden con una alternancia ordenada y serena. Una conversación es la unidad mínima de una comunidad de amistades, cuya síntesis es la afección, el tumulto, la superposición, el desvío, el desborde. Una conversación no tiene tema específico. Si de verdad se conversa, enseguida las cuestiones se derivan hacia la deriva y su resultado es siempre la perplejidad, como cuando nos preguntamos: ¿de qué estábamos conversando? Una conversación es un conglomerado de rostros, gestos, voces y silencios (MADDALENA; SKLIAR, 2022, p. 18)

Planejar e definir quais e como seriam os modos de fazer pesquisa no estádio não impediu que conflitos metodológicos ocorressem. Como pesquisadora e torcedora, compartilho com Macedo (2012), que exerceu a função de pesquisadora em uma turma onde já desempenhava a prática docente, o desafio de conduzir papéis distintos que se cruzam no campo. A autora analisa a maneira como essa duplicidade foi sendo administrada durante a investigação, em diálogo com o poema “Ou isto ou aquilo”, de Cecília Meireles (2014), que trata da impossibilidade de se estar em dois lugares ao mesmo tempo, dada a necessidade de escolher entre uma ação ou outra, como calçar a luva ou pôr o anel.

Ao longo da pesquisa, muitas vezes escolhi entre calçar a luva e não pôr o anel, ou por o anel e não calçar a luva. **Mas é certo admitir que, por vezes, a autoridade desta escolha me escapou. Em muitos momentos, pus a luva e também o anel. E**

sigo com a certeza de que também esta escolha involuntária permitiu toques e pegadas impossíveis à mão que vestisse somente a luva ou à mão que somente carregasse o anel (MACEDO, 2012, p. 129, grifos meus)

Se, para a poeta, a decisão entre isto ou aquilo é um ato indispensável, para Macedo (2012), assim como para mim, nem sempre essa escolha foi possível. Nesse sentido, a alternância entre as funções de pesquisadora ou torcedora, deu lugar, por diversas vezes, à incorporação, à mistura, à junção de ser pesquisadora e também torcedora. Como a autora, concordo que a condução dessas práticas de forma indesejável possibilitou experiências que não seriam vivenciadas se apenas um dos papéis fosse considerado. Foi assim que eu e as crianças construímos um caminho de pesquisa de encontros, conversas, comemorações, emoções das mais variadas ordens e também de escolhas.

A investigação ocorreu em jogos em que o Fluminense foi mandante, no Maracanã, no período de janeiro de 2023 a abril de 2024, em partidas válidas pelo Campeonato Carioca, Campeonato Brasileiro e pela Copa Libertadores. As conversas e observações foram produzidas, portanto, em um quantitativo de 40 jogos.

Nesse período, conversei com dez crianças, com idades entre 4 a 12 anos, durante as partidas e nos intervalos dos jogos.²⁵ Embora integrassem um grupo fixo de participantes, as crianças conversaram comigo de forma individual, tendo em vista a dificuldade de reuni-las, já que assistem aos jogos com suas famílias, em lugares distantes umas das outras. As observações e conversas foram registradas no gravador do aparelho celular e no caderno de campo. As fotografias, por sua vez, também foram feitas com o uso do aparelho de telefone.

As redes de familiaridade e a técnica de bola de neve foram utilizadas para alcançar as crianças que compõem a investigação. Cabe ressaltar que, embora também tenham sido indicadas à pesquisa pelos critérios anteriormente citados, Cara Pintada e Laura são crianças que conheci por meio de vídeos virais que circulam nas redes sociais e na televisão.

Por não ter sido desenvolvida em uma instituição representante e por possuir como fundamentos um aparato teórico-metodológico que qualifica uma posição ética, essa pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP). Apesar disso, as crianças e seus responsáveis assinaram, de forma prévia, termos de consentimento que autorizaram as suas participações, juntamente com a captação e registro de imagem e voz, que constam nos anexos desta dissertação.

²⁵ Apesar dos bebês e crianças menores de 4 anos não terem participado das conversas, em razão da metodologia adotada, suas ações foram consideradas por meio das observações desenvolvidas em campo.

A Universidade, o Programa de pós-graduação, a orientação e o grupo de pesquisa são atores que também garantem a ética na pesquisa, pois criam condições de reflexão e aprofundamento teórico-prático. Além disso, concordo com Prado e Freitas (2020, p. 36) que “implicações éticas importantes derivam do modo como concebemos o outro e as relações que com ele estabelecemos”, não se reduzindo às orientações legais que regulam o fazer da pesquisa. Nesse sentido, a assinatura de um papel, embora importante para esclarecer os direitos dos participantes na pesquisa, é apenas um dos elementos que garantem a ação ética do pesquisador. Acredito que seja, sobretudo, na relação com o outro, concebendo-o como sujeito ativo no processo de investigação, que reside o fazer ético. Essa postura reconhece que as crianças “podem ‘falar’ em seu próprio direito e relatar visões e experiências válidas” (ALDERSON, 2005, p. 423). Ou seja, a ética pressupõe escuta, consideração, respeito e compromisso com as crianças que constroem a pesquisa. Ela é um processo dialógico e contínuo que não se finda com a realização das burocracias que antecipam a dissertação. Mas a ética não começa e nem termina na interlocução com o outro. Como indica Pereira (2015), a ética nasce antes, quando a pesquisa ainda é ideia materializada em rascunho, e se estende até o compartilhamento dos resultados. A autora esclarece que

(...) é no interior do campo científico que devemos – como pesquisadores – assumir a tarefa de problematizar a ciência que produzimos e, no âmbito dessa problematização, assumir que a ética, como postura de pesquisa, não é dada de modo a priori, mas é parte constitutiva da questão da pesquisa (PEREIRA, 2015, p. 53)

A decisão de problematizar as nossas ações no percurso científico me faz lembrar do questionamento de Paulo Freire, “a quem sirvo com minha ciência?” (FREIRE, 1981, p. 36), que dialoga com a discussão ética à medida em que convoca a pensar no fazer científico enquanto ferramenta política. Nesse sentido, a intencionalidade introduz e orienta o caminho ético a ser percorrido. Não há modo de fazer pesquisa sem posicionar-se no mundo, sem questionar-se sobre a ciência que está sendo produzida e sem envolver as crianças nessa discussão. Sendo assim, convidá-las para participar da defesa da dissertação pareceu-me uma decisão coerente, que endossa um compromisso ético e que reafirma o lugar delas na cultura. O interesse em participar desse momento foi registrado na conversa com Anex, de 8 anos de idade, na partida entre Fluminense x Madureira, pelo Campeonato Carioca de 2024:

- Eu vou apresentar a nossa pesquisa esse ano, lá na UERJ, que é uma faculdade que fica aqui pertinho do Maracanã. Se você quiser assistir com o seu tio, está super convidada. Lá eu vou contar bastante sobre as conversas com as crianças – esclareci.
- Eu quero ir! Você vai fazer hoje? – perguntou Anex.
- Eu vou escrever um pouquinho hoje. Por quê?
- Porque eu vou pedir pro meu tio me levar.

- Ah, não, a apresentação não é hoje não. Vai ser em julho, eu acho.
- Poxa... vai demorar muuuuuuito...
- É... um pouquinho. Mas vamos conversando até lá. Eu não vou esquecer de você.
- E nem eu de você.

(Conversa com Anex, em 17/02/2024, jogo entre Fluminense x Madureira).

Embora as condições de participação estivessem descritas nos termos de consentimento, expliquei, em conversa com as crianças, antes do início das partidas, do que se tratava a pesquisa. Também informei que elas poderiam mudar de ideia e abandonar a investigação se e quando quisessem. Outra elucidação feita foi acerca da impossibilidade de utilizar o nome verdadeiro das crianças na dissertação, a fim de preservar suas identidades. Em relação a isso, cabe ressaltar que, durante o processo inicial de escrita, eu escolhi os nomes para identificá-las no texto. No entanto, essa prática foi repensada à medida em que a produção teórico-metodológica apontava a importância das próprias crianças escolherem suas identificações, enquanto sujeitos atuantes na pesquisa. Nesse sentido, solicitei que elas indicassem a forma como gostariam de ser reconhecidas nesta dissertação, salvaguardando a sua identidade e registrando a sua posição e participação na investigação.

Além disso, utilizei duas categorias torcedoras para distinguir as crianças participantes da pesquisa. São elas: torcedor comum, também conhecido como “povão”, e torcedor organizado. A escolha por essa segmentação se deve ao fato de que, no contexto analisado, essa é a identificação fornecida pelos próprios torcedores e legitimada pela torcida.

O torcedor comum é aquele não vinculado a nenhuma torcida organizada. No caso desta pesquisa, o torcedor comum é quem pertence exclusivamente à torcida do Fluminense. Já o torcedor organizado é aquele que, além de estar inserido na torcida do clube, também integra uma torcida organizada, que é uma espécie de grupo específico de torcedores. O Fluminense tem várias torcidas organizadas, como a *Young Flu*, a *Força Flu* e a *Fiel Tricolor*. Geralmente, os seus integrantes, além de compartilharem o conjunto de símbolos, cânticos e camisas com o restante da torcida comum, também possuem elementos identitários próprios. São essas especificidades que diferenciam as torcidas organizadas, como lembra Toledo,

As torcidas organizadas impõem limites, hierarquias, vestem-se de maneiras diferenciadas, criam padrões estéticos de como se torcer, gostos e comportamentos, que se traduzem em intervenções coletivas no meio urbano. Investem tempo, criam expectativas, mobilizam símbolos, expõem-se a conflitos. Para estes torcedores, o futebol constitui-se em entretenimento e sociabilidade. Para isso concorrem uma série de práticas e disposições pelas quais objetivamente agem e percebem o mundo. (TOLEDO, 1996, p. 118).

Cabe destacar que algumas pesquisas do campo dos Estudos de Futebol e do Lazer preferem categorizar os torcedores como “organizados” e “sócio-torcedores”. A escolha de não utilizar as categorias “organizado” e “sócio” como contrastantes advém da compreensão de que,

na prática, uma não anula a outra. Desse modo, é possível encontrar, em uma torcida, inúmeros torcedores organizados que estão também vinculados ao Programa de Sócio-Torcedor (MEDEIROS e HOLLANDA, 2022).

Sendo assim, os nomes fictícios escolhidos pelas crianças, bem como outras informações concedidas e registradas conforme me disseram, como gênero, idade, cor e/ou raça, local de moradia, categoria torcedora, forma de acesso ao estádio, vinculação ao Programa de Sócio-Torcedor gerenciado pelo clube e grau de parentesco com o adulto que as acompanham, foram organizadas na tabela 1:

Tabela 1 - As crianças participantes da pesquisa

Nome	Gênero	Idade	Cor e/ou raça	Moradia	Categoria	Acesso	Sócio	Adulto que acompanha
Pedro	Menino	4	Branca	Tijuca (Zona Norte)	Comum	Gratuidade	Sócio sub-12	Tio
Cadu	Menino	5	Marrom	Engenho Novo (Zona Norte)	Comum	Gratuidade	Não	Pai
Cristiano Ronaldo	Menino	7	Branca	Piedade (Zona Norte)	Organizado	Gratuidade	Não	Mãe
Laura	Menina	7	Negra	Duque de Caxias (Baixada Fluminense)	Comum	Gratuidade	Não	Pai e mãe
Cara Pintada	Menino	7	Branco	Ramos (Zona Norte)	Comum	Gratuidade	Sócio sub-12	Pai e mãe
Maria Alice	Menina	8	Branca	São Gonçalo (Leste Fluminense)	Comum	Gratuidade	Sócio sub-12	Pai
Anex	Menina	8	Morena	Taquara (Zona Oeste)	Comum	Gratuidade	Não	Tio
Martins	Menino	8	Moreno	Curicica (Zona Oeste)	Comum	Gratuidade	Não	Tio
Gabriela	Menina	9	Branca	Praça da Bandeira (Zona Norte)	Comum	Cartão de sócio do pai	Não	Pai
Lorena	Menina	12	Não soube responder	Campo Grande (Zona Oeste)	Comum	Meia entrada	Não	Primo

Fonte: Autoria própria, 2024.

No que tange a questão racial, me apoio no estudo desenvolvido por Rocha e Rosemberg (2007) para aprofundar algumas questões a respeito da categoria e das definições de raça e cor. De acordo com os autores, a raça pode ser compreendida como um “conceito sociológico analítico, e que permite apreender como, em diferentes contextos históricos, as pessoas operam classificações sociais hierarquizadas com base em atributos considerados raciais” (ROCHA e ROSEMBERG, 2007, p. 762). Já as cores,

(...) quando associadas aos seres humanos, passaram a ter, então, um sentido metafórico, não significando apenas tonalidades, ou matizes: em dada cultura, o termo branco, no vocabulário racial, não corresponde à cor branca quando associada a outros objetos ou seres, da mesma forma que os termos preto, amarelo ou vermelho. O vocabulário racial assentado em “cor da pele” penetrou o Brasil Colônia e se mantém até os dias atuais, sendo as mesmas alternativas de cor incluídas nos inquéritos populacionais, com pequenas variações, desde o primeiro Censo Demográfico de 1872. Isto não significa, porém, que o mesmo termo, por exemplo, branco ou preto, evoque os mesmos sentidos nos diferentes contextos sociais e históricos em que têm sido empregados para diferenciar grupos humanos (ROCHA e ROSEMBERG, 2007, p. 763).

Compreendo que a pergunta aberta feita às crianças participantes da presente pesquisa a respeito da cor e/ou raça que possuem, trouxe à tona múltiplos vocábulos de autodeclaração de cor e/ou raça produzidos por elas – como, por exemplo, as expressões “marrom” e “moreno”, que não são categorias oficiais de classificação étnico-racial no Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)²⁶.

Com a análise dos dados sobre a autodeclaração de cor e/ou raça registradas da tabela 1, foi possível verificar que o termo “branco” foi o mais escolhido entre as crianças (50%), seguido de “moreno” (20%), “negro” (10%) e “marrom” (10%). Além disso, uma das crianças relatou “não saber responder sobre isso”.

O que fica evidente, com a autoidentificação, é a dificuldade das crianças se reconhecerem como negras. Esse fato pode ser compreendido sob a ótica das discussões tecidas por Rocha e Rosemberg (2007). A partir dos estudos analisados pelos autores, eles identificam a existência da valorização dos referidos vocábulos, especialmente do termo “moreno”, entre crianças e jovens negros em suas autodeclarações de raça e/ou cor em contextos escolares. Para os teóricos, muitas vezes, identificar-se como moreno ou morena surge como uma tentativa de proteção contra o racismo que historicamente oprime a população negra no Brasil e que está associado a inferiorização dos termos “preto” e “negro”.

²⁶ A classificação usada pelo IBGE adota as seguintes categorias: branco, preto, pardo, amarelo e indígena. O conceito de negro é a somatória de pretos e pardos.

Por isso, penso que seja necessário a ampliação de debates, em diferentes espaços sociais e por diferentes instituições, acerca do reconhecimento das múltiplas narrativas negras e de sua constante valorização. No futebol, um caminho que pode contribuir para a construção do pertencimento étnico-racial das crianças é exaltar a importância de jogadores e jogadoras negros e negras para a popularização do futebol institucionalizado no Brasil, bem como para a conquista de títulos na seleção brasileira e nos clubes nacionais. Esse percurso formativo pode ser conduzido pelos clubes, pelas instituições que regulamentam o futebol no país, pela mídia, escolas e também pelos pesquisadores. Apesar dos limites teórico-metodológicos existentes na presente pesquisa, desejo, em investigações futuras, fomentar esse debate entre as crianças-torcedoras negras.

Quanto às demais análises do material empírico, dispostas no próximo capítulo, destaco que essas foram realizadas com o embasamento de um referencial teórico situado no campo dos Estudos da Infância, Cultura e Sociedade. Cabe pontuar que, embora não tenham sido encontradas, na etapa de levantamento bibliográfico, pesquisas brasileiras que investiguem as crianças na posição de torcedoras, como evidenciado no capítulo 1, há alguns trabalhos interessantes que vêm sendo desenvolvidos.

Apesar de não pesquisar as crianças na função de torcer, encontrei nas contribuições de Silva (2014; 2015; 2018) análises sobre as brincadeiras e relações construídas por meninos, com seus pares e adultos, à beira de um campo de futebol amador na cidade de Catingueira, na Paraíba, sobretudo no que tange a reprodução interpretativa do uso da linguagem.

Outra pesquisa foi desenvolvida por Magalhães (2021), onde a autora verificou se as condições de segurança, conforto e privacidade oferecidas nos estádios da Primeira Liga Portuguesa são adequadas para as crianças torcedoras. Embora voltado a um contexto europeu, seu trabalho é importante à medida que permite a identificação de discursos semelhantes entre as crianças torcedoras, em Portugal, e as crianças que torcem no Maracanã.

4. O TORCER-CRIANÇA NA ARQUIBANCADA

Como são as experiências das crianças que torcem no estádio? O que elas dizem sobre essas vivências? Quais relações tecem com o restante da torcida? Neste capítulo, escrevo sobre a imersão realizada no campo de pesquisa e seus desdobramentos teórico-empírico. Nos três subcapítulos seguintes, estão reunidas e sistematizadas as conversas, observações, anotações no caderno de campo e fotografias registradas no estádio, desvelando as experiências e narrativas tecidas pelas crianças sobre seus percursos torcedores no Maracanã. Esses subcapítulos foram divididos de acordo com três categorias de análise da pesquisa, sendo: 1) socializações, 2) corpo e 3) gênero. Essas categorias não foram definidas *a priori*, mas surgiram de acordo com o critério de maior incidência no campo de pesquisa. Ou seja, as questões sobre socialização, corpo e as relações de gênero estavam demasiado presentes, sobretudo nas conversas e nas observações realizadas no estádio. Para dialogar com o material empírico e contextualizar teoricamente o problema da investigação, são explorados trabalhos situados no terreno dos Estudos da Infância, Cultura e Sociedade.

4.1 Tornar-se, ser torcedor: socializações, experiências e aprendizagens

Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada. Aqui o torcedor agita o lenço, engole saliva, engole veneno, come o boné, sussurra preces e maldições, e de repente arrebenta a garganta numa ovação e salta feito pulga abraçando o desconhecido que grita gol ao seu lado. Enquanto dura a missa pagã, o torcedor é muitos. Compartilha com milhares de devotos a certeza de que somos os melhores, todos os juízes estão vendidos, todos os rivais são trapaceiros. É raro o torcedor que diz: “Meu time joga hoje”. Sempre diz: “Nós jogamos hoje” Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música (GALEANO, 2004, p. 13).

Quando se entra em um estádio de futebol, o que se vê são, por todos os lados, as cores, os símbolos e outros elementos que representam o time, sendo exibidos nas camisas daqueles que vão até a arquibancada para torcer por ele. São os torcedores. Nesse contexto, “o torcedor é muitos”, como escreve Galeano (2004, p. 13). Marra (2023), que investiga a relação entre sonoridades e territorialidades nos estádios de futebol, afirma que, em determinados momentos de uma partida, como quando há o desejo de impedir que a torcida adversária cante mais alto, os torcedores entoam cânticos em coro e movimentam seus corpos em coreografia, formando uma espécie de unicidade torcedora, a fim de atestar a sua potência e impor-se em relação ao

outro. Contudo, Marra (2023) aponta que nem sempre as torcidas organizadas e torcedores de um mesmo clube cantam em uníssono, uma vez que esses atores estão alocados em um espaço de disputas simbólicas e de configuração heterogênea.

A intenção desta breve discussão é evidenciar que é dentro desse complexo território de ações e significados que um sujeito se insere e, por meio das relações que constrói com os outros integrantes e com o meio, aprende um conjunto de códigos que identificam a si e ao grupo como torcedores – podendo, também, transformá-los, pois não são inalteráveis. Por essa razão,

(...) o torcedor, enquanto indivíduo, tem a sua identidade torcedora formada pelos símbolos de seu time e pelo sentido que seus pares trazem na ação coletiva de torcer, acompanhar, assistir e se relacionar com o time e com os demais integrantes da torcida. A cultura vivenciada neste contexto é influente na formação de identidades (AQUINO, 2017, p. 11)

Ninguém nasce torcedor. A torcida, por sua vez, já está dada, sendo uma organização “pré-existente a seus integrantes” (AQUINO, 2017, p. 11). Deste modo, a socialização é um processo importante que, de um lado, contribui para a construção da subjetividade torcedora do indivíduo, e, de outro, permite a manutenção e transformação da cultura do torcer, garantindo a existência do grupo. Ela se dá na interação do sujeito com tempos e espaços que (re)produzem futebol, como os estádios, e nas relações intrageracionais e intergeracionais com outros torcedores, num movimento de aprendizagem de um conjunto de normas, valores e linguagens, mas também de (re)construção ativa de seus sentidos.

Enquanto espaço sociocultural, o estádio exerce o que Bandeira (2017) chama de pedagogia do torcer, que é a prática responsável por socializar o sujeito para compreender “quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir” (BANDEIRA, 2017, p. 142). Essa concepção trazida pelo autor será aprofundada no subcapítulo enumerado 4.3, que reúne análises de campo relacionadas a temática de gênero, visto que o teórico conduz o seu estudo articulando o conceito de pedagogia do torcer com a produção de masculinidades na arquibancada. Contudo, as contribuições do autor são interessantes à medida em que permitem pensar o estádio como esse espaço formativo, que provoca o ensino e a aprendizagem de um conjunto de práticas torcedoras específicas, como cânticos, coreografias, comportamentos, gestos, símbolos e outros elementos.

Tendo em vista o exposto, a proposta desta categoria é compreender como as experiências torcedoras das crianças são atravessadas pela socialização com seus pares e demais indivíduos pertencentes a outras categorias geracionais no estádio do Maracanã.

Utilizo o conceito de socialização explorado por Mollo-Bouvier (2005), que o descreve como o constante e dinâmico modo de interação que se estabelece entre o sujeito e os grupos sociais. A definição defendida pela autora se opõe à clássica, sustentada por Émile Durkheim em sua teoria sociológica desenvolvida no final do século XIX e início do século XX, que entende a socialização como um processo de internalização das normas sociais, onde o indivíduo, em uma posição passiva e engessada, tem a função de apreender e reproduzir os valores e as práticas compartilhadas na sociedade. Na abordagem de Mollo-Bouvier, a criança é concebida como um sujeito ativo, onde não somente se conforma e incorpora as regras, hábitos e valores já existentes na sociedade, mas também é capaz de transformar as estruturas sociais por meio das relações que vão sendo construídas. Por isso, o percurso de socialização não é sequencial, fluido, linear, já que a interação do indivíduo com o meio “compõe-se de dessocialização e ressocialização sucessivas (MOLLO-BOUVIER, 2005, p. 393).

Se ninguém nasce torcendo, tornar-se torcedor parece o pontapé inicial dessa prática que geralmente começa na infância e dura a vida inteira. E como, quando, por que ou por quem esse pontapé é dado? As crianças respondem a essas perguntas contando histórias de uma época em que eram bem pequenas. Suas narrativas revelam que a constituição da sua identidade torcedora foi determinada, sobretudo, pelas influências provenientes da própria família. Essa rede de influências produz um contexto de socialização próprio, marcado por vínculos e afetividades com pais, mães e outros atores, como explicam as crianças:

Quando eu era pequenininha, meu pai me incentivava a ser Fluminense. Quando o meu pai mostrava ou falava alguma coisa do Fluminense, ele falou que eu ficava feliz. Quando a minha mãe falava alguma coisa assim do Flamengo, eu não gostava.
(Gabriela, 29/09/2023, jogo entre Fluminense e Santos)

Eu era a única da família que não era flamenguista. Todo mundo lá na minha família é flamenguista, meu vô, o resto da minha família, meus irmãos. A minha mãe é vascaína. Só a minha vó, eu e o meu pai somos Fluminense. Aí quando eu era pequena eu falei: vou ser Fluminense para orgulhar todo mundo.
(Laura, 22/11/2023, jogo entre Fluminense e São Paulo)

Minha mãe é Flamengo, mas ela não tem muitas condições de vim no Maracanã, mas mesmo assim eu amo muito ela. Aí, o Fluminense, meu pai é mais empolgante, aí eu venho pro Maracanã.
(Maria Alice, 08/10/2023, jogo entre Fluminense e Botafogo)

Tipo, é, o meu pai é botafoguense e a minha mãe também. Até minha irmã... minha família toda assim. E aí o meu pai é campeão brasileiro de 95. Ele jogou no profissional do Botafogo e tudo. Mas eu nunca gostei assim do Botafogo e de nenhum time assim. Mas pelo fato do meu primo mais novo, irmão do Thiago, ele jogar no Fluminense, desde pequenininha eu ia para os jogos dele, porque ele começou a jogar no Fluminense com seis anos. E aí desde pequenininha eu ia para os jogos dele, para os treinos, para os jogos lá em Laranjeiras, e eu aprendi a cantar as músicas, eu gostava de ver, eu meio que sabia o que era o Fluminense. Mas quem me motivou mesmo a gostar assim de futebol e ter essa coisa toda do Fluminense, de querer cantar, de brigar

por futebol e tudo mesmo, foi o meu primo mais velho, o Thiago. Ele sempre me incentivou muito nisso. E ele sempre falava “não, a Lorena é tricolor! A Lorena tem que ser Fluminense!”

(Lorena, 20/10/2023, jogo entre Fluminense e Corinthians)

Ser torcedor nem sempre é uma escolha individual, como revela Gabriela, que desde o princípio foi incentivada pelo seu pai a torcer pelo Fluminense. No entanto, essa relação de interferência entre adulto-criança não deslegitima a identidade torcedora da menina. Pelo contrário: é parte dela. Segundo Toledo (2010, p. 184), que pesquisa a construção de sociabilidades nas arquibancadas de futebol, a família e os amigos são algumas das estruturas que integram o que o autor chama de “relações societárias primárias” e que contribuem para a formação da identidade do torcedor. Além de influenciá-las sobre a escolha do time, essas figuras – pais, mães, tios, primos, avós, entre outros – são geralmente as responsáveis por acompanhar as crianças no Maracanã e ensiná-las às práticas torcedoras, como cânticos e coreografias, promovendo a pedagogia do torcer (BANDEIRA, 2017).

A definição do termo identidade, abordada por Toledo, auxilia a pensar sobre essas relações. Diz o autor que esse conceito pode ser compreendido

(...) como experiência compartilhada, algo que surge da relação do nosso eu com outras subjetividades, e seria da tensão entre subjetividades que nasceria alguma forma de relação identitária. Portanto, ela não estaria livre e submetida permanentemente às escolhas individuais, ao nosso mero fluxo de desejos e interesses imediatos, expressão de um amor de si mesmo, mas sim disposta numa dimensão sempre reposicionada pela dinâmica das relações que nos enredam e nos projetam para fora de nós mesmos, problematizando e mesmo borrando, chave de toda essa questão, os limites da percepção que experienciamos do próprio eu (TOLEDO, 2010, p. 182).

É na relação com o outro que o torcer surge como identificação, reconhecimento e pertencimento daquilo que se é, de um lugar comum, de uma história coletiva que também será escrita por aquele que ingressa no grupo. Mas, como contam as crianças, é também parte deste processo de construção de subjetividade a definição daquilo que não se é. Nesse sentido, a identidade do torcedor é também constituída pela diferença em relação ao adversário, dada a natureza do próprio futebol, que demanda a existência de um oponente. Assim, se é Fluminense, porque não se é Flamengo, Botafogo ou qualquer outra agremiação.

É a partir da designação do que se é e do que se deixa de ser, que são tecidas narrativas de rivalidade, já que “ninguém torce a favor de um time sem se contorcer por outros” (TOLEDO, 2010, p. 184). Desse modo, a prática torcedora, na arquibancada, é constituída não somente por comportamentos que buscam enaltecer o time que se torce, mas também pela utilização de palavras e gestos que objetivam desqualificar os clubes adversários. É o que acontece na figura 5, onde Cara Pintada gesticula estendendo o dedo médio e abaixando os

demais na mão esquerda, em direção aos jogadores do time adversário, o América-MG, após a marcação de uma falta para o clube, em uma partida do Campeonato Brasileiro de 2023.

Figura 5 - O dedo do meio do Cara Pintada



Fonte: Arquivo pessoal, 19/08/2023.

Perguntei a Cara Pintada o que, para ele, representa esse gesto:

- Esse gesto aqui que você fez com a mão, é o que? – pergunto, apontando para a foto que tirei, ainda na galeria do celular, onde o menino estende o dedo.
- Eu tava dando dedo pro jogador do outro time – responde Cara Pintada.
- Entendi. E o que significa mostrar esse dedo?
- É dar dedo. Dar dedo do meio.
- E porque você fez esse dedo pro jogador do outro time?
- Porque é uma coisa ruim.
- Você faz esse gesto em outros lugares também ou só aqui no Maracanã?
- Só no jogo só.
- Por que?
- Porque aqui pode, todo mundo dá dedo. Palavrão também.
- Todo mundo? Os adultos e as crianças?
- É.
- E por que fora do Maracanã não pode?
- Porque é ruim.

(Conversa, 19/08/2023, jogo entre Fluminense e América-MG)

Na cultura ocidental, os palavrões e o gesto de estender o dedo médio pertencem a um conjunto de linguagens que são socialmente compreendidas como pejorativas e ofensivas. Esse conjunto serve para “expressar insulto, manifestar sentimentos ou para mascarar o nome de algum órgão sexual a fim de evitar a terminologia oficial” (ORSI, 2011, p. 336). Por possuir um sentido imoral, vinculado a conotação sexual, o uso dessa linguagem é culturalmente compreendido como um tabu linguístico, ou seja, estender o dedo do meio e falar palavrão são práticas julgadas inadequadas em diversos contextos sociais (ORSI, 2011).

Mas, como indica Cara Pintada, esse uso parece não ser impróprio no Maracanã. Além disso, embora Cara Pintada reproduza a gesticulação de estender o dedo médio, a criança traz

uma outra significação do que essa prática representa, sem associá-la a uma ofensa com referências de caráter sexual. Para ele, o movimento com os dedos das mãos, em suas palavras, retrata simplesmente “uma coisa ruim”, feita para o jogador adversário, no estádio de futebol, mas que não pode ser feita fora daquele espaço. Nesse viés, a criança traz à tona um debate a ser explorado, no que tange às relações que adultos e crianças constroem em torno do uso desse conjunto de linguagens no estádio do Maracanã.

Para entender melhor essa configuração, é necessário, *a priori*, voltar o olhar para fora do campo de pesquisa. Em vários espaços da sociedade, sobretudo os formais, como a escola e o ambiente corporativo, o uso de palavrões e de gestos relacionados a eles é considerado inapropriado. Contudo, compartilho com Carvalho e Gouveia (2020) que as interdições sobre essa utilização não são atribuídas da mesma forma às diferentes categorias geracionais existentes, visto que as sanções linguísticas são designadas, sobretudo, às crianças. Elas são fundamentadas em um projeto civilizatório de perspectiva adultocêntrica, construído ainda na Modernidade, que dispõe de uma “representação da criança como caracterizada pela inocência e recato, a ser protegida do universo sexualizado do adulto, através da interdição do acesso dela a essas manifestações” (CARVALHO e GOUVEIA, 2020, p. 5). Ancorados nesta lógica, os adultos costumam repreender as crianças que tensionam essa regra social.

Mas, no estádio, percebo um modo de funcionamento específico, que escapa da ordem predominante na sociedade, no que tange a apropriação e reprodução de palavrões por adultos e crianças. Imersa em campo, notei que os palavrões fazem parte da sonoridade do estádio, dada a elevada frequência com que são pronunciados. Como revela Cara Pintada, “todo mundo dá dedo. Palavrão também.” Essa realidade não é exclusiva do Maracanã, visto que o uso de palavrões é comum nos diversos estádios de futebol brasileiros (MARRA, 2017).

No Maracanã, essa linguagem pode ser produzida de maneira individual e espontânea, como feita pela criança na figura 5, bem como de forma coletiva e síncrona com o restante da torcida, o que geralmente ocorre por meio de gritos e cânticos. Na condição de “uma coisa ruim”, usando as palavras de Cara Pintada, essa linguagem é, quase sempre, dirigida à torcida e aos jogadores da equipe adversária, como no cântico abaixo, manifestado em jogos contra a equipe do Flamengo, um dos maiores rivais do Fluminense:

Vai tomar no cu, Flamengo
Vai tomar no cu, Flamengo
Torcida do Flamengo só sabe é correr
Lá fora a porrada vai comer
(Torcida do Fluminense, diário de campo, 2023)

Ainda no sentido de ofensa, os palavrões podem ser direcionados ao árbitro da partida, bem como aos jogadores e ao técnico do próprio time, quando se considera que estes não desempenharam um rendimento satisfatório de suas funções. Contudo, os palavrões também surgem em circunstância de felicidade, como na comemoração de um gol, bem como em músicas de apoio ao clube, como registrado no cântico abaixo, em que a menção é utilizada para conferir o sentido de intensidade ao sentimento do torcedor em relação ao seu time:

Toca o surdo balança bandeira
 E faz Laranjeiras de novo sonhar
 Fluminense não é brincadeira
 Sacode a poeira
 Faz o povo delirar
 Gosto pra caralho de ser tricolor
 Esse clube é minha vida é o meu amor
 (Torcida do Fluminense, diário de campo, 2023)

Ao contrário do que se vê em outros espaços institucionais, onde, “diante de um palavrão, as crianças se deparam com a negativa do adulto, quer em partilhar seu significado, quer em permitir seu uso” (CARVALHO e GOUVEIA, 2020, p. 13), é comum observar, no Maracanã, muitas crianças falando palavrões sem terem essa ação desaprovada por pessoas adultas. “Aqui pode”, como indicou Cara Pintada. Essa realidade desvela um contexto sociocultural próprio que orienta o estádio, onde o uso do palavrão é permitido e, mais que isso, naturalizado, tanto por adultos, quanto por crianças, pondo em suspensão as regras compartilhadas em outros *locus* da sociedade. Esse cenário também foi verificado na pesquisa de Silva (2014), que investigou o uso do palavrão entre crianças e adultos da cidade de Catingueira, na Paraíba, no estádio de futebol da região. O autor constatou que as crianças compartilham, com os adultos, o uso do palavrão, também de maneira deliberativa e permissiva, produzindo uma reprodução interpretativa da linguagem (SILVA, A., 2014).

Mas, o que explica essa permissividade social quanto ao uso de palavrões, pelas crianças torcedoras, no estádio de futebol? A análise que faço traz uma hipótese articulada a obra de Huizinga (2012), que me conduziu a compreender o estádio enquanto um território de acontecimentos específicos, sustentado pela existência de um elemento pertencente à cultura humana: o jogo.²⁷ Avançando por esse caminho teórico, encontrei possibilidades discursivas que me fizeram pensar que a condição de ser criança-torcedora e poder falar palavrão no estádio, sem repreensões adultas, talvez esteja associada à própria definição de jogo.

²⁷ O autor entende que o jogo precede a própria cultura humana, em virtude de ser exercido, também, pelos animais (HUIZINGA, 2012).

Isso porque, em seu trabalho, Huizinga (2012) define que o jogo é livre, ou seja, não pode figurar como uma atividade obrigatória para o sujeito; ele é limitado, o que indica que não se pode jogar o tempo todo, pois a atividade ocorre em um tempo e espaço definidos; e, por fim, ele representa uma suspensão da vida cotidiana, que, nas palavras de Huizinga, “não é vida corrente nem vida real. Pelo contrário, trata-se de uma evasão da vida real para uma esfera temporária de atividade com orientação própria” (HUIZINGA, 2012, p. 11). Este último aspecto traz à tona a possibilidade dos sujeitos que estão imersos no jogo, assumirem papéis específicos e distintos dos que conduzem no dia-a-dia. Isso não significa que o jogo ocorra de forma alheia à realidade, uma vez que se este se articula a muitas conjunturas e problemáticas existentes no tecido social, como visto no capítulo 2. Contudo, compreendo que o jogo viabiliza, também, práticas e experiências singulares. É por meio dele que as crianças torcedoras se permitem e são permitidas desempenharem, na arquibancada, ações que não se sustentam em outros espaços e condições sociais, como falar palavrão.

Encontro também no trabalho de Bakhtin (1987), que aborda as características do fenômeno da carnavalização e das festividades na Idade Média, uma discussão sobre o processo de suspensão temporária das normas coletivas e sociais, associado, em sua perspectiva, à cultura popular. Essa concepção bakhtiniana é fundamental para entender a cultura popular como lugar que possibilita a interrupção, mesmo que momentânea, da ordem institucionalizada, promovendo a alteração de papéis sociais. Nesse contexto, o autor explica que a utilização de expressões não pertencentes aos padrões da linguagem emergiam, na época, como prática de subversão ao discurso oficial, sobretudo em ocasiões festivas.

Fenômenos tais como as grosserias, os juramentos e as obscenidades são os elementos não oficiais da linguagem. Eles são, e assim eram considerados, uma violação flagrante das regras normais da linguagem, como uma deliberada recusa de curvar-se às convenções verbais: etiqueta, cortesia, piedade, consideração, respeito da hierarquia, etc. Se os elementos desse gênero existem em quantidade suficiente e sob uma forma deliberada, exercem uma influência poderosa sobre todo o contexto, sobre toda a linguagem: transpõem-na para um plano diferente, fazem-na escapar a todas as convenções verbais. E essa linguagem, liberta dos entraves das regras, da hierarquia e das interdições da língua comum, transforma-se numa língua especial, uma espécie de jargão. Em consequência, ela propicia a formação de um grupo especial de pessoas iniciadas nesse comércio familiar, um grupo franco e livre na sua expressão. Era assim de fato a multidão da praça pública, em especial nos dias de festa, de feira, de carnaval (BAKHTIN, 1987, p. 162).

Portanto, é na cultura popular que se abre espaço para o uso de diferentes formas de linguagens e configurações que tensionam, provocam, brincam com a formalidade que constitui as obrigações da vida cotidiana. O futebol, como parte desta cultura, viabiliza essas experiências desajustadas ao cenário social. É sob esse viés, por exemplo, que as crianças não somente falam

palavrão sem reprovação, como também cobram determinadas ações dos jogadores, que são pessoas adultas, o que coloca em suspensão a lógica intergeracional que prevê justamente o contrário. Essa situação pode ser percebida na descrição a seguir, onde

Cristiano Ronaldo está em pé, sobre a cadeira, observando a partida entre Fluminense x Internacional, pela semifinal da Libertadores. Embora o Fluminense esteja ganhando, Cristiano Ronaldo está irritado. Ele gesticula e resmunga o tempo todo, demonstrando bastante agitação. Após a finalização de um atacante do Fluminense, que foi facilmente defendida pelo goleiro do Internacional, Cristiano Ronaldo grita: “– era pra chutar por cima do goleiro! Seu burro!” (Diário de campo, Fluminense x Internacional, 27 de setembro de 2023)

Os contratos geracionais, na sociedade contemporânea, são sustentados por meio da subordinação da criança ao adulto. Nesse sentido, as crianças são constantemente cobradas, mandadas, exigidas pelos adultos. Mas, enquanto torcedoras, as crianças podem, ainda que temporariamente, experimentar uma outra posição, diferente da que é dada na vida comum. Aqui, elas cobram, mandam, exigem dos adultos que conduzem a bola dentro de campo.

Volto novamente o meu olhar para a arquibancada, a fim de compreender outros arranjos de socialização que as crianças constroem nesse lugar, principalmente no que tange a pedagogia do torcer (BANDEIRA, 2017), pois, entendendo que o estádio de futebol possui um currículo de práticas torcedoras que são aprendidas e ensinadas, como as crianças relacionam-se com ele? Nesta investigação, percebo que a convivência das crianças com os torcedores, no Maracanã – sejam eles os familiares, os desconhecidos ou a multidão que, em unicidade, representa a torcida – é o que torna possível a construção de aprendizagens, ressignificações e compartilhamentos de narrativas, experiências e culturas torcedoras. Essa organização se desenvolve à medida em que os vínculos vão sendo estabelecidos com o outro, por meio do fazer junto, dos diálogos, das perguntas, das respostas, dos olhares atentos e de tantas outras formas de interação. É dessa maneira que as regras do jogo, os cânticos, as coreografias, os códigos, os símbolos e as dinâmicas que constituem o torcer no espaço-tempo do estádio de futebol vão sendo apropriados e transformados. Na anotação de campo registrada abaixo, por exemplo, Maria Alice pede esclarecimentos a seu pai a respeito de alguns acontecimentos que ocorreram no Maracanã, na partida entre Fluminense x Botafogo.

Na parada técnica dos times, no primeiro tempo, Maria pergunta: “ – Por que os jogadores pararam de jogar?”. Seu pai explica que está muito calor e eles precisam beber água. Em outro momento, já no segundo tempo, uma mulher passa mal do nosso lado e é deitada sobre as cadeiras por outros torcedores, que chamam o atendimento médico do Maracanã. Maria Alice olha a movimentação e pergunta “– Por que a moça está assim, papai?”. As perguntas feitas ao seu pai parecem importantes para compreender as dinâmicas que transcorrem em campo e na arquibancada (Diário de campo, Fluminense x Botafogo, 8 de outubro de 2023).

A interação de Maria Alice com seu pai revela o interesse da menina em descortinar as situações até então desconhecidas que ocorrem no estádio. É assim que as crianças convocam os adultos a construírem relações formativas menos tuteladas e controladoras, e mais pautadas em princípios de parceria, respeito e confiança. Também foi-me atribuída, algumas vezes, pelas próprias crianças, a responsabilidade de ocupar a função de quem responde, ensina, explica. Esse contexto, juntamente com as outras vivências que se desdobraram em campo, foram importantes para provocar o reconhecimento de que, mesmo ocupando a posição de torcedora há mais de uma década, existem muitas coisas relacionadas ao jogo e à torcida, que eu não sei. Isso permitiu que eu aprendesse com as crianças. Para ilustrar essa relação, escrevo sobre duas situações que aconteceram em campo. A primeira ocorreu no jogo contra o São Paulo, onde Laura me perguntou sobre a ausência de um jogador do Fluminense. Como eu não sabia a resposta, pesquisamos juntas na internet e Laura me contou algumas histórias.

- O que que aconteceu que o John Kennedy não veio hoje? – Laura me pergunta.
- Não veio? Eita, não vi. Deixa eu procurar a escalação – respondo, pegando o telefone e colocando a listagem dos jogadores relacionados para aquele jogo, disponível nas redes sociais do Fluminense, a fim de ver se o atacante John Kennedy estava ocupando o banco de reservas.
- Cadê? – Laura pede para segurar o meu telefone e começamos a ver juntas.
- Aqui em baixo é os que estão no banco, né? – pergunta Laura.
- (Então, aumentamos o tamanho da tela e focamos na parte inferior da imagem).
- Isso – respondo.
- É, ele não veio hoje não. O Nino ele até que veio, só que ele não vai jogar, porque ele jogou ontem – diz Laura, se referindo ao jogo da noite anterior entre Brasil x Argentina, válido pelas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2026, onde o Nino atuou como zagueiro da seleção brasileira.
- E você veio ontem ver o Brasil?
- Vim.
- Caraca! Que legal! Você ficou onde ontem?
- No lado de lá.
- Eu vi na televisão que teve briga. Você viu?
- Vi. Eu tava aqui. Tiraram um banco, o banco bateu na cabeça do garoto, e a cabeça dele ficou sangrando.
- Aí parou o jogo?
- Não, ainda ficou no jogo. Os caras estavam fazendo briga com os argentinos. Aí os argentinos pularam da cerquinha ali e foram lá bater nos caras. Aí as polícia tudo veio e começou a bater neles. O Brasil até falou que não ia jogar, mas depois jogou.
- (Conversa, 22/11/2023, jogo entre Fluminense e São Paulo)

A outra situação aconteceu durante a preparação para a festa do pó de arroz, que é uma celebração tradicional da torcida do Fluminense, produzida nas arquibancadas há mais de um século. Essa festividade consiste em lançar para o alto, na entrada do time em campo, um pó branco que provoca o efeito de nevoeiro. Horas antes do início da partida, os torcedores, sobretudo os vinculados às torcidas organizadas do clube, reúnem-se nos corredores do Maracanã, na entrada dos túneis principais, para ensacar o pó em pequenas embalagens de

papel. Em seguida, esses sacos são distribuídos para todos os torcedores que adentram os túneis do estádio. Frequentadora do Maracanã desde os quinze anos, estive em inúmeras partidas marcadas pela presença do pó de arroz, mas nunca havia participado da preparação que antecede a festividade: o entrar mais cedo no estádio, sentar-me ao chão, mergulhar as mãos no pó branco e colocá-lo dentro de incontáveis saquinhos de papel. A primeira vez foi ao lado de Maria Alice, no clássico contra o Botafogo, como mostro na figura 6:

Figura 6 - Maria Alice e o pó de arroz



Fonte: Arquivo pessoal, 08/10/2023.

Eu e Maria estávamos conversando nas cadeiras da arquibancada do Setor Sul, cerca de uma hora antes do jogo começar, quando fomos interrompidas pelo pai da criança: “Vamo, Maria! O pó chegou”, gritou. Maria prontamente pôs-se de pé para ir até o corredor, local onde alguns poucos torcedores estavam concentrados para preparar a festa. Perguntei a Maria se poderia acompanhá-la e ela autorizou. Descemos a rampa em direção ao corredor, onde cerca de cinco torcedores adultos abriam grandes embalagens onde o pó estava armazenado. Rapidamente, Maria e uma mulher começaram a distribuir, para todos, alguns saquinhos de papel menores, para serem preenchidos com o pó. Maria estendeu a mão e me ofereceu alguns saquinhos de papel, ação que me fez entender que eu também poderia participar daquela atividade. Sentamos em roda e iniciamos a preparação. Ao todo, haviam oito torcedores na roda, incluindo eu, Maria e seu pai. Eu olhava como Maria e os outros torcedores faziam o processo: enquanto a criança colocava o pó com o auxílio da própria mão, alguns preferiam usar um copo d’água vazio para transportar o pó até o saquinho. Maria abria os saquinhos de um em um, enquanto outros preferiam abrir uma quantidade maior de saquinhos e, só depois, preenchê-los, de uma vez, com o pó. Olhando como eles faziam, cada um do seu jeito, eu ia experimentando e testando algumas dessas maneiras de fazer, tentando verificar quais eram as mais rápidas. O tempo estava apertado, pois faltava menos de uma hora para o jogo começar. Pelo que eu entendi, a entrada do pó, no estádio, foi tardia, o que atrasou o início da preparação e nos obrigou a realizar a atividade com mais rapidez. Falávamos “vamos, vamos” uns com os outros, na tentativa de acelerar o processo. “É a primeira vez que você está enchendo, Maria?” perguntei à criança. “Não! Já fiz outras vezes”, Maria responde. “E o que que é esse pó? Pra que você faz isso?”, pergunto. “Pra dar pra torcida jogar

na hora do time entrar. Aí fica tudo branco, até o céu”, responde. “Uau! E o que você acha? Você gosta?”, pergunto. “Sim. Gosto mais de encher porque dá pra fazer isso aqui” responde Maria, esmagando o pó com a mão, num movimento que parece trazer satisfação sensorial à criança. Tempo depois, Maria indaga: “Por que tem que fazer sol justo no dia do pó de arroz?”. Pergunto o porquê o sol atrapalha e Maria diz que é “porque o sol faz o pó grudar ainda mais no corpo”. Depois, começamos a distribuição dos saquinhos já prontos para os torcedores que entram pelo túnel. Quando os saquinhos esgotavam, voltávamos à roda para preparar mais. Esse vai e vem aconteceu algumas vezes, até o pó de arroz acabar por completo. Antes disso, separamos também nossos próprios saquinhos. Agora era a nossa vez de passar pelo túnel. (Diário de campo, Fluminense x Botafogo, 8 de outubro de 2023)

Em ambas as situações, experimentei, inicialmente, a condição torcedora do não saber: desconhecia a ausência de um dos jogadores mais importantes do elenco do Fluminense, na partida contra o São Paulo, assim como nunca havia participado da elaboração da festa do pó de arroz. Também, em ambos os contextos, eu aprendi com as crianças. Apresentando suas ações e suas falas, elas compartilharam comigo seus conhecimentos e modos de fazer próprios, provenientes de suas práticas torcedoras na arquibancada do Maracanã.

Isso permitiu compreender que a aprendizagem, no estádio, não acontece de forma sequencial, determinada pela idade, pelo tempo cronológico ou pela categoria geracional. A aprendizagem ocorre à medida em que o sujeito, seja ele adulto ou criança, se põe diante de uma nova experiência e emaranha-se a ela. Assim, enquanto eu, adulta, aprendia a ensacar o pó de arroz, Maria Alice já dominava e se relacionava criativamente com a prática, desempenhando uma função produtiva e atribuindo sentidos à dinâmica.

Essa lógica é contrária à instituída na sociedade ocidental, que entende a infância, categoria onde as crianças estão inseridas, como uma fase menor, marcada pela incapacidade dos seus sujeitos, onde é preciso que as crianças se preparem em instituições formativas para, quando adultas, participarem da sociedade. No entanto, o que se vê é que “as crianças vivem suas infâncias no aqui e agora e não há um momento específico para uma hipotética entrada na sociedade, pois elas estão e nascem dentro da e na sociedade” (GOMES, 2021, p. 140). Nesse viés, vê-se que as crianças são sujeitos ativos, plenamente competentes, que desempenham papéis socialmente relevantes, como o de torcer no estádio. O torcer, construído pelas crianças, é constituído de formas autônomas de pensar, fazer e se relacionar com o espaço da arquibancada e com os indivíduos que ali estão. Essa atuação se dá de variadas formas, não sendo a idade um pré-requisito, mas sim a plena capacidade das crianças fazerem o que fazem, que vai desde a preparação da festa do pó de arroz até a participação nas baterias das torcidas, como ilustrado na figura 7:

Figura 7 - Crianças na bateria da torcida



Fonte: Arquivo pessoal, 29/07/2023.

No Maracanã, as baterias são formadas por grupos de torcedores organizados ou integrantes de movimentos e coletivos, que atuam como percussionistas de instrumentos como o repique e a caixa. Cada torcida organizada, movimento ou coletivo possui a sua própria bateria²⁸ e é responsável por realizar, antes do início de cada partida, a liberação dos instrumentos junto ao Batalhão Especializado em Policiamento em Estádio (BEPE). Nos jogos, a presença das baterias é fundamental para estabelecer a sincronização da manifestação sonora do torcer, haja visto que elas são responsáveis por indicar os cânticos e ritmos que devem ser produzidos por todos os torcedores presentes na arquibancada, incluindo aqueles que não são organizados. Essa função exige dos integrantes da bateria uma postura de dedicação constante, uma vez que eles mantêm o batuque a pleno ímpeto durante toda a partida – por vezes, até mesmo após o encerramento do jogo, como mostra a figura 7, onde as baterias das torcidas Força Flu, Fiel Tricolor e Fanfarra Festiva Tricolor acompanham a saída dos torcedores, pelos corredores do Maracanã, depois de uma vitória do Fluminense. Observei a relação entre as crianças e os adultos, nas baterias das torcidas mencionadas, durante o jogo contra o Santos, pelo Campeonato Brasileiro de 2023:

Homens e meninos integram as baterias das torcidas Força Flu, Fiel Tricolor e Fanfarra Festiva Tricolor, que, nesse jogo e em algumas partidas da Libertadores, formam uma mobilização identificada como “união das torcidas”. A proposta dessa mobilização é unir, na arquibancada, as baterias destas torcidas – que comumente se concentram em espaços distintos do setor Sul – para fortalecer os cânticos e ritmos

²⁸ Exceto aquelas que estão punidas pelos Órgãos de Segurança do Estado e, por isso, são submetidas a uma série de proibições, sendo uma delas a de levar instrumentos de percussão para os estádios.

entoados pela torcida do Fluminense. É possível observar a presença de quatro meninos na bateria. Embora esse número não represente a maioria de integrantes que constituem o conjunto, as crianças seguem firmes, tocando com bastante entusiasmo, assim como os adultos. É nítida a sintonia e a concentração do grupo para que os ritmos sejam bem executados. Há um homem adulto, em pé, que parece ser o “puxador” das músicas, pois, segundos antes da bateria terminar de tocar um ritmo, ele entoa, aos berros, um outro cântico, para que os percussionistas possam dar continuidade. Rapidamente, os torcedores organizados posicionados ao redor da bateria cantam a música que o conjunto batuca, e o restante da torcida, aos poucos, começa a cantar também. A música se espalha pelo estádio. Esse processo se repete várias vezes. Apesar de segurarem instrumentos que parecem ser pesados, os meninos demonstram uma enorme resistência para tocá-los. Somente por volta dos vinte e cinco minutos do primeiro tempo, alguns componentes revezam as caixas e repiques com torcedores que ainda não estavam tocando. Alguns meninos aproveitam esse momento para beber refrigerante e descansar. Outro menino desce em direção ao corredor. Faltando pouco para o fim da partida, eles e alguns outros adultos voltam a tocar (Diário de campo, Fluminense x Santos, 29 de julho de 2023).

Reconhecer a importância das crianças na (re)produção das culturas do torcer é uma oportunidade para aprender com elas e firmar relações intergeracionais onde exista o compartilhamento mútuo de saberes e experiências, fundamentados em princípios de parceria, respeito, confiança e responsabilidade. Nesse sentido, corroboro com Liebel (2019) que,

También podríamos imaginar que la relación entre diferentes grupos generacionales podría organizarse legalmente e institucionalizarse de otras maneras que no se basen en una diferenciación estricta o incluso en una separación sino en una convivencia compartida que puede incluir diversas formas de (co)responsabilidad; y de hecho, encontramos estas formas en muchas culturas no occidentales. Implican que, a diferencia de las sociedades occidentales, no se diferencia a las personas en primer lugar por la edad cronológica sino por las tareas más o menos vitales que hay que realizar. Las capacidades y habilidades que se requiere para ello pueden estar distribuidas de maneras muy diferentes y no necesariamente los más jóvenes las tengan menos que los mayores considerados adultos. Y fiel al dicho de que la persona crece con sus tareas, debemos tomar en cuenta que las habilidades y capacidades necesarias para resolver estas tareas no están dadas por la naturaleza, sino que surgen y se desarrollan cuanto más oportunidad y confianza se dé a las personas para cumplirlas (LIEBEL, 2019, p. 64)

Assim, é fundamental considerar que, quando se fala em ensinar e ser ensinado pelo outro, a noção de tempo cronológico deve ser interrompida. Para Kohan (2004), essa concepção de tempo advém do que os gregos chamavam de “*chrónos*”: um tempo sequencial e linear, como o do relógio. De acordo com Kohan, pensar as crianças a partir desta lógica temporal acaba por posicioná-las no início de uma espécie de linha do tempo, onde a elas devem ser transmitidos os conhecimentos que foram acumulados ao longo da história pela humanidade. Esse é o tempo da preparação, da negação, do ainda não, do quase lá. Engessadas nesse tempo, talvez as crianças não ensacassem pó, não batucassem seus instrumentos, não identificassem seus jogadores preferidos. Contudo, a experiência não acontece de acordo com esse tempo que tem momento para começar e momento para terminar, mas com um tempo outro. Um tempo da troca, do diálogo, como lembra López,

Talvez nosso desafio seja, hoje, negar a matriz que tem dado forma à nossa experiência de colonizados. Precisamos de uma revolução do tempo que permita cultivar uma afirmação sem postergação. Uma afirmação que nos liberte da crença em uma evolução progressiva, que suspenda o tempo no “ainda não” e permita afirmar um novo tempo. Não um progresso no tempo colonial, mas outro tempo, um tempo próprio, um tempo apropriado. Desconhecer o tempo cronológico. Afirmar outro tempo. Não outro tempo que virá depois deste, mas outro tempo agora. Suprema afirmação da vida, que não se subordina ao desejo nem à falta. Antes que um progresso, a invenção súbita de um tempo próprio. Uma afirmação poética, criadora e não reprodutora. A educação que corresponde a uma experiência que desconhece o progresso não é já uma preparação para a vida, mas uma arte de viver juntos (LÓPEZ, 2008, p. 36)

A criação de um tempo outro, a que se refere López, me faz questionar: qual é o tempo do torcer-criança no estádio, se não um tempo próprio, inventado? É, talvez, o tempo da intensidade que os gregos nomearam como “*áion*”, antagônico ao “*chrónos*”, e que Kohan (2004) associa a uma concepção de infância potente, criativa e transformadora. Pois se alguém, assim como eu, pensou que a festa do pó de arroz estava encerrada, se enganou. Apesar das últimos saquinhos de papel terem sido lançados para os céus ainda nos primeiros minutos do jogo, a festa não estava findada para as crianças que faziam do pó de arroz um elemento presente de suas relações com adultos e seus pares, a partir de brincadeiras inventadas no corredor do Maracanã, no intervalo da partida contra o Botafogo:

No intervalo do jogo, desço para o corredor do estádio com Maria Alice, seu pai e outros torcedores que os acompanhavam. O chão está completamente escorregadio devido ao restante do pó de arroz que está por aqui. Em pouco tempo, percebo que Maria Alice inaugura uma brincadeira: ela junta, com as mãos, um pouco do pó que está no chão e joga em direção ao seu pai e ao amigo deles, um outro homem adulto. Eles correm e Maria corre atrás deles. Eles também arremessam pó na criança. A alegria de Maria Alice é nítida: ela sorri de orelha a orelha. Enquanto isso, em outro canto do corredor, outros três meninos brincam de futebol chutando um copo vazio. O pó faz escorregar e eles se divertem. Eles chutam, escorregam, caem no chão e riem (Diário de campo, Fluminense x Botafogo, 8 de outubro de 2023)

Inspirado nos estudos de Deleuze, Kohan (2004) tece aproximações entre os sentidos de infância e educação e elabora uma pergunta instigadora: “o que pode uma criança?”. Apesar de não responder, Kohan entende que essa pergunta é importante à medida em que permite desbravar potências que atravessam o sentido de infância e de educação. Diante das narrativas, socializações e modos de participação das crianças no estádio de futebol, sistematizadas neste subcapítulo, pergunto: o que podem as crianças que torcem?

Pensando a partir das construções teóricas de Walter Kohan (2004) e de William Corsaro (2002) e principalmente do que as próprias crianças contam e mostram em seus percursos torcedores, compreendo que uma, entre milhares de possibilidades que elas têm, consiste na capacidade de, em diálogo com seus pares e adultos, tecer sentidos próprios de ver

o mundo. É aí que o pó de arroz, o dedo do meio e diversas outras ações feitas por elas recebem outros sentidos, diferentes do que são atribuídos pelos adultos. À isso, William Corsaro (2002) chama de “reprodução interpretativa”, que refere-se a forma específica como as crianças se apropriam da cultura: elas apreendem-a e significam-a à sua maneira.

Como discutido até aqui, para se relacionar com outros sujeitos, construir experiências no espaço-tempo do estádio do Maracanã e re(produzir) as culturas torcedoras, as crianças usam os seus corpos de maneira ativa, dinâmica e criativa: batucam, correm, escorregam, dão dedo do meio, jogam pó de arroz, entre outras ações. No subcapítulo seguinte, apresento, de maneira mais aprofundada, uma discussão de como meninos e meninas utilizam os seus corpos como forma de linguagem e expressão do seu torcer-criança nas arquibancadas.

4.2 Corpos que brincam, que fintam, que torcem nas pontas dos pés

Tradicionalmente, as abordagens teóricas sobre a dimensão corporal humana têm sido amplamente produzidas e difundidas a partir do ponto de vista da natureza, sendo objeto de estudo do campo das ciências biológicas. Nesse viés, os corpos, sobretudo na infância, são considerados a partir de seu caráter físico: o corpo inacabado, em condição de crescimento, que está em processo de maturação biológica, que se desenvolve à medida em que se alimenta e amplia as suas habilidades motoras, que necessita de cuidados médicos quando adocece.

Contudo, defendo uma concepção de corpo que está vinculada às recentes produções teóricas dos autores da Sociologia da Infância. Essa abordagem não desconsidera a relevância de pensar sobre os aspectos biológicos, mas entende que o corpo da criança deve ser compreendido, também, enquanto construção cultural (JAMES; JENKS; PROUT, 2000). Isso significa superar a histórica dicotomia que se estabelece entre um e outro, entre natureza e cultura, para considerar que o corpo da criança é constituído por ambas as categorias.

Isso implica reconhecer que o corpo da criança não é redutível somente ao seu funcionamento biológico, mas, inserido na cultura, é responsável por desempenhar diferentes funções e papéis sociais: é por meio dele que as crianças constroem suas experiências, linguagens, expressões, sentidos e relações com seus pares, adultos e com o espaço.

Tendo isso em vista, este subcapítulo apresenta as formas como as crianças usam o próprio corpo, em seu sentido cultural e biológico, como manifestação torcedora no estádio do Maracanã. Assim, concordo com James, Jenks e Prout (2020) que

Um redirecionamento do foco para os corpos materiais das crianças poderia permitir-nos explorar a infância como construção do discurso e como um aspecto das vidas das crianças que molda relações sociais tanto quanto é moldado por elas (JAMES; JENKS; PROUT, 2000, p. 208).

Nesse viés, os autores propõem um sentido outro acerca do conceito de corporificação, distinto daquele que se refere ao processo em que um indivíduo somente reproduz, de forma engessada e automática, ações consideradas normativas em um determinado espaço social. A abordagem defendida pelos autores é a de que a corporificação deve ser compreendida como um modo de apropriação de ações, mas também de criação ativa pelos sujeitos. Ou seja, eles não são seres passivos nesse processo, uma vez que vão “assimilando e construindo seu mundo social por meio dessa corporificação” (JAMES; JENKS; PROUT, 2000, p. 227). A ideia desenvolvida pelos autores é importante, sobretudo para essa pesquisa, porque entende que as crianças desempenham um papel ativo em suas práticas, mas também não nega que as crianças reproduzem um conjunto de ações instituídas no contexto em que estão inseridas.

Assim, uma análise voltada para os corpos das crianças – a partir de uma perspectiva cultural-biológica, e sob a ótica do conceito de corporificação que James, Jenks e Prout apresentam – se configura como uma possibilidade de conhecer as ações delas na arquibancada: suas práticas, relações, reproduções, criações, questões e desafios.

No estádio, a criança é um corpo do discurso, que olha, fala, escuta, gesticula e comunica. É um corpo ativo, que se movimenta, brinca, corre, canta, dança, joga, finta, pula e empurra. É um corpo que sente, se emociona, se indigna, arre pia, sorri, chora, abraça, tem medo. É um corpo que cria estratégias, transgride, esconde, revela, se equilibra. É um corpo que se veste e se pinta com as cores e símbolos que representam a instituição que defende. É um corpo que torce. Não há prática torcedora sem o uso do corpo, como põe DaMatta (2006):

Eu admiro com os olhos e vejo com a mente mas, para torcer, sou obrigado a usar meu corpo: minhas mãos, meus braços, minhas pernas, minha boca e todo o meu corpo que pula, abraça, soca e grita na dor da derrota, no espasmo impotente do empate ou na explosão gloriosa e feliz da vitória (DAMATTA, 2006, p. 113)

Mas o corpo não se põe em movimento somente quando o juiz apita o fim do jogo e decreta a vitória, o empate ou a derrota do time. Ele é ação, atividade e potência durante toda a partida. Isso porque o corpo exerce o papel fundamental de incentivar o time. Nesse sentido, é como se o corpo também fizesse parte do jogo, sendo a sua presença e ação, na arquibancada, fatores capazes de influenciar a performance dos jogadores e o resultado da partida. Assim, voltados para o campo, com os olhos acompanhando atentamente o percurso da bola e gritando

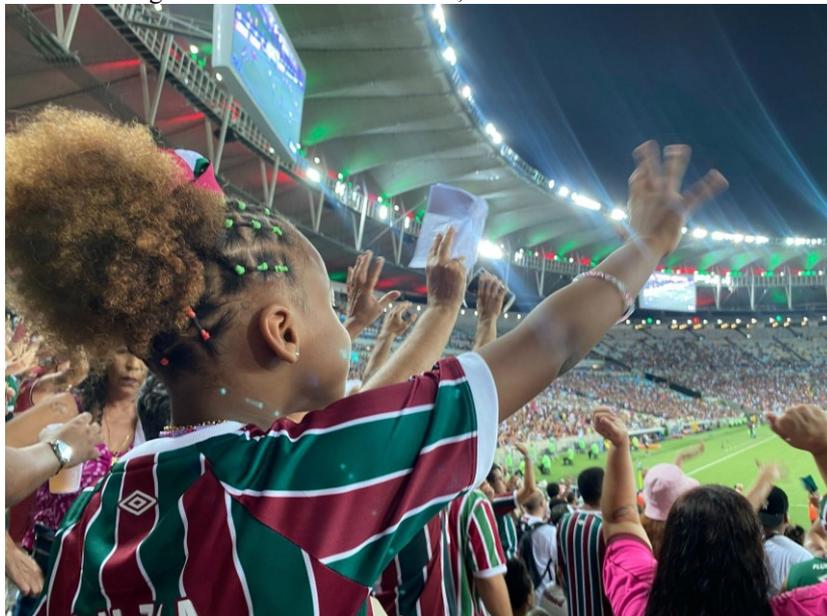
a plenos pulmões os cânticos que embalam a torcida, as crianças esticam seus braços, balançam as mãos e sacodem o seu corpo, como mostra nas figuras 8 e 9:

Figura 8 - Os braços erguidos de Cristiano Ronaldo



Fonte: Arquivo pessoal, 18/04/2023.

Figura 9 - Em meio a multidão, Laura incentiva o time



Fonte: Arquivo pessoal, 22/10/2023.

Essa compreensão é culturalmente legitimada pela própria torcida, que entende que quanto maior for a quantidade de torcedores presentes na arquibancada e quanto mais intensa se configurar a entrega corporal de cada um que constitui a multidão, maiores serão as chances do time conquistar a vitória na partida. Nesse viés, vê-se que o torcer não é uma prática construída somente no sentido de reação diante dos lances que ocorrem em campo, ou seja, não

é necessário um gol ou um acontecimento positivo, produzido pelo time que se torce, para que a torcida cante e mexa o seu corpo. O tempo do torcer é também o tempo que antecede: são as festas, como o pó de arroz e os mosaicos, planejadas muito antes do jogo começar; os cânticos e os gestos, construídos com o objetivo de empurrar o time em direção a vitória. Nas figuras 10 e 11, o movimento feito por Cristiano Ronaldo, Laura e o restante da torcida é justamente esse: balançar os braços para trás e para frente incontáveis vezes, como se a força e a potência empregada no movimento, bem como o cântico que é simultaneamente reproduzido, fossem capazes de impulsionar a equipe.

Vamos
Pra cima, Fluzão
Quero
Gritar campeão!
Vamos lutar
Por mais essa taça
Vamos, Fluminense, com garra e com raça!
Não paro de cantar!
(Torcida do Fluminense, diário de campo, 2023)

É interessante pensar que, no cântico apresentado acima, que embala a coreografia que as crianças fazem nas figuras 10 e 11, a torcida diz “vamos, Fluminense” ao invés de, por exemplo, “vai, Fluminense”. Nesse sentido, a torcida parece dispensar a posição de contempladora do jogo, para se identificar como ocupante de um papel ativo no processo de busca pela vitória. Assim, o corpo comunica que é parte daquilo que torce. É como se torcida e time fossem um só e, dessa forma, os resultados em campo dependessem da atuação de ambos, como esclarece Sevcenko (1994):

O torcedor, aquele que se torce, se retorce, se contorce, como se seu corpo fosse uma caixa de ressonância reproduzindo e ampliando cada movimento, gesto, esforço, violência ou façanha desempenhada no campo diante de si, de tal maneira que esse efeito de ampliação realizado pelo seu corpo retorne e multiplique as energias dos times no campo. **Tanto os jogadores como os torcedores sabem disso e o sentem, mantendo-se numa cumplicidade de correspondência durante toda a disputa, como se ao fim e ao cabo fossem todos uma única criatura de proporções gigantescas** (SEVCENKO, 1994, p. 36, grifos meus).

Olivier (1995) que pesquisa os vínculos estabelecidos entre sujeito e corpo, indica que “o que marca o humano são as relações dialéticas entre esse corpo, essa alma e o mundo no qual se manifestam” (OLIVIER, 1995, p. 46). Desse modo, vê-se que as práticas corporais são construídas nesse constante encadeamento de conexões firmadas com o outro. Assim, o corpo só pode ser envolvido quando se vulnerabiliza em meio a multidão. Quando a condição de envolvimento se firma, sendo manifestada no corpo que grita, canta, pula, levanta os braços,

sacode as mãos e se lança para frente, é o corpo que mantém o controle sobre o próprio sujeito e não o contrário. Nas palavras da autora,

"Ter" um corpo é pretender que ele se cale e se submeta ao domínio daquele que o possui. Porém, é o homem quem se encontra nos "domínios" do corpo, sua condição é corporal e ele só se comunica com os outros porque tem um corpo que se expressa. Em outras palavras, existe uma entidade complexa, mas indivisível - o homem - que apenas pode se expressar através de seu corpo e que só pode fazê-lo de forma contextualizada, como um ser no mundo. É o corpo que atrai o olhar do outro e é atraído para ele; o pensamento, a emoção, a dor, o prazer - tudo encontra no corpo sua origem e sua manifestação (OLIVIER, 1995, p. 97)

Num mundo em que “o corpo foi renegado, rebaixado, na construção de um homem abstrato, feito de ideias, sentimentos, valores” (OLIVIER, 1995, p. 26), permitir que este seja plenamente conduzido pelas emoções que afloram em contato com o outro, no espaço-tempo do estádio, é uma condição estética que tensiona com os modos elitistas de torcer produzidos nas novas arenas, como apresentado nos capítulos anteriores desta dissertação.

Além disso, o corpo é também o lugar onde os símbolos, as cores e demais formas de torcer são exibidos na pele, como a maquiagem pintada nos olhos de Gabriela (figura 10).

– E a sua maquiagem, quem fez?
 – Eu! São as cores do Fluminense: vermelho e verde!
 (Conversa, 29/09/2023, jogo entre Fluminense e Santos)

Figura 10 - Olhos tricolores de Gabriela



Fonte: Arquivo pessoal, 29/09/2023.

Já Maria Alice tem seus braços cobertos de pó de arroz. Não há corpos mais envoltos em pó do que aqueles que se dedicam à preparação da festa, como o de Maria Alice, conforme escrevi no subcapítulo anterior. Nos minutos que antecedem a entrada do time em campo, onde os torcedores aguardam, na arquibancada, o momento oportuno para jogar ao alto os saquinhos

de papel que seguram em suas mãos, Maria pede a camisa de seu pai para cobrir a cabeça e o nariz, de modo que o pó não penetre em seu cabelo e também não seja aspirado. A estratégia parece funcionar, como registrado na figura 11. Eu, Maria Alice e o restante da torcida lançamos os saquinhos para o alto. A festa acontece. Maria pula de alegria, canta junto com a torcida e se diverte. A sua felicidade é explícita: a criança parece sorrir com os olhos.

Figura 11 - Maria protegendo-se do pó de arroz



Fonte: Arquivo pessoal, 08/10/2023.

Cara Pintada, por sua vez, exibe, em seu rosto, as cores do Fluminense, grená, branco e verde, da direita para a esquerda, sequência que está de acordo com a contida no escudo do clube. Essa pintura, feita pela sua mãe, dá origem à maneira como se identifica: Cara Pintada. Além disso, a criança usa óculos escuros onde, em algumas partidas, expressa mensagens que provocam os rivais ou manifestam algum descontentamento, como registrada na figura 12:

Figura 12 - CONMEBOL VERGONHA! LIBERDADE PRA TORCER!



Fonte: Arquivo pessoal, 27/09/2023.

- O que está escrito no seu óculos?
 - “Conmebol vergonha, liberdade para torcer”
 - Por que você acha isso?
 - Porque eu acho que eles tem que botar a gente pra ver o negócio... pra gente entrar com o jogador, porque não pode na Libertadores.
- (Conversa, 27/09/2023, jogo entre Fluminense x Internacional).

Cara Pintada refere-se à Confederação Sul-Americana de Futebol (CSF), popularmente conhecida pelo seu acrônimo “CONMEBOL”, que é uma instituição internacional que organiza diversas competições esportivas entre clubes e seleções dos países localizados na América do Sul, como a Conmebol Libertadores e a Copa Sul-Americana. Cara Pintada conta que, na Libertadores, competição que o Fluminense jogou no dia desta conversa, contra a equipe do Internacional, as crianças não têm a possibilidade de entrar em campo com os jogadores, antes do início das partidas, prática que tradicionalmente é feita nos jogos organizados por instituições nacionais, como é o caso da CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Na partida contra o América-MG, em agosto de 2023, válida pelo Campeonato Brasileiro e desenvolvido pela CBF, Cara Pintada foi uma das crianças que entrou em campo.

- Você entrou com os jogadores hoje?
 - Sim.
 - Que legal! E como é que foi? O que você sentiu?
 - Eu senti bom. Foi bom. Eu gostei muito.
- (Conversa, 19/08/2023, jogo entre Fluminense e América-MG)

As tintas que colorem o seu rosto tornam Cara Pintada um personagem bastante conhecido pela torcida do Fluminense. Por onde passa, a criança chama a atenção. No estádio, adultos e crianças pedem, a todo momento, para tirar fotos com o menino. Conversar com os

seus “seguidores”, como chama aqueles que o reconhecem como o Cara Pintada, é uma das práticas que ele mais gosta de fazer no Maracanã, como registrado no diálogo abaixo:

- Do que você mais gosta de fazer aqui no Maracanã?
- Eu gosto de ver o jogo, de falar com os meus seguidores.
- Que legal! Você tem muitos seguidores?
- É. No instagram... mamãe, eu tenho quantos seguidor?
- (A mãe responde 2.967 seguidores).
- Tenho 2.967 seguidores.²⁹
- 3 mil tu vai fazer o que? – o pai pergunta.
- Eu vou pra pizzaria.
- (A conversa foi pausada por alguns segundos porque chegaram alguns torcedores para falar com o Cara Pintada).
- Você parece ser bem famoso, né?
- É.
- O que você acha disso?
- Eu acho muito legal, eu acho muito bom.
- E por que todo mundo fala com você?
- Eu acho que é porque eu sou o Cara Pintada.
- Você tem amigos aqui no Maracanã?
- Eu tenho um amigo adulto e uma criança. Esse daqui, que estava aqui agora, ele, e uns amigos lá. E tem umas meninas que são minhas amigas também.
- Quanta gente! Que legal! É bom ter amigos. E o que você sente quando tá todo mundo falando com você, te chamando “ô Cara Pintada”, como agora?
- Eu... eu... até gaguejei. Eu sinto bom. Parece que eu tô em casa.
- (Conversa, 19/08/2023, jogo entre Fluminense e América-MG).

Um registro que ajuda a explicar essa relação entre Cara Pintada e a torcida do Fluminense foi feito antes do jogo contra o Internacional, pela Conmebol Libertadores, em uma rua paralela ao Maracanã (figura 13), onde os torcedores costumam se reunir horas antes das partidas. Apesar da fotografia não ter sido produzida dentro do estádio, considero o registro importante à medida em que permite verificar as reações que Cara Pintada provoca nos torcedores que estão ao seu redor. Na fotografia, Cara Pintada está no centro, apoiado nos ombros do seu pai. À sua volta, há dezenas de torcedores, na maioria homens, que observam boquiabertos a criança. Alguns erguem o aparelho celular para fotografar o menino.

²⁹ Em junho de 2024, o número de seguidores de Cara Pintada já passa de 19 mil.

Figura 13 - Olhos e celulares apontados para Cara Pintada



Fonte: Arquivo pessoal, 27/09/2023.

Além dos torcedores do Fluminense, a mídia também tem voltado os seus holofotes para Cara Pintada. Na partida contra o Colo Colo, pela Libertadores de 2024, a equipe da Globo, maior rede de televisão comercial aberta brasileira, fez filmagens e entrevistas com a criança para compor uma matéria do programa Esporte Espetacular, que abordou a história de torcedores brasileiros que se pintam para acompanhar seus times nos estádios de futebol. Enquanto comemorava o gol, as câmeras registravam as reações do menino (figura 14):

Figura 14 - Luz, câmera: torcer-criança em ação



Fonte: Arquivo pessoal, 09/04/2024.

Posicionado sempre no setor Sul inferior, bem próximo à mureta que divide o campo do espaço destinado à torcida, o torcer-criança de Cara Pintada é festivo e alegre. Desse modo, é possível perceber, mais uma vez, que as crianças utilizam os seus corpos como expressão de uma linguagem torcedora. No entanto, nem todas as linguagens torcedoras são socialmente aceitas e apreciadas como as de Cara Pintada são. O que se vê é que, na arquibancada, determinadas linguagens são marginalizadas e, por vezes, proibidas, como aquelas compartilhadas pelas torcidas organizadas. As conversas e fotografias a seguir foram produzidas com Cristiano Ronaldo, um menino que faz parte da Torcida Organizada *Young Flu*.

– Caramba, Cristiano! Como você machucou esse braço? Tá doendo? – perguntei, me referindo ao braço esquerdo do menino que estava imobilizado com gesso.

– Foi brincando, mas não tá doendo não.

– Ah, que bom! Gostei da sua camisa! É do Fluminense?

– Não! É da *Young*!

(Conversa, 18/04/2023, jogo entre Fluminense x The Strongest)

A camisa que Cristiano Ronaldo vestia trazia, no centro, a palavra “Jacarepaguá” em letras garrafais, como ilustrado na figura abaixo:

Figura 15 - A camisa da *Young Flu*



Fonte: Arquivo pessoal, 18/04/2023.

A *Young Flu* é subdividida em 60 núcleos.³⁰ A maioria dos núcleos representa um bairro, uma região, uma cidade ou um país, e é composta por torcedores organizados que moram

³⁰ Dado obtido no site oficial da Torcida Organizada *Young Flu*. Disponível em: <https://www.torcidayoungflu.com.br/nucleos-pg-7e9d7>. Acesso em 23 de abril de 2023.

naquele lugar ou em suas proximidades.³¹ O núcleo de Jacarepaguá é o 7º da *Young Flu*. A segmentação da torcida nessa espécie de subgrupos é relacionada, como lembra Coelho em sua pesquisa (2015, p. 25), ao “complexo mapa de pertencimentos e rivalidades que tradicionalmente marcou a trajetória da maioria dos membros das torcidas organizadas, especialmente durante os anos 80 e 90”. Nesse sentido, os chamados “núcleos de bairro” compartilham, também, uma cultura em comum, que é “ser de pista”. “Ser de pista” significa vivenciar a torcida organizada para além da arquibancada. A pista, neste caso, é a rua, e ser dela representa se colocar à disposição das brigas e dos conflitos que esse espaço gera, especialmente no encontro com as torcidas organizadas dos outros clubes do Rio de Janeiro, como a Torcida Jovem Fla, a Força Jovem do Vasco e a Fúria Jovem do Botafogo.

As palavras de Cristiano Ronaldo evidenciam um esclarecimento da criança a respeito da diferenciação das instituições que se relacionam com o seu torcer-criança: a camisa que veste seu corpo, embora contenha as cores do Fluminense, não é do clube. Ela é da *Young*.³² Essa indicação reforça a reprodução de uma cultura comum à torcida organizada pelas crianças integrantes da *Young Flu*, assim como fazem pensar sobre conjunto de símbolos específicos que constituem a identidade do grêmio e que garantem a sua inconfundibilidade.

Para Candido (1978, p. 112), são elementos que constituem um grupo social: “liderança, normas, sanções e símbolos”. Embora se volte à apresentar a estrutura administrativa que sustenta a escola, enquanto espaço institucional, considero que a contribuição do autor seja pertinente para pensar o universo simbólico como um arcabouço da organização de um grupo social. Isso porque o teórico entende que a difusão dos signos representa a “força ponderável de manutenção dos agrupamentos” (CANDIDO, 1978, p. 127). Ou seja, a apropriação e reprodução do conjunto de símbolos que identificam o grupo, estampados em camisas e faixas, são práticas que garantem a existência do coletivo.

Os principais elementos gráficos que identificam a *Young Flu* são as fontes tipográficas, escudos, mandalas e ilustrações do seu mascote. Essas referências estão nos mais variados espaços ocupados pelo grêmio, como nas redes sociais oficiais da torcida, nas paredes da sede, nos produtos comercializados pelas diretorias e núcleos e nas bandeiras e faixas que compõem o patrimônio material da torcida. A mandala oficial da *Young Flu* é composta por duas

³¹ Apenas dois núcleos não são vinculados a uma territorialidade comum. São eles: o Núcleo de Festa – que é composto por integrantes de diferentes lugares do Rio de Janeiro e é destinado ao planejamento e execução de festas de arquibancada – e o Núcleo Feminino – grupo constituído somente por mulheres torcedoras. A mãe de Cristiano Ronaldo faz parte deste último.

³² Embora essa camisa apresente uma especificidade em relação à própria *Young*, por ser do núcleo de Jacarepaguá, Cristiano não faz menção ao subgrupo.

circunferências, uma maior e outra menor, nas cores verde e grená, respectivamente (figura 16). No centro, encontra-se o escudo da TO, que é similar ao do Fluminense. A diferença é que as letras “FFC” que representam as iniciais de “Fluminense Football Club” foram removidas para dar lugar às palavras “*Young Flu*”, escritas na fonte tipográfica “bonzai”, que pertence a um conjunto de fontes utilizadas como padrão da torcida. Em volta do escudo, há uma grinalda de louro, estrelas que representam títulos do Fluminense e a expressão “até morrer”, chavão bastante utilizado pelos membros da torcida.

Figura 16 - Mandala oficial da *Young Flu*



Fonte: Página oficial do Facebook da *Young Flu*, 2023.

Outra fonte tipográfica que é marcante à torcida organizada é justamente a que Cristiano Ronaldo traz em sua camisa, registrada na escrita da palavra “Jacarepaguá”. Ao contrário da “bonzai”, essa fonte não está disponível na internet, em razão de ter sido criada e ser utilizada de forma exclusiva pelos integrantes da *Young Flu*. Na sede social da torcida, localizada no bairro do Méier, no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, a fonte estampa as palavras “*Young Flu*” (figura 17), escritas logo abaixo do nome do clube, que, por sua vez, foram gravadas em uma tipografia simples, franzina, não pertencente ao conjunto de fontes padrões do grêmio.

Figura 17 - Os símbolos da *Young Flu* na fachada da sede



Fonte: Página oficial do Facebook da *Young Flu*.

Na fachada da sede social, logo ao lado da mandala oficial do grêmio, fora pintado o Duende Verde, um dos principais vilões das histórias em quadrinhos da *Marvel Comics*, rival do Homem-Aranha e personagem adotado pela *Young Flu*, como mascote da torcida. Em sua tese, Coelho (2015) revela que as torcidas organizadas costumam sustentar representações de elementos bélicos ou monstruosos, como é o caso do Duende Verde para a *Young Flu*, para reforçar um tensionamento com a própria morte, não somente no sentido de evitá-la, mas de superá-la, de ludibriá-la. Desse modo, a morte não é capaz de interromper a trajetória de quem caminha com ela, visto que ela não circunscreve um fim, apenas determina continuidade:

É recorrente também, portanto, que a monstruosidade carregue em si uma espécie de predisposição a múltiplos renascimentos, uma eternidade pautada em sucessivas mortes, como é o próprio caso do Duende Verde utilizado pela *Young Flu* que, como já salientamos de maneira breve, originado da história em quadrinhos do Homem-Aranha, é um de seus vilões mais poderosos, reaparecendo sempre mesmo após ter sido dado como morto, algo próximo das figuras de “morto-vivo”, como o Eddie e a própria Morte com a Foice, que dá à morte a condição de vivente, de movente e não a inércia na qual se assenta boa parte das paranoias modernas com a morte finda (COELHO, 2015, p. 84).

Dada a importância que os símbolos constituem para a identidade e preservação dos grupos sociais, é compreensível que sejam estes, justamente, os elementos que os órgãos de justiça desportiva buscam desarticular quando decidem punir uma torcida organizada, como evidenciado na continuidade da conversa com Cristiano Ronaldo:

- A *Young* tá vindo? – perguntei.
- (Cristiano Ronaldo faz sinal negativo com a cabeça).
- Ah, não?!
- (Cristiano Ronaldo, mais uma vez, gesticula negativamente com a cabeça e diz):
- Punida!
- O que é punida?
- É quando um time nunca pode ir, aí não pode entrar com a camisa.

– E por que a *Young* está punida?
– Por causa do Flamengo e do Vasco. Eles brigaram. Mas a gente não tem nada a ver com isso – diz o menino, conduzindo a última frase num tom firme.
(Conversa, 18/04/2023, jogo entre Fluminense e The Strongest)

Cristiano Ronaldo se refere aos confrontos entre torcedores do Flamengo e do Vasco, nas ruas do entorno do Maracanã, no início do mês de março de 2023. Os atos de violência praticados por torcedores de ambos os times, no episódio em questão, levaram o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro à vetar a presença das torcidas organizadas Raça Rubro-Negra, Jovem Fla, Força Jovem do Vasco e *Young* Flu dos estádios brasileiros, pelo período de cinco anos, além de determinar a prisão temporária dos presidentes das instituições mencionadas³³. Com essa decisão, os membros das torcidas organizadas punidas foram impedidos, de acordo com o Art. 39A Estatuto de Defesa do Torcedor (BRASIL, 2003), de comparecerem aos eventos esportivos realizados em âmbito nacional. Na prática, essa presença é ainda realizada, contudo, os associados das torcidas organizadas frequentam os estádios sem as vestimentas que identificam as instituições.

Nesse contexto, para que as culturas torcedoras das torcidas organizadas não sejam completamente interrompidas em períodos de punição, são produzidas e colocadas à venda camisas como a que Cristiano veste, onde não há a descrição do nome “*Young* Flu”, mas existem elementos que remetem ao grêmio. Ou seja, o uso das tradicionais fontes da torcida – como descrito anteriormente – nas camisas que vestem os corpos dos torcedores, ao longo do período de punição da instituição, é uma forma do grupo incorporar o Duende Verde e ludibriar a morte, atestando coletivamente que a *Young* segue viva. Assim, o corpo ocupa um papel fundamental, pois a sua presença, no estádio de futebol, comunica a resistência do grupo. Nesse viés, há a consolidação de um corpo que finta, que escapa das normas impostas.

No mais, a fala de Cristiano Ronaldo revela não somente um esclarecimento acerca dos imbróglios que atravessam a torcida organizada e dos motivos que culminaram nas restrições de acesso da mesma ao estádio, como também sinaliza a posição adotada pela própria criança diante deste cenário: quando declara “*a gente* não tem nada a ver com isso”, Cristiano Ronaldo indica o vínculo que possui com a instituição: ele é parte da torcida.

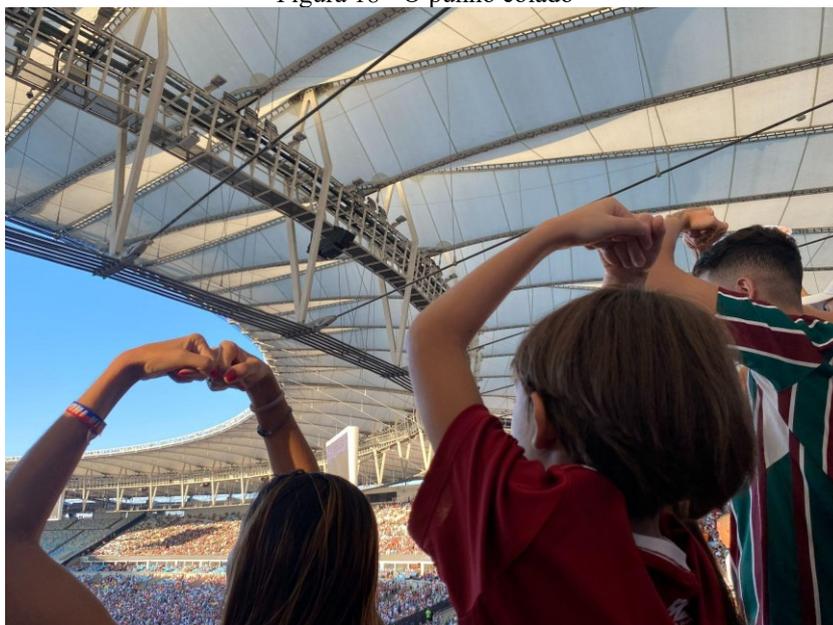
Além disso, o menino deixa claro que o movimento a qual pertence não teve relação com as razões que ocasionaram as suspensões das torcidas organizadas dos estádios. O discurso

³³ A Justiça do Rio de Janeiro determinou outras ordens, como a suspensão das contas bancárias da torcida, a quebra de sigilo telefônico, a busca e apreensão nas sedes das instituições e, por fim, a interdição das sedes, pelo período de cinco anos. (G1, 2023, CRUZ; Adriana, LEITÃO, Leslie; FACHEL, Flávio) Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/03/13/justica-do-rio-decreta-prisao-de-chefes-de-torcidas-organizadas.ghtml>> Acesso: em 25 de abril de 2023.

de Cristiano, tecido de posicionamento e indignação, escapa às lógicas normativas que narram as crianças como sujeitos irracionais e incapazes de atuar plenamente na sociedade. Como “as crianças não constituem nenhuma comunidade separada, mas são partes do povo e da classe a que pertencem” (BENJAMIN, 1987, p. 247), elas são atravessadas pelos cenários políticos, sociais e econômicos e tecem considerações sobre esses atravessamentos.

Outra prática corporal reproduzida por Cristiano e demais torcedores organizados da *Young Flu* é o chamado “punho colado”: ato de fechar as mãos e uni-las (figura 18).

Figura 18 - O punho colado



Fonte: Arquivo pessoal, 04/06/2023.

- O que é isso aqui que vocês fazem com a mão? (faço o símbolo com as mãos)
- É o punho colado.
- O que é isso? O que isso significa?
- É pra mostrar que a gente tá unido, que a gente é forte.
- Quem?
- Os torcedores.

(Conversa, 04/06/2023, jogo entre Fluminense e Bragantino)

Enquanto a *Young Flu* não estava punida, no início do ano de 2023, era comum observar cenas como a registrada na figura 19, onde as crianças utilizavam camisas brancas com o nome do grêmio recreativo e integravam o “mar branco”, uma espécie de bloco de torcedores que recebe destaque visual em função do grande número de pessoas utilizando a mesma cor de camisa. Uma das regras estabelecidas pela torcida organizada prevê que os seus componentes ou simpatizantes compareçam aos jogos vestidos de branco, a fim de colaborar com a padronização do grêmio. Desse modo, embora o Fluminense disponha de camisas das mais variadas cores, é recomendado que os membros da *Young* utilizem camisas brancas do grêmio, do Fluminense ou até mesmo qualquer outra camiseta branca. Como os integrantes da *Young*

Flu sempre se posicionam no mesmo lugar da arquibancada – exatamente atrás do gol, no Setor Sul – o intuito da prescrição é formar o mar branco. Quanto maior for o mar branco, mais visibilidade a torcida, enquanto movimento coletivo, terá.

Figura 19 - As crianças no mar branco da *Young Flu*



Fonte: Arquivo pessoal, 26/01/2023.

Embora a *Young Flu* esteja punida e o número de seus integrantes, na arquibancada, tenha reduzido consideravelmente, muitos, como Cristiano Ronaldo, ainda resistem e marcam presença atrás do gol, no Setor Sul. O mar, menor do que antes, ainda existe. Cristiano é uma das crianças que usam o corpo, como manifestação de linguagem torcedora organizada, para evidenciar que a *Young Flu* ainda é, em suas palavras, unida e forte.

Outro ponto a ser abordado é que, na torcida, o corpo do torcedor criança encontra, também, algumas dificuldades. Algumas crianças relatam que quase nunca conseguem olhar para o gramado, haja visto que os torcedores adultos que ocupam o setor Sul Superior têm o costume de ver o jogo de pé, pisando nos assentos das cadeiras do estádio. Para elevar a sua altura de modo a conseguir observar a partida, Cristiano Ronaldo e Maria Alice pisam no espaldar da cadeira – região traseira do objeto, que possui a função de apoiar as costas daquele que senta. Dada a condição de desequilíbrio que a posição gera, trazendo a iminente sensação de queda, o apoio da mãe de Cristiano Ronaldo e do pai de Maria, que envolvem as mãos em volta dos corpos das crianças para estabilizá-los, é fundamental (figura 20 e 21).

Figura 20 - O jogo assistido sobre o espaldar das cadeiras



Fonte: Arquivo pessoal, 18/04/2023.

Figura 21 - O corpo que torce na ponta dos pés



Fonte: Arquivo pessoal, 08/10/2023.

Na conversa com Gabriela, a criança também pontua que a disposição de torcedores à sua frente impede que ela consiga ver os gols do seu time.

- Quando o Fluminense faz o gol, o que você sente?
 - Na maioria das vezes eu não vejo o gol, mas aí eu fico feliz, porque eu vejo meu pai comemorando, aí eu comemoro também.
 - Porque você não vê o gol?
 - Porque todo mundo tá em pé, aí eu não consigo ver.
- (Conversa, 29/09/2023, jogo entre Fluminense e Santos)

Gabriela também propõe a criação de fileiras destinadas somente às crianças, no estádio, para que consigam enxergar melhor o jogo.

- E a torcida? O que você acha dela?
 - Eu acho legal, só que... é... eles ficam muito levantados, aí eu não consigo ver.
 - Se tivesse que mudar alguma coisa, o que você mudaria?
 - Eu acho que pode ter uma área para... uma fileira! As fileiras que precisarem para crianças. E aí uma fileira só para crianças para cada idade. Pra vez de ficar em pé, não tem tanto problema.
- (Conversa, 29/09/2023, jogo entre Fluminense e Santos)

Maria Alice também evidencia que essa não visão de jogo a incomoda. No entanto, a criança expõe essa fala utilizando o termo “homens” para se referir àqueles que ficam em sua frente durante as partidas, como registrado no diálogo abaixo:

- Tem alguma coisa aqui no estádio que você não gosta?
 - É quando os homens que fica na minha frente, fica na minha frente.
- (Conversa, 08/10/2023, jogo entre Fluminense e Botafogo)

A fala de Maria Alice é interessante não somente porque revela um incômodo, mas por deixar pistas sobre os atravessamentos de gênero existentes na arquibancada. Escolher o termo “homens” para identificar os torcedores que ficam à sua frente parece uma generalização construída em razão dos homens representarem a maioria dos torcedores presentes no Maracanã? No subcapítulo seguinte, discorro sobre as relações de gênero existentes no estádio, explorando que, além da grande quantidade de homens em relação a quantidade de mulheres ser um fator que contribui para a máxima de que “estádio é coisa de homem”, o estádio é um espaço de produção e reprodução de masculinidades.

4.3 “Todo mundo é menino e eu sou a única menina”: relações de gênero

Início este subcapítulo com o que Gabriela me contou sobre como é ser menina no estádio, em um jogo contra a equipe do Santos, pelo Campeonato Brasileiro de 2023:

- Como é, para você, ser menina na torcida?
 - Ah, eu gosto sim. Eu acho que... eu penso, na minha cabeça, que todo mundo é menino e eu sou a única menina e aí eu tô na torcida dando muita força pro Fluminense
- (Conversa, 29/09/2023, jogo entre Fluminense e Santos)

Apesar de entender e me identificar com o que Gabriela disse, achei curioso porque, olhando à nossa volta, havia alguns homens, como o pai de Gabriela, mas havia também mulheres, como registrado na figura 22:

Figura 22 - Gabriela e a torcida de meninos e meninas



Fonte: Arquivo pessoal, 29/09/2023.

Dando continuidade à conversa, perguntei:

- Por que? Tem muitos meninos aqui?
- É. Tem muitas meninas aqui, mas tem muito menino também – disse Gabriela.
(Conversa, 29/09/2023, jogo entre Fluminense e Santos)

No contexto de sua introdução no Brasil, no século XIX, o futebol forjou-se como um esporte organizado e praticado principalmente por homens, refletindo a estrutura social da época. Todavia, o interesse despertado pelo desporto entre as famílias pertencentes às elites econômicas, como discutido nos capítulos anteriores, foi um fator que contribuiu para a presença das mulheres nas arquibancadas dos centros esportivos (BONFIM, 2023).

A título de exemplo, a popularização do termo *torcer*, no âmbito esportivo, está relacionada, justamente, à presença de mulheres nos estádios de futebol nas primeiras décadas do século XX.³⁴ Isso porque, em lances da partida que geravam aflição, as mulheres retiravam e torciam seus lenços e luvas, peças que simbolizavam elegância e requinte naquele tempo, e torciam os acessórios. Esse comportamento passou a ser frequentemente registrado pela imprensa brasileira, em jornais e revistas da época, juntamente com as expressões “torcer”, “torcedoras” e seus derivados, atribuídas a essas mulheres que prestigiavam os torneios e

³⁴ Embora o termo “torcer”, no sentido de almejar um determinado acontecimento ou desfecho e não somente vinculado à definição de entortar um objeto, tenha recebido popularidade nessa circunstância, no início do século XX, é válido ressaltar que a expressão já era utilizada em matérias jornalísticas e crônicas desde o fim do século XIX. Em 1884, Urbano Duarte de Oliveira publicou a crônica “Humorismos” no jornal O Paiz, em que relacionava a palavra “torcer” aos mais variados desejos e ambições (LAUAND, 2016).

reproduziam essa conduta comum. Logo, o termo foi ampliado e passou a ser designado à todos aqueles que compareciam aos estádios para incentivar os clubes (BOARETO, 2019).

Na crônica “O discreto silêncio da bella torcedora”, de Antônio Torres, publicada no *Jornal Correio da Manhã* em 9 de novembro de 1918, é possível identificar que o termo “torcer” é empregado nesse contexto. O autor indica, ainda, que as mulheres que não possuíam lenços também torciam – desde outros acessórios pessoais até as partes do corpo.

(...) Eu já fui duas vezes assistir a partidas de futebol; e vi lá pelas arquibancadas centenas e centenas de môças que gritavam e gesticulavam e bramiam e uivavam umas pelo *Flamengo*, outras pelo *Botafogo*. Um rapaz meu amigo, que amavelmente me servia um *cicerone*, explicou-me:

– São as torcedoras.

– Torcedoras? De que?

– De lenços. Não vês como torcem os lenços? As que não têm lenços torcem as mãos, os dedos, as pontas das blusas, os cabos dos guarda-chuvas. Umas torcem a favor do Flamengo; outras, a favor do Botafogo. E realmente, torciam. (TORRES, 1918, p. 2, grifos do autor)

Contudo, à época, havia uma visão estereotipada e utilitarista acerca da frequência de mulheres nas arquibancadas esportivas: os homens entendiam que a presença feminina era de caráter coadjuvante e passiva, sendo necessária somente para embelezar os estádios e fortalecer a representação do futebol como um bom esporte para ser contemplado pelas famílias pertencentes a elite econômica, como indica Costa (2007):

(...) o público feminino também foi muito importante para o estabelecimento desse esporte em terras brasileiras. Nas primeiras décadas do século XX, a presença de senhoritas da alta sociedade contribuiu muito para dar uma atmosfera fidalga ao esporte bretão associando-o à elegância, tranquilidade e beleza tornando-o, portanto, um esporte apropriado para as famílias mais abastadas (COSTA, 2007, p. 7).

Além de torcer, as mulheres também jogavam bola. Entre as décadas de 1910 e 1930, se observou o surgimento paulatino de equipes de futebol formadas por mulheres, principalmente nos bairros do subúrbio do Rio de Janeiro (PESSANHA, 2021; RIBEIRO, 2022). Essa crescente não agradou os homens, que encararam a prática do futebol feminino como ameaça à soberania masculina na relação com o desporto.

Nesse contexto, foi sendo construído um discurso de que as mulheres deveriam ser afastadas dos campos, “sob o pretexto de sua inadequação física, da defesa de sua função procriadora e maternal e do risco do desvio e da promiscuidade” (RIBEIRO, 2022, p. 91).

Esse movimento, legitimado sobretudo por recomendações de médicos e sanitaristas, culminou na publicação feita por Getúlio Vargas, em 1941, do Decreto-lei 3.199, que instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND) e que dizia, em seu artigo 54, que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo,

para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941)

Apesar de não especificar quais os esportes não poderiam ser exercidos pelas mulheres, a sociedade entendeu que o futebol se enquadraria nessa restrição. Em 1965, o CND publicou a Deliberação nº 7, onde sinalizou, desta vez de forma explícita, quais eram os esportes proibidos às mulheres – dentre eles, estava o futebol (CASTELLANI FILHO, 1989).

A desarticulação de partidas de futebol femininas ocorreu também em outros países, como Inglaterra, Alemanha e Itália, como reforça Pessanha (2021),

A justificativa para a não permissão da prática do futebol por mulheres em diversas partes do globo, residia na crença, baseada na maioria das vezes em discursos médicos, de que o esporte poderia fazer mal aos órgãos reprodutivos femininos, prejudicando assim, a eficácia do cumprimento do papel social esperado das mulheres, a maternidade (PESSANHA, 2021, p. 12)

Somente em 1979, quase quarenta anos depois da sua promulgação, o Decreto que determinava a proibição da prática do futebol pelas mulheres foi revogado. Contudo, apenas em 1983 o futebol feminino foi regularizado no Brasil. Castellani Filho (1989) esclarece que, embora a luta das mulheres por emancipação social tenha contribuído para a consolidação dessa conquista, a revogação e a regularização não ocorreram sem intencionalidade política. O autor explica que a pretensão do governo da época era fortalecer o mercado de trabalho. Para isso, a mulher precisava pertencer a “um modelo de corpo que a identificasse com os valores inerentes à sociedade industrial. Corpo ágil, lépido, dinâmico, com plena capacidade de rendimento, produção” (CASTELLANI FILHO, 1989).

Apesar das conquistas das mulheres em relação ao esporte, a história de afastamentos, proibições e deslegitimações contribuiu para a cristalização da ideia de que futebol é “coisa de homem”, influenciando não somente a forma como o esporte é praticado, mas também a maneira como ele é percebido, consumido e financiado pela sociedade, como pontua Franzini:

(...) o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da ‘ordem’, ou da ‘lógica’, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. (FRANZINI, 2005, p. 316)

Sendo o futebol um fenômeno atravessado por dinâmicas socioculturais, como reforça o autor, me interessa, aqui, analisar como as relações de gênero vêm sendo construídas e disputadas nos estádios de futebol, a partir do que as crianças vivenciam e relatam. Assim, se, para Gabriela, a impressão de ser a única menina no meio de muitos meninos não foi

propriamente determinada pela quantidade de homens e mulheres presentes na arquibancada, pelo que foi motivada? Para pensar sobre isso, fez-se necessário dialogar com os estudos de gênero e de performatividade de gênero, relacionando-os com o espaço-tempo do estádio.

Gênero é uma construção social que, na definição de Scott (1995, p. 86), é “constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”. A análise desta categoria não incide sobre os papéis historicamente atribuídos a homens e mulheres, mas é realizada a partir de uma ótica mais abrangente, pensando em como as representações de masculino e feminino são organizadas por relações de poder que estruturam as práticas culturais, institucionais e simbólicas (LOURO, 1997; MEYER, 2003; SCOTT, 1995).

Nesse contexto, é importante esclarecer a diferença entre os conceitos de sexo e gênero. Enquanto sexo diz respeito às características biológicas dos sujeitos, “o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 1997, p. 22). Pertencente a esse arranjo sociocultural, o gênero deve ser analisado intrinsecamente articulado a outros marcadores sociais, como raça e classe (SCOTT, 1995).

As teorizações construídas pelas autoras fazem compreender gênero enquanto uma dinâmica de poder, o que provoca o questionamento acerca de como essa organização se manifesta nos mais diversos espaços da sociedade. Assim, direciono o meu olhar para a arquibancada do estádio de futebol, interessada em descobrir o que as crianças dizem e quais envolvimento estabelecem com as relações de gênero costuradas nesse lugar.

Para isso, dialogo com Butler (2017), que parte do pressuposto de que gênero não é uma categoria engessada, mas sim uma prática performativa desempenhada pelos sujeitos na sociedade. Essa performance é tecida e mantida por meio da realização de comportamentos, gestos, linguagens e outros elementos culturalmente associados a determinados enquadramentos de gênero, como, por exemplo, à masculinidade e à feminilidade. Assim,

(...) esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou a identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (BUTLER, 2017, p. 235)

Retomo a contribuição teórica de Bandeira (2017), abordada no subcapítulo de socializações, que explica que a pedagogia do torcer existente nos estádios é atravessada, sobretudo, por questões de gênero e sexualidade. Assim, a arquibancada

(...) ensina comportamentos, valores, formas ‘corretas’ ou ‘adequadas’ de práticas diversas através de seu desenho arquitetônico, cânticos repetidos e performances explicitadas. Os estádios se constituem como um artefato cultural, eles são

produzidos, são feitos e são portadores de pedagogias. Os estádios são coisas concretas, não apenas porque são feitos de concreto, mas porque se constituem como artefatos portadores de pedagogias de gênero e de sexualidade, dentre outras pedagogias culturais (BANDEIRA, 2017, p. 141)

Essa pedagogia que orienta o torcer é composta por um currículo de masculinidades que provoca performatividades específicas nos torcedores, geralmente manifestadas por falas, cânticos e ações que reforçam padrões de agressividade e virilidade (BANDEIRA, 2017). Desse modo, o autor explica que

O currículo de masculinidade dos torcedores de estádio produz uma representação do torcedor que avalia e hierarquiza a conduta de todos os sujeitos no estádio, sejam eles homens, mulheres, crianças, idosos... Essa performatividade de gênero esperada para o torcedor de futebol inclui, além da masculinidade, a heterossexualidade e o heterossexismo (BANDEIRA, 2017, p. 304)

Isso não quer dizer que todos os torcedores, por pertencerem a um movimento coletivo comum, ajam da mesma forma. O que acontece é que há, no estádio, uma ordem vigente que parece naturalizar, e até mesmo valorizar, práticas torcedoras pautadas em um modo agressivo e viril, ao passo em que normalmente desqualifica ou ignora modos de torcer desassociados dessas lógicas. Assim, é como se essas práticas masculinizadas fossem elementos inerentes ao próprio futebol e não pudessem ser desvinculados do fenômeno, como indica Bandeira (2007)

Se pensarmos que os estádios de futebol são um importante lugar em que se realizam construções de masculinidade, algumas violências serão permitidas, incentivadas e naturalizadas por serem vistas como um exercício saudável para expressão de modos de ser homem (BANDEIRA, 2017, p. 183).

Essa norma masculinizada existente no estádio pode ser percebida a partir da própria sonoridade do espaço, já que cânticos machistas e homofóbicos são constantemente reproduzidos com o objetivo de desqualificar a masculinidade dos jogadores e torcedores rivais, como a paródia³⁵ abaixo, que faz parte do repertório de músicas da torcida do Fluminense e é cantada em jogos contra o clube do Vasco da Gama, inclusive por mulheres:

Vou torcer pro Vasco tomar no cu
São Januário é o meu piru
(Torcida do Fluminense, diário de campo, 2023)

A representação simbólica causada quando cânticos como esse ecoam Maracanã a dentro, é a de que a torcida tem uma voz, um rosto e um sexo: ela é um homem. Mais do que isso, ela é um homem que tenta depreciar o seu adversário, atribuindo a ele aspectos e atitudes

³⁵A versão original, cantada pelos torcedores do Vasco da Gama, apresenta a seguinte letra: “Vou torcer pro Vasco ser campeão / São Januário, meu caldeirão”. São Januário é o estádio pertencente ao clube do Vasco.

femininas e não heterossexuais, consideradas como algo menor, ruim, desprezível. Enquanto isso, as práticas institucionalmente naturalizadas, pertencentes à ordem vigente do estádio, são aquelas que demonstram vigor físico e agressividade. Estas últimas constituem o conjunto de comportamentos ensinados na pedagogia do torcer (BANDEIRA, 2017), tão predominante no estádio a ponto de ser observado, na pesquisa, em várias relações estabelecidas entre as meninas e os homens, no Maracanã. Uma dessas relações aconteceu após um gol do Fluminense, contra a equipe do Internacional, na semifinal da Copa Libertadores de 2023:

No segundo gol do Fluminense, os torcedores comemoraram jogando os seus copos de cerveja para o alto. Essa prática vem se tornando um hábito nas arquibancadas. Hoje, um desses copos lançados para o alto acertou em cheio uma menina que estava na fileira da frente. A criança devia ter uns 8 anos. Um homem adulto que a acompanhava, que ainda parecia estar em êxtase com o gol, passou a mão em sua cabeça e em sua camisa, que estavam encharcadas de cerveja. Ele sorriu e disse “Já já seca! Bom que hoje tá calor e daqui a pouquinho seca” (Diário de campo, Fluminense x Internacional, 27 de setembro de 2023)

A partir da exposição deste fragmento do diário de campo, a intenção é produzir a seguinte reflexão a partir da reação que o homem adulto expressou diante do acontecido com a criança: em que outro espaço, além do estádio de futebol, é socialmente aceito que a sua filha seja atingida por um copo de cerveja? Remonto, então, à análise construída no subcapítulo 4.1, com base nos estudos de Huizinga (2012), sobre o jogo configurar-se como um elemento da cultura que torna possível a construção de enredos específicos. Neste caso, vê-se que a ordem masculinizada vigente no estádio é enraizada ao ponto de pôr em suspensão a visão idílica de infância, narrada na sociedade ocidental contemporânea.

A segunda situação ocorreu no clássico disputado entre Fluminense e Botafogo, no Campeonato Brasileiro de 2023, onde assisti com a Maria Alice, de 8 anos de idade. Apesar da derrota para a equipe adversária, a torcida do Fluminense, no final da partida, festejava e cantava a plenos pulmões, na tentativa de fortalecer o clima de confiança para a final da Copa Libertadores, que seria disputada em menos de um mês. Ao contrário do restante dos torcedores, Maria demonstrava estar triste com o resultado. Seu pai a abraçou e tentou consolá-la, dizendo que “era assim mesmo”, que “em um dia a gente perde e no outro a gente ganha”, e que “o importante era a final da Libertadores”. Nesse momento, dois homens que estavam na fileira atrás de nós interferiram no diálogo entre Maria e seu pai.

- Tem que pensar é na Libertadores! – disse um dos homens à Maria.
- Mas na Libertadores eu não vou estar aqui! – respondeu Maria.
- Ué, vai chorar? – perguntou um outro homem, em tom de deboche.

A conversa escancara a deslegitimação, por parte dos torcedores, à reação manifestada por Maria Alice, que me explicou que não poderia estar presente na final da Libertadores devido a sua apresentação no balé, marcada para o mesmo dia. Embora Lopes e Hollanda (2018, p. 168) afirme que, no futebol, “os atributos frequentemente associados à feminilidade e à homossexualidade, tais como a sensibilidade, a passividade e a vulnerabilidade, são socialmente desvalorizados, estimulando práticas machistas e homofóbicas”, o que esclareceria a motivação da fala provocativa direcionada à Maria, entendo que a invalidação do sentimento da criança não ocorreu em razão da condenação da ação de chorar propriamente dita, visto que, no estádio de futebol, ao contrário de outros espaços sociais, os homens choram de forma recorrente, como explica Rios e Coelho (2019):

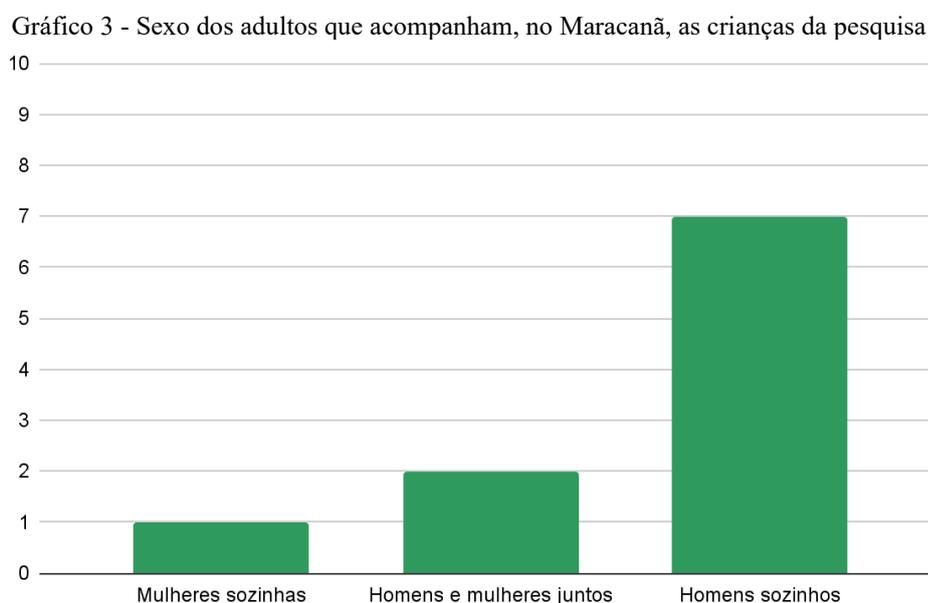
Na cultura ocidental, a emotividade é compreendida como um atributo de feminilidade, devendo ser evitada pelos homens para a sustentação simbólica de sua virilidade. Nesse sentido, os homens não devem sentir ou, pelo menos, não devem demonstrar publicamente o que sentem, pois isso poderia comprometer sua masculinidade (...) Todavia, ao longo das entrevistas realizadas para esta pesquisa, diversos torcedores relataram momentos de choro desencadeados pelas emoções vivenciadas no futebol (RIOS e COELHO, 2019, p. 24).

Mais do que isso, o choro dos homens, na arquibancada, é encarado como uma espécie de “atestado de seu amor, sua paixão, sua fidelidade por seus clubes. O choro, assim, é aqui uma virtude, pois não atesta fragilidade ou vulnerabilidade, mas sim potência emocional, uma potência diretamente relacionada com sua masculinidade” (RIOS e COELHO, 2019, p. 28). Por sua vez, Maria Alice teve o seu choro e o seu torcer considerados como não autênticos, passíveis de desdém e provocações, por escapar da ordem coletiva instituída no fim da partida e pela simples condição de ser quem ela é: uma menina.

A experiência de não autenticidade experienciada por Maria Alice foi também vivenciada por mim, na condição de pesquisadora mulher, em contato com alguns homens, nas etapas preliminares da investigação. As conversas com os adultos responsáveis das crianças participantes da pesquisa ocorreram de forma antecipada, por meio de aplicativos de mensagens de telefone, como o *WhatsApp*, a fim de viabilizar a explicação sobre a pesquisa, o encaminhamento dos termos de consentimento para leitura prévia e a marcação da data em que a investigação seria desenvolvida. Ainda nesta etapa de contato preliminar, desisti, por duas vezes, em dois casos que envolviam responsáveis homens, em dar continuidade à pesquisa, em razão de ter recebido mensagens que me causaram constrangimento. Em ambas as situações, tive a minha posição de pesquisadora mulher, no estádio, encarada com desconfiança, como se representasse algo ilegítimo, errado, fora da norma.

Diante do exposto, retomo a fala de Gabriela, potente à medida em que manifesta resistência e força. Sentir-se a única menina em meio a muitos meninos é, talvez, uma sensação justificada não somente pela quantidade desigual de homens e mulheres que frequentam o estádio, mas pela descredibilização da presença das mulheres na arquibancada, reforçada, pelos homens, em falas, olhares e ações que questionam o torcer feminino.

Outro aspecto a ser apontado é que, de acordo com os dados da presente pesquisa, os homens são os principais responsáveis por acompanharem as crianças no estádio. Nesse cenário, das 10 crianças que participaram da investigação, 7 costumam ir ao estádio acompanhadas apenas por um homem, como o pai, o tio ou o primo. Já outras 2 crianças vão ao estádio acompanhadas pelo pai e pela mãe, juntos. Por sua vez, apenas 1 das crianças frequenta o estádio acompanhada somente pela mãe, como ilustrado no gráfico 1:



Fonte: Autoria própria, 2024.

É interessante pensar que, em um ambiente predominantemente masculino, ir ao estádio acompanhada de um homem é, para as mulheres, um fator que representa segurança (CAMPOS, 2010). Um dos trechos da conversa com Lorena explica essa conjuntura: a criança conta que a sua mãe somente permite a sua ida ao Maracanã porque o seu primo a acompanha:

- Mas então a sua mãe tem medo quando você vem? Ela te fala o que?
- Ela sempre fala alguma coisa. Ela não gosta muito que eu venha. Ela fala pra eu tomar cuidado com as pessoas, com o que pode acontecer aqui. Ela vê essas coisas, tipo, da menina que tacaram a garrafa, da Mancha Verde, do Palmeiras. Então, tipo, ela tem muito receio... e por conta que ela sabe que meu primo é da organizada, da *Young*, e ela sabe que eu gosto dessas coisas também. É um receio muito grande dela, então toda vez que eu venho ela fica até meio preocupada. Tem jogos assim que ela nem gosta que eu venha, ela sempre fala “ai, você quer ir mesmo, ai você gosta mesmo disso, você gosta de futebol” mas ela sabe que eu gosto e é por isso que ela deixa. Tipo, ela deixa mesmo por causa do Thiago, porque ele é meu primo e eu tô com ele (Conversa, 20/10/2023, jogo entre Fluminense e Corinthians)

Nesse contexto, os homens também assumem o papel de cuidar e de educar, atribuições que, historicamente, são desempenhadas pelas mulheres. Para Gabriela, a relação com o pai é importante para a constituição do seu torcer-criança, uma vez que ele a ensina o conjunto de elementos simbólicos que fazem parte da cultura da arquibancada.

- As coisas que você sabe do Fluminense, as músicas... Quem te ensina?
- O meu pai. Eu acho importante, também, as pessoas... qualquer pessoa, de qualquer time, o pai ser do mesmo time, porque o pai costuma saber bem dessas coisas, aí ensina (Conversa, 29/09/2023, jogo entre Fluminense e Santos)

A presença das crianças costuma ser visivelmente reduzida em partidas que são marcadas por uma intensa rivalidade entre os clubes e seus torcedores, como o tradicional clássico entre Fluminense e Flamengo. Diante desta conjuntura, identifico um recorte de gênero, uma vez que entre as crianças que fazem parte da pesquisa, duas meninas disseram que não comparecem nos clássicos. Nesses casos, parece que as meninas são mais preservadas do que os meninos. De acordo com elas, suas ausências nos clássicos acontecem pelo receio que os adultos têm de levá-las ao estádio. Como a intenção desta pesquisa não é aprofundar o debate acerca da violência no futebol, destaco a opinião que as crianças têm sobre esse cenário. Em suas falas, elas indicam que seus responsáveis têm medo de levá-las aos clássicos pois, segundo os adultos, são jogos violentos que põem em risco a integridade física dos torcedores. Contudo, as próprias meninas declaram não ter medo da ocorrência de violência nessas partidas. No caso de Gabriela, a criança traz à tona um outro medo diante dos clássicos: o de ser constrangida, na escola, pelos amigos que torcem para o Flamengo, caso o Fluminense saia perdedor da partida contra o rival.

- Alguma vez você já sentiu medo?
 - Medo de que? Do Fluminense perder?
 - Também. Mas medo daqui, da torcida, do ambiente...
 - Eu tenho medo quando é Fla x Flu.
 - Você já veio em algum Fla x Flu?
 - Não, porque eu tenho medo... os meus amigos da escola são muito flamenguistas, e aí quando o Fluminense perde, eu acho que eles vão ficar zoando, vão ficar falando que o Fluminense perdeu.
 - Entendi. É por isso que você não vem? Por conta desse medo deles te zoarem?
 - Não... Eu tenho medo por isso, mas eu não venho porque o meu pai não deixa.
 - Por que você acha que ele não deixa?
 - É... ele me falou que acho que tem violência, é um jogo confuso... aí ele não deixa (Conversa com Gabriela, 29/09/2023, jogo entre Fluminense e Santos)
-
- Você já sentiu medo de vir em algum jogo? Em algum clássico...
 - Cara, pra falar a verdade, assim, eu não tenho nenhum medo, na verdade, nenhum mesmo. Tipo, eu sempre venho muito feliz e super amarrada, tipo, em jogo, futebol, nas pessoas que eu vou encontrar aqui, sabe! Em tudo. Cara, você falou sobre clássico, né... Clássico é um dos meus maiores sonhos... é vir em um clássico, tipo um Fla x Flu, ou um Botafogo x Fluminense, sabe! É um dos meus maiores sonhos. Meu primo

não me traz por receio e por receio por parte da minha mãe, porque eles têm meio que um medo. Mas eu? Eu não! Se falar bora, eu já tô até borando.
(Conversa com Lorena, 20/10/2023, jogo entre Fluminense e Corinthians)

Finalizo este subcapítulo afirmando que, ainda que o estádio de futebol seja um espaço de práticas predominantemente masculinizadas, ele vêm sendo constantemente disputado e ressignificado por mulheres e meninas que vêm construindo uma condição feminina de ocupação deste território – condição essa que sempre foi negligenciada por homens e leis, como apontado anteriormente. Assim, corroboro com Costa (2007) que,

Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados (COSTA, 2007, p. 1)

Na conversa com Lorena, a criança ressalta a importância das mulheres e meninas ocuparem cada vez mais esse espaço, que também é nosso. É com a potência e a esperança da fala de Lorena que encerro o capítulo de análises de campo.

– Me conta... para você, como é ser menina na torcida? – pergunto.
– Então, eu acho muito legal ser menina na torcida. É meio estranho, às vezes, porque tem bastante meninos e homens e tal, e alguns ainda por cima tem meio que um preconceito em relação às mulheres no futebol e na torcida. Mas eu acho super legal, eu acho que cada uma representa uma coisa muito legal, sabe! Eu adoro ser menina na torcida, eu amo, acho incrível. E eu acho mais legal ainda ver que, às vezes, aumenta cada vez mais, sabe! Cada vez mais mulheres e meninas tem vontade de estar na torcida, de acompanhar o futebol. Eu amo acompanhar o futebol. Eu acho que o futebol é uma coisa que todo mundo se identifica um pouco.
(Conversa, 20/10/2023, jogo entre Fluminense e Corinthians)

CONCLUSÃO

No caminho, as crianças me enriqueceram mais do que Sócrates
 Pois minha imaginação não tem estrada
 E eu não gosto mesmo de estrada
 Gosto do desvio e de desver
 Manoel de Barros³⁶

Com o advento da construção social de infância, cristalizou-se, na sociedade ocidental, uma noção falaciosa de que a infância ocupa o ponto de partida da estrada que representa a vida. Essa estrada é linear e contínua, e quanto mais se anda sobre ela, mais se sabe sobre as coisas do caminho. Nessa lógica, a infância é a morada daqueles que não têm um mapa, que tampouco sabem sobre a vida: as crianças. Assim, para conseguirem avançar pela estrada, elas precisam ser direcionadas pelos sujeitos que ocupam outras categorias geracionais – geralmente, os adultos, pois estes já cruzaram a linha de chegada e dizem conhecer o percurso como ninguém. Desse modo, se alguém se perde nesse trajeto, logo pergunta a um adulto.

Mas, assim como o poeta Manoel de Barros, gosto muito mais dos desvios e dos desveres. E foi dessa concepção, que tem a infância como algo minoritário e as crianças como aquelas que nada tem a dizer, que eu desviei. Se pesquisar é estar perdido, à procura de algo que ainda não se sabe, a quem devo perguntar? Quem serão aqueles que conversarão comigo pelo caminho? Reconhecendo a infância em sua condição de alteridade e enquanto categoria estrutural e permanente da sociedade, bem como as crianças como agentes co-construtoras de cultura, essa investigação buscou compreender quais são as experiências, significações e relações que constituem o torcer-criança no estádio do Maracanã, nos jogos do Fluminense, a partir das narrativas produzidas pelas próprias crianças ao longo da pesquisa etnográfica.

Para isso, foi elaborado o conceito de torcer-criança como a prática de torcer por uma agremiação esportiva de futebol, enquanto sujeito de 0 a 12 anos.

Em síntese, os achados da pesquisa indicam que as experiências das crianças que torcem, na arquibancada do Maracanã, são múltiplas, diversas, ricas e potentes: elas cantam a plenos pulmões, gritam, xingam, brincam, pulam, balançam os seus corpos, participam da elaboração e execução das festas desenvolvidas na arquibancada, tocam instrumentos nas baterias das torcidas organizadas, além de outras práticas torcedoras. Ou seja, as crianças, no estádio, não são meras acompanhantes de seus responsáveis, uma vez que, por meio das relações que firmam com seus pares e sujeitos pertencentes a outras categorias geracionais,

³⁶ Manoel de Barros, em entrevista concedida em carta a José Castello (2012), publicada no Jornal Valor Econômico, em 16 de março de 2012.

colaboram de modo efetivo para a (re)produção das culturas do torcer. Nesse contexto, elas não somente aprendem o conjunto de símbolos e linguagens que identificam a si e ao grupo como torcedores, como também ensinam aqueles que chegam, através dos processos de socialização e da pedagogia do torcer (BANDEIRA, 2017). Essa e outras dinâmicas fazem pensar que o torcer-criança é singular, peculiar, distinto de qualquer outro torcer, uma vez que, na arquibancada, as crianças experimentam, ainda que temporariamente, condições, relações e papéis sociais que comumente não usufruem em outros tempos e espaços.

Além disso, foi possível perceber que a posição subalternizada da categoria de infância, na sociedade, bem como os contextos políticos, econômicos e sociais que atravessam o país e perpassam o fenômeno do futebol, impactam não somente as experiências das crianças no estádio, como também o seu acesso e presença nesse lugar, problemática que viola a efetivação de seus direitos, garantidos pela legislação brasileira e internacional.

Também foi observado que as crianças significam as suas práticas e vivências torcedoras de modo ativo, complexo e político. As meninas, por exemplo, reconhecem o predomínio de uma ordem masculinizada na arquibancada, e, por meio de suas presenças e de seus discursos, tensionam com a mesma. Outras crianças, por sua vez, questionam as punições que as torcidas organizadas enfrentam, e, diante delas, utilizam meios para subverter as proibições que os órgãos públicos estabelecem, a fim de manter vivas as tradições e existências dos grupos que pertencem. Dessa forma, o estudo comprova que as crianças não estão alheias aos imbrólios que permeiam as arquibancadas do estádio de futebol, mas relacionam-se com eles e significam-os à sua maneira.

Considerando as discussões tecidas, penso que essa pesquisa contribui para o campo científico à medida que investiga a atuação das crianças em um contexto que, até então, é pouco analisado pela academia. O estudo comprova que é importante ouvi-las nas produções científicas sobre futebol e torcidas, não por representarem “o futuro da arquibancada” – discurso geralmente reproduzido pelos adultos torcedores – mas por já participarem, enquanto crianças, deste espaço-tempo que é a arquibancada (SILVA, M., 2024). Assim, essa perspectiva endossa o lugar das crianças enquanto agentes de cultura e sujeitos de direitos.

Os limites desta dissertação, bem como a pouca produção acadêmica sobre a temática, reforçam a importância de investigações contínuas acerca do torcer-criança. Atesto para recortes que identifico como promissores para serem desenvolvidos em futuras pesquisas, como o direito ao acesso das crianças aos estádios brasileiros, o torcer-criança nas arquibancadas dos estádios de várzea e o torcer-criança para além dos estádios de futebol, como aquele que se dá em contextos comunitários. Aponto, ainda, para a necessidade de que as

questões orientadoras das pesquisas sobre as crianças torcedoras estejam profundamente conectadas a aspectos de gênero, raça e classe. Isso ajudará a destacar as histórias de grupos que historicamente foram silenciados no Brasil, bem como a fortalecer as suas lutas.

Encerro esse texto com um trecho da conversa com Gabriela. As palavras da menina também reforçam o meu desejo. Quero que as arquibancadas estejam cada vez mais cheias de crianças torcedoras, sobretudo àquelas pertencentes às classes populares, que foram dificultadas de participar do estádio devido aos contextos capitalistas e econômicos que se entrelaçam ao fenômeno social do futebol. Penso que não se pode considerar que a dada conjuntura de elitização seja imutável, pois o tempo presente sempre será um campo de disputas. Que, portanto, o futebol e o Maracanã voltem, o quanto antes, a serem nossos.

- Como é, pra você, ser criança na torcida? – pergunto a Gabriela.
 - Eu nunca parei pra pensar nisso. Às vezes eu penso que os jogadores gostam mais das crianças – responde a criança.
 - Por que você acha isso?
 - Não sei... porque só tem adulto, quase. Tem que ter mais crianças para liderar.
- (Conversa com Gabriela, 29/09/2023, jogo entre Fluminense e Santos)

REFERÊNCIAS

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, maio/ago. 2005.

ARANTES, Esther Maria de Magalhães. Direitos da criança e do adolescente: um debate necessário. *Psicologia Clínica (PUC RJ)*, v. 24.1, p. 45-56, 2012.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

AQUINO, Jefferson Nicássio Queiroga de. O torcer no futebol como possibilidade de lazer e vínculo identitário para torcedores de América-MG, Atlético-MG e Cruzeiro. Dissertação (Mestrado em Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

BAKHTIN, Mikhail Mikhalovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BANDEIRA, Gustavo Andrade. *Do Olímpio à Arena: Elitização, Racismo e Heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio*, 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2017.

BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

_____. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOARETO, Luiza Mendes. *Torcedoras: um rádio documentário com elas*. Monografia (Bacharelado em Jornalismo). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, 2019.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país, 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 27 fev. 2024.

_____. Decreto Nº 99.710, de 21 de novembro de 1990. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Brasília, 1990 (a).

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1990 (b).

_____. Lei Nº 14.597, de 14 de junho de 2023. Institui a Lei Geral do Esporte. Brasília, 2023.

_____. Lei Nº 10.671. Estatuto de Defesa do Torcedor. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.671.htm>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BONFIM, Aira Fernandes. Futebol Feminino no Brasil: entre festas, circos e subúrbios, uma história social (1915-1941). São Paulo: Aira Bonfim, 2023.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAMPOS, Priscila. Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CÂNDIDO, Antônio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. Educação e sociedade. Rio de Janeiro: Nacional, 1978. p. 107-128.

CARVALHO, Cibele Noronha de; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. “Palavrão é o que não tem no corpo de Deus”: um estudo do obsceno infantil. Educação em Revista / UFMG, vol. 36, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698221704> Acesso em 20 mar. 2024.

CASTELLANI FILHO, Lino. Esporte e mulher. Motrivivência, n. 2, p. 87-92, 1989.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: Crianças e jovens na construção da cultura. 1 ed. Rio de Janeiro: NAU. Editora FAPERJ, 2001.

_____. A politização (necessária) do campo da Infância e da Adolescência. Psicologia Política. v. 14, n. 7, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v7n14/v7n14a05.pdf>>. Acesso em: 25 dez. de 2023.

CORSARO, William Arnold. A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças. Educação, Sociedade e Cultura, Porto, Portugal, n.17, p.113-134, 2002.

COELHO, Gustavo. PiXadores, torcedores, bate-bolas e funkeiros: doses do enigma no reino da humanidade esclarecida. 2015. 209 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

_____. Estádios sem mito: cadeiras e esquizofrenia. Esporte e Sociedade. Niterói, v. 12, n. 29, 2017.

CONHEÇA o torcedor mirim que fugiu de casa para ver o Palmeiras no Pacaembu. GE, São Paulo, 5 mai. de 2018. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/conheca-o-torcedor-mirim-que-fugiu-de-casa-para-ver-o-palmeiras-no-pacaembu.ghtml>>. Acesso em: 24 jul. 2024.

COSTA, Leda. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. Esporte e Sociedade. Niterói, n.4, p. 1-31, 2007.

CRUZ, Adriana. LEITÃO, Leslie. FACHEL, Flávio. Justiça veta organizadas de Fla, Flu e Vasco por 5 anos e decreta prisão de chefes de torcidas. G1, Rio de Janeiro, 13 mar. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/03/13/justica-do-rio-decreta-prisao-de-chefes-de-torcidas-organizadas.ghtml>> Acesso em: 25 abr. 2023.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 1994.

_____. A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DURKHEIM, Émile. As Regras do Método Sociológico. 3. ed. Traduzido por Paulo Neves. São Paulo: Martin Fontes, 2007.

FERNANDEZ, Renato Lanna. O Fluminense Football Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933). 2010. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais)–Centro de Pesquisa e Documentação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

FLUMINENSE FOOTBALL CLUB. *Termos de Uso. Regulamento e Termos de Uso dos Serviços do Programa Sócio Futebol do Fluminense Football Club*. Disponível em: <<https://sociofutebol.com.br/termos-e-politicas>> Acesso em 15 out. 2023.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org). Pesquisa participante. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. p. 34-41.

GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre: LP&M, 2004.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Lisandra Ogg. Particularidades da infância na complexidade social: Um estudo sociológico acerca das configurações infantis. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

_____. Infância, participação e socialização. Psicol. Conoc. Soc., Montevideo, v. 11, n. 1, p. 85-96, 2021.

HELAL, Ronaldo. Futebol, Cultura e Cidade. Logos. Rio de Janeiro, n. 5, p. 5-7, 1996.

HOBBSAWM, Eric. A era dos impérios: 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 7.^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

JAMES, Alison; JENKS, Chris; PROUT, Alan. O corpo e a infância. In: KOHAN, Walter Omar; KENNEDY, David. *Filosofia e infância: possibilidades de um encontro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 207-238.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. Lugares da infância: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, p. 51-68, 2004.

LAUAND, Jean. Reavaliando a fraseologia I—a origem das expressões: “torcedor”, “bater papo” e “será o Benedito?”. *Revista Internacional d’Humanitats*, v. 36, 2016.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância: ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 183-198.

LIEBEL, Manfred. *Infancias dignas, o cómo descolonizarse*. Peru: Ifejant, 2019.

LOPES, Daniel Ortiz. ONDE ESTÁ O MARACANÃ? Ecos de um patrimônio urbano. *Anais XVIII ENANPUR*, 2019.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. “Futebol moderno”: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística. *Revista de Estudios Brasileños*, v. 5, n. 10, p. 159-175, 2018.

LOPEZ, Max Valério. Infância e colonialidade. In: VASCONCELLOS, Tânia. *Reflexões sobre infância e cultura*. Niterói: EdUFF, 2008. p. 21-37.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36.

MACEDO, Nélia Mara Rezende. Alterar, alterar-se: ser professora, ser pesquisadora. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Orgs.). *Infância em pesquisa*. Rio de Janeiro: Nau, 2012, p. 109-130.

MADDALENA, Tania Lucía; SKLIAR, Carlos. Narrar la pandemia: una conversación en tiempos de incertidumbre. *Periferia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 18-34, set./dez. 2022. Disponível em: <<https://is.gd/OKZGZJ>>. Acesso em: 18 nov. 2023

MAGALHÃES, Máira Uchôa. Espaço Para Crianças Nos Estádios De Futebol Da 1ª Liga Portuguesa: Um Estudo De Caso. *Dissertação (Mestrado em Estudo da Criança)* – Universidade do Minho, Portugal, 2021.

MARCHI, Rita de Cássia. As Teorias da Socialização e o Novo Paradigma Para os Estudos Sociais da Infância. *Educação e Realidade*, nº 34 (1) p. 227-246, jan/abr, 2009.

MARRA, Pedro Silva. ‘Ei, juiz, vai tomar no cu’: políticas torcedoras e do futebol e sonoridades de xingamentos em performances masculinas. *FuLiA / UFMG*. Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 55-80, 2017.

_____. Por que torcidas organizadas de um mesmo time nem sempre cantam em uníssono no Brasil? Violência, políticas sônicas e práticas torcedoras. *Recordes: Revista de História do Esporte*, v. 16, n. 1, 2023.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. *Revista Cidades*, v. 10, n. 17, 2013.

_____. Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

_____. O direito ao estádio. *Ludopédio*, São Paulo, v. 119, n. 12, 2019.

MEDEIROS, Jimmy; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Sócios-torcedores versus torcidas organizadas? Disputas simbólicas e representações coletivas do torcer no futebol do Rio de Janeiro. *Esporte e Sociedade*. Niterói, n. 36, p. 1-32, 2022.

MEIRELES, Cecília. Ou isto ou aquilo. 7ª edição. São Paulo: Global Editora, 2014.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 9-27.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 391-403, ago. 2005.

OLIVIER, Giovanina Gomes de Freitas. Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade. 1995. Tese (Mestrado em Educação Motora) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1995.

ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. *ReVEL*, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 334-348, ago. 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/122427>. Acesso em 27 mar. 2024.

PAPA, Gianluca. Maracanã de ontem e de hoje. Rio de Janeiro: Autografia, 2022.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. A Metodologia Mora no Tema: infância e cultura em pesquisa. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 46, n. 1, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/106860>. Acesso em: 2 dez. 2023.

_____. Por uma ética da responsividade: exposição de princípios para a pesquisa com crianças. *Currículo Sem Fronteiras*, v. 15, n. 1, p. 50-64, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2QlFs3Z>. Acesso em: 6 nov. 2023.

PESSANHA, Nathália Fernandes. O mundo da bola. A proibição do futebol de mulheres em diferentes campos. *Esporte e Sociedade*, n. 32, 2021.

PRADO, Renata Lopes Costa; FREITAS, Marcos Cezar. (2020). Normas Éticas traduzem-se

em ética na pesquisa? Pesquisas com crianças em instituições e nas cidades. *Práxis Educacional*, 16(40), 25-46. Disponível em <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6879>. Acesso em: 26 nov. 2023.

QUEIROZ, Felipe Pereira de; SILVA, Silvio Ricardo. Lazer, economia e futebol: as mudanças na precificação do ingresso no estádio Mineirão entre 1994-2018. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, v. 8, p. 1-18, 2021.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, 2010.

_____. Nove teses sobre a " infância como um fenômeno social". *Pro-posições*, v. 22, p. 199-211, 2011.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Da proibição do futebol de mulheres: a atuação do Conselho Nacional de Desportos e a interdição esportiva feminina no Brasil (1941-1957). *Tempo*, v. 29, p. 86-106, 2023.

RICHARDSON, Jarry Roberto. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas; 1999.

RIO DE JANEIRO (Município). Lei Nº 5.837, de 12 de março de 2015. Dispõe sobre o acesso de acompanhante necessário de pessoas com deficiência nos locais que especifica, e dá outras providências. Rio de Janeiro, RJ: Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 2015.

RIO DE JANEIRO (Estado). Lei Nº 4476, de 28 de dezembro de 2004. Fica assegurado o acesso gratuito, aos menores de 12 anos que estejam acompanhados de responsável, às atividades desportivas realizadas em estádios e ginásios localizados no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

_____. Lei Nº 2.051, de 30 de dezembro de 1992. Concede gratuidade de entrada nos estádios, ginásios esportivos e parques aquáticos do Estado do Rio de Janeiro às pessoas portadoras de deficiência. Rio de Janeiro, RJ: Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, 1992.

RIOS, Fábio Daniel da Silva; COELHO, Maria Claudia Pereira. Emoção e masculinidade no universo do futebol no Brasil. *cadernos pagu*, p. e205807, 2020.

ROCHA, Edmar José da; ROSEMBERG, Fúlvia. Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos (as). *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 759-799, 2007.

ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo: Edusp, 1993.

SÃO PAULO (Município). Lei Nº 11.256, de 6 de outubro de 1992. Isenta de pagamento de ingresso em jogo de futebol, oficiais e amistosos, no Estádio Paulo Machado de Carvalho, menores de 12 anos e maiores de 60 anos de idade, e dá outras providências. São Paulo, SP: Prefeitura do Município de São Paulo, 1992.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *Imaginário e culturas da infância*. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal, 2003.

_____. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. In: Revista Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p.337-712, 2005.

_____. Mapa de Conceitos na área de estudos da Sociologia da Infância. Revista Eletrônica Zero-a-seis, v. 14, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. Revista USP. São Paulo, n. 22, p. 30-37, jun/jul/ago, 1994.

SILVA, Antonio Luiz da. Jogando pelas beiradas: Sobre o vivido de meninos e homens num estádio de futebol em Catingueira-PB. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), São Paulo, v. 22, n. 22, p. 103-117, maio 2014.

_____. Ao som dos “palavrões e nomes feios”: A inserção das crianças no universo do futebol amador em Catingueira–PB. Esporte e Sociedade, v. 1, n. 25, 2015.

_____. As Crianças e o Futebol em Catingueira-PB: Valores comunitários ensinados a partir do estádio vovozão. Kinesis, v. 36, n. 3, 2018.

SILVA, Conceição Firmina Seixas; GOMES, Lisandra Ogg. Participação política e infância: como as crianças brasileiras se posicionam e se fazem presentes em seus contextos sociais. Education Policy Analysis Archives, v. 31, 2023.

SILVA, Maria. Futebol e infância: a importância da inserção das crianças nos estudos sobre torcidas. Ludopédio, São Paulo, v. 181, n. 2, 2024.

SIMAS, Luiz Antonio. Maracanã: quando a cidade era terreiro. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SIMÕES, Irlan. Clientes versus rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Multifoco: 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes. “Território” da divergência (e da confusão): Em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (org.) Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular : UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p. 57-72.

STÉDILE, Miguel Enrique. Clubes de futebol operário como espaço de autonomia e dominação. Espaço Plural, v. 14, n. 29, p. 15-44, 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: a metafísica do homem comum . Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 175–189, 2010. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19175>. Acesso em: 2 jan. 2024.

TORRES, Antônio. O discreto silencio da bella torcedora.... *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1918. Edição 7196, p. 2.

ANEXOS

Anexo A - Termo de consentimento livre e esclarecido (participante)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “Entre faixas, bandeiras e sinalizadores: o torcer-criança nas arquibancadas de uma torcida de futebol da cidade do Rio de Janeiro”, conduzida por Maria Aparecida da Silva. Essa pesquisa tem por objetivo compreender como as crianças experienciam e constroem suas ações torcedoras perpassadas por essa condição e espaço – a de ser criança em uma torcida de futebol.

Você foi selecionado(a) por critério de proximidade com a pesquisadora. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Cabe destacar que toda pesquisa envolve riscos, ainda que mínimos. Por se tratar de uma pesquisa teórica-empírica, durante a entrevista e o grupo de discussão, serão realizadas perguntas a respeito de aspectos sociais, culturais e econômicos vinculados a sua vida pública e privada. Caso você venha a sentir algum desconforto físico, moral, psíquico, intelectual, social, cultural ou espiritual deverá comunicar imediatamente à pesquisadora e terá liberdade para não responder às perguntas e/ou abandonar a pesquisa a qualquer tempo, mesmo que você e seu responsável legal tenham aprovado sua participação. Cumpre salientar que, depois de obtido seu consentimento para participar da pesquisa, as entrevistas serão registradas com o uso de gravador.

Sua participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes.

A participação nesta pesquisa consistirá em conversas não estruturadas e observação-participante. O local de realização da pesquisa será no Estádio do Maracanã, com duração de 2h, conduzidas pela pesquisadora Maria Aparecida da Silva, com a presença do responsável legal e do menor participante.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

A entrevista será gravada para posterior transcrição.

Na divulgação dos resultados será necessário utilizar sua imagem em foto e/ou vídeo e/ou gravação feita em áudio. Você precisa concordar com esse procedimento.

O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Caso você se sinta prejudicado, o parágrafo IV.3, os itens (g) e (h) da Resolução 466/12 garante os direitos de ressarcimento e indenização (se necessário): "g) explicitação da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes"; e "h) explicitação da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa." Há também base na Resolução 510/16, no Artigo 9, nos itens VI e VII: "VI ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei; e VII o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa".

Contatos do pesquisador responsável: Maria Aparecida da Silva, aluna do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), e-mail: mari-ffc@hotmail.com e telefone (21) 987809943.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, E-mail: coep@sr2.uerj.br — Telefone: (021) 2334-2180. O COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____.

Nome do(a) participante: _____ Assinatura: _____

Nome do(a) pesquisador: _____ Assinatura: _____

Anexo B - Termo de consentimento livre e esclarecido (responsável)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O menor sob sua responsabilidade está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**Entre faixas, bandeiras e sinalizadores: o torcer-criança nas arquibancadas de uma torcida de futebol da cidade do Rio de Janeiro**”, conduzida por Maria Aparecida da Silva. Essa pesquisa tem por objetivo compreender como as crianças experienciam e constroem suas ações torcedoras perpassadas por essa condição e espaço – a de ser criança em uma torcida de futebol.

Ele foi selecionado(a) por critério de proximidade com a pesquisadora. A participação não é obrigatória. A qualquer momento, ele/ela poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Cabe destacar que toda pesquisa envolve riscos, ainda que mínimos. Por se tratar de uma pesquisa teórica-empírica, durante a entrevista e o grupo de discussão, serão realizadas perguntas a respeito de aspectos sociais, culturais e econômicos vinculados à vida pública e privada do menor. Caso o menor venha a sentir algum desconforto físico, moral, psíquico, intelectual, social, cultural ou espiritual deverá comunicar imediatamente à pesquisadora e terá liberdade para não responder às perguntas e/ou abandonar a pesquisa a qualquer tempo, mesmo que você, seu responsável legal, tenha aprovado sua participação. Cumpre salientar que, depois de obtido seu consentimento para participar da pesquisa, as entrevistas serão registradas com o uso de gravador.

A participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes.

A participação nesta pesquisa consistirá em conversas não estruturadas e observação-participante. O local de realização da pesquisa será no Estádio do Maracanã, com duração de 2h, conduzidas pela pesquisadora Maria Aparecida da Silva, com a presença do responsável legal e do menor participante.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de participação.

A entrevista será gravada para posterior transcrição.

Na divulgação dos resultados será necessário utilizar sua imagem em foto e/ou vídeo e/ou gravação feita em áudio. Você precisa concordar com esse procedimento.

O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você autorize o menor sob sua responsabilidade a participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável/coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto, agora ou a qualquer momento.

Caso você se sinta prejudicado, o parágrafo IV.3, os itens (g) e (h) da Resolução 466/12 garante os direitos de ressarcimento e indenização (se necessário): "g) explicitação da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes"; e "h) explicitação da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa." Há também base na Resolução 510/16, no Artigo 9, nos itens VI e VII: "VI ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei; e VII o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa".

Contatos do pesquisador responsável: Maria Aparecida da Silva, aluna do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), e-mail: mari-ffc@hotmail.com e telefone (21) 987809943.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, E-mail: coep@sr2.uerj.br — Telefone: (021) 2334-2180. O COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do menor sob minha responsabilidade nesta pesquisa e autorizo sua participação.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____.

Nome do participante menor: _____

Nome do(a) Responsável: _____ Assinatura: _____

Nome do(a) pesquisador: _____ Assinatura: _____